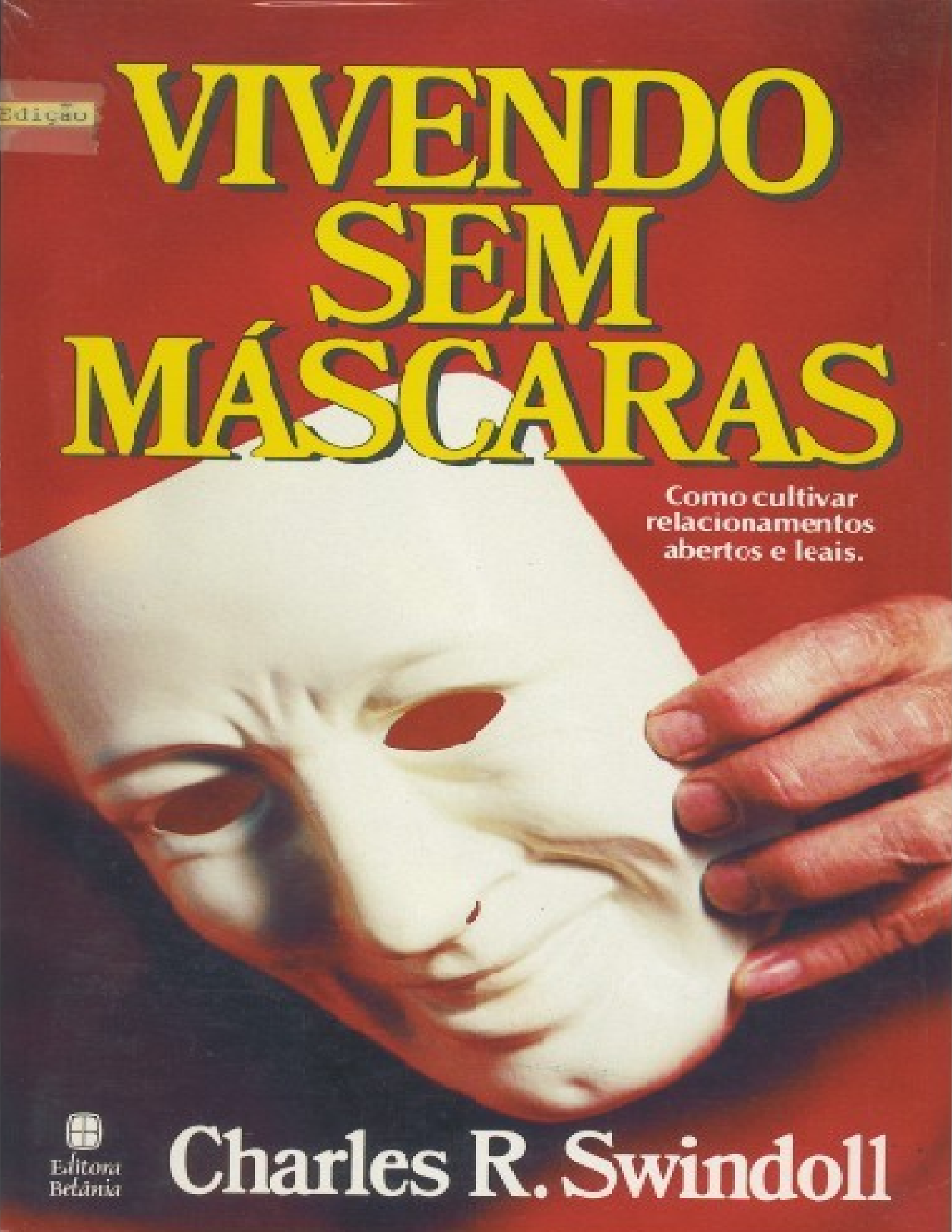
Edição

VIVENDO SEM MÁSCARAS

Como cultivar relacionamentos abertos e leais.



Charles R. Swindoll

Editora Betânia

VIVENDO SEM MÁSCARAS

Como cultivar relacionamentos abertos e leais

Charles R. Swindoll

A sobrevivência social dentro e fora da igreja fica, aparentemente, bem mais fácil quando usamos máscaras que escondem quem na verdade somos. Sentimo-nos mais seguros projetando uma imagem de vigor espiritual, de santidade, de perfeito controle da situação. O problema é que por trás de nossas máscaras, da imagem que procuramos projetar, sentimo-nos solitários, efetivamente distanciados e isolados das pessoas a quem mais amamos e cuja aceitação e perdão são tão importantes para nós. Neste livro, Charles Swindoll, também autor de “Eu, um Servo?” e de “Firme

DEDICATÓRIA

Alguns anos atrás, tomei uma decisão muito importante. Sentia-me empurrado de um lado para o outro pela influencia de diversas pessoas, e compreendi que precisava buscar um relacionamento mais chegado, com um grupo menor – de pessoas mais objetivas, que tivessem toda a minha confiança – pessoas de mentalidade bem forte, mas ao mesmo tempo de uma clara visão interior; capazes de mostrar-me o que eu não conseguia enxergar, pessoas sinceras, que pudessem revelar-me sempre a verdade, mas que soubessem amar, para saberem estimular-me. Seriam pessoas que pudessem manifestar traços essenciais tais como integridade, discrição, humildade, acessibilidade, e uma vida de comunhão com o Senhor coerente e sensível.

Hoje que Deus já reuniu em torno de nós esse corpo de conselheiros, e minha vida recuperou certa estabilidade (e eu, meu equilíbrio mental), estou percebendo como é valioso estar cercado por um grupo tão idôneo, e sentir-me responsável perante ele. Eles se tornaram amigos muito íntimos, e dou graças pelas horas que de boa vontade dedicaram à minha pessoa. Devido à natureza desse relacionamento, é preciso que continuem anônimos. Mas Deus, que recompensará publicamente todos os esforços praticados para ele em secreto, um dia irá derramar sobre eles bênçãos e mais bênçãos, e lhes dará o seu galardão.

E é a esses amigos, com quem tenho aprendido tanto sobre essa questão de viver sem máscaras, e que me deram toda a liberdade para ser eu mesmo, que dedico estas páginas e os princípios expostos neste livro.

Seus Valores", trata de uma das mais marcantes necessidades de nossa época: a de termos relacionamentos abertos, sinceros e significativos.

ÍNDICE

Introdução

1. Desprendendo a Máscara – o Começo

2. O Aprofundamento Traz o Risco das Mudanças

3. Aproximar-se Mais é Fortalecer-se

4. Operação Integração

5. Unidos e Invencíveis

6. Quando o Relacionamento Acaba

7. O Verdadeiro Amor

8. Precisa-se: Abrigo Para as Vítimas da Enchente

9. Os Elementos Perniciosos Terão que Ser Eliminados

10. Decida por Si Mesmo

11. A Necessidade de Respondermos Perante Alguém

12. Um Transplante de Esperança - a Operação Mais Necessária

Conclusão
INTRODUÇÃO

- Está bem, pessoal, vamos remover as máscaras!
Há momentos em que tenho vontade de levantar-me e falar isso. Nunca fiz, é claro, mas tenho sido muito tentado. Você já imaginou a reação das pessoas?
Para a maioria delas, isso seria uma temeridade, principalmente para aquelas que aprenderam que, para sobreviver, temos que estar sempre de máscara. E já notou que existe um tipo de máscara para cada situação? O que sentimos não importa, não importa a verdade, o fato é que, quando aprendemos a esconder-nos habilidosamente por trás de uma máscara, não precisamos enfrentar todas as dificuldades a que estaríamos expostos se nos apresentássemos a descoberto. Com ela nos sentimos mais seguros. E **o que nos falta em sinceridade é compensado por uma falsa segurança**.
Quem usa uma máscara tipo "sou forte", por exemplo, não tem de preocupar-se com o reconhecimento de sua fraqueza ou do medo que na verdade sente. Quem mantém sempre a máscara do tipo "sou santo", não precisa incomodar-se com o que as pessoas pensam a seu respeito, se elas acham que você tem problemas espirituais. Outra máscara é a "sou tranqüilo, porque estou com tudo sob controle", que vem bem a calhar quando temos que enfrentar perguntas difíceis, um diálogo sincero ou confessar **nossa vulnerabilidade**. Uma outra fachada falsa muito utilizada é a do "sou capaz de suportar bem toda essa dor e sofrimento". E não se vêem lágrimas, e nem mesmo uma leve ruga de preocupação. Essa aí é ótima, quando estamos cercados de pessoas superespirituais, que admiram frases tais como: "Ah, eu estou bem", ou "Estou declarando a vitória", que são sempre acompanhadas de sorrisos estóicos e pálpebras semicerradas. Existem também máscaras de intelectualidade e erudição, que nos protegem dos problemas práticos e corriqueiros do dia-a-dia.
Só existe um problema nessa brincadeirinha de **usar máscara** – não é verdadeira. Por isso, ela **nos força a passar de largo pelas pessoas sem nos relacionarmos realmente com elas.** Isso favorece uma atitude falsa, a de querer dar uma boa impressão, em vez de um realismo sincero, que nos liberta e avalia as tensões. E o que é pior, quando escondemos nossa verdadeira personalidade por detrás de uma camada de verniz reluzente, acabamos nos isolando e ficamos sozinhos, em vez de sermos compreendidos e amados do jeito que somos. O mais triste de tudo isso é que quanto mais tempo continuarmos agindo assim, melhor se torna nosso desempenho, e mais isolados vamos ficando em nosso oculto mundo de temores, sofrimentos, raiva, insegurança e tristeza – todas essas coisas são emoções normais e naturais que procuramos esconder, mas que mostram que somos apenas humanos.
E o resultado disso tudo? Distanciamento. O distanciamento que deixa você fora de sintonia comigo – separado de mim por muralhas bem lacradas, trancadas, que impedem que cheguemos a nos conhecermos um ao outro, e a nos auxiliarmos mutuamente quando for necessário. Mas prevalece o fato de que esse distanciamento precisa ser solucionado, se é que desejamos sobreviver nesta geração de excessivo individualismo. Precisamos uns dos outros. Apesar de toda a incerteza, as compensações que temos por viver sem máscaras superam em muito os riscos envolvidos nessa atitude. O problema, porém, é como nos convencermos e que vale a pena fazer esse esforço, principalmente se já criamos o habito de usar máscaras... e quem não criou?
Então, resumindo, este é o meu objetivo ao escrever este livro: convencer o leitor do valor de criarmos relacionamentos sem máscaras com outros. E talvez alguém pergunte por que desejo isso, já que não os conheço pessoalmente. Por que eu iria escrever um livro como este? Em que ele poderia ajudar o leitor?

Posso citar duas razões. Primeiro, porque eu próprio vivi muitos anos por detrás de máscaras. E nunca me esquecerei das conseqüências; e, se pudesse, não gostaria de esquecê-las. Eu tinha uma vida protegida, tentando desempenhar um papel que não era o meu, o que não me levou a nada, a não ser a maior temor e a barreiras ainda mais elevadas. Quero conscientizar o leitor da situação em que se encontra, e mostrar-lhe que existe um modo melhor de viver o resto de sua vida. Eu me importo muito com isso, e não posso deixá-lo continuar a pensar que tem que estar preso a essa máscara para sempre.

A segunda razão é que agora que já experimentei a alegria e a liberdade de viver sem máscaras, sinto que não preciso mais enganar ninguém, não quero mais brincar de usar máscara e de produzir com os lábios palavras que não encontram eco em meu coração. Quero que você entenda a mesma coisa. E como é maravilhoso viver assim!

- Mas é tão diferente assim? perguntará você.

É a mesma diferença que existe entre uma lagarta lenta e cabeluda e uma belíssima borboleta que voa livremente; entre estar preso num canto escuro, sempre questionando nosso valor próprio, esperando que ninguém descubra como somos humanos, e estar livre para deixar que todos saibam a verdade, livre para não esconder mais nada, para ser confiante e seguro, ao mesmo tempo em que se mostra 100% humano, sem nenhuma máscara de hipocrisia. Quero ajudá-lo a pôr os pés na estrada, para essa viagem.

É claro que o objetivo dessa viagem não é simplesmente desmascarar-nos, e expor a todos nosso sofrimento, revelando nosso verdadeiro eu. Isso é apenas um meio para se atingir um fim. O objetivo final é, na verdade, aprendermos a cultivar uma atmosfera de sinceridade tal que nos sintamos livres para falar de nossos anseios de modo mais espontâneo, e conversar sobre nossas esperanças, e estabelecer nossos alvos de vida. Quando nos tornamos pessoas menos tensas, cuja companhia é agradável, automaticamente levamos os outros a agirem da mesma forma. E à medida que a vida transcorre, uma existência que antes era penosa, vai-se tornando mais e mais significativa, e o isolamento de antes vai aos poucos sendo substituído por um envolvimento na vida de outros.

Mas antes que alguém possa ter uma idéia errada sobre este livro, quero assegurar que ele não se baseia numa filosofia humanística, nem em psicologia popular, nem em uma mentalidade centralizada no ego. Quero deixar uma coisa bem clara: sou um daqueles que crêem integralmente na Bíblia. Sendo pastor, venho absorvendo seus ensinos em todos esses anos de minha vida adulta, desde o final da década de 50. Além disso, tenho procurado a outros esses princípios, todas as semanas, desde aquela época. Portanto, a perspectiva pela qual visualizo minhas convicções e aprendizados é a Bíblia. E à medida que se desenvolvem os capítulos deste livro, o leitor verá a importância e a sabedoria dela. É minha esperança que você se convença de que **a Palavra de Deus é atual e verdadeira, e pode libertá-lo** desse denso casulo de temores em que vive, dando-lhe asas para voar, libertando-o **de todas as máscaras**. Ao contrário do que pensa a maioria das pessoas, Deus nos deu a Bíblia para que pudéssemos nos libertar e desenvolver todo o nosso potencial, e não para nos encurralar em um canto, e ver-nos reclamar.

Estou em débito com minha secretária, Helen Peters, por seu incansável e paciente trabalho, já que datilografou e corrigiu varias vezes o manuscrito. Todos os escritores precisam de uma excelente assistência com a dela. Também merecem uma salva de palmas meus amigos de Word books, pela incessante amizade por mim, e dedicação para que este livro seja da melhor qualidade: o Dr. Heatherley, Floyd Thatcher, Ernie Owen, Bob Wolgemuth e nossa cuidadosa revisora, Beverly Phillips, com sua grande capacidade de enxergar detalhes. Cada um deles teve um papel muito importante na realização deste livro.

Agradeço também ao meu velho amigo Paul Lewis, com sua habilidade artística, que criou a capa e fez o design. Meu agradecimento também a Jim Killion que me ajudou a escolher o título.
Quero expressar minha gratidão também à igreja que tenho o privilegio de pastorear desde 1971, a Primeira Igreja Evangélica Livre de Fullerton, Califórnia. Esse fiel rebanho tem lotado nosso templo, dominicalmente, com um entusiasmo contagiante, para adorar a Deus e atender às verdades da Palavra de Deus. As idéias que ora se acham inseridas nestes capítulos, originalmente foram sermões pregados ali. E este livro hoje existe por causa da reação positiva de muitos dos que ouviram tais sermões e me aconselharam a publicar essas revelações que Deus me deu e me permitiu transmitir a outros.
Por fim, quero agradecer a minha família pela sua compreensão, por entenderem o quanto gosto de escrever, e como uma tarefa dessas exige tempo e esforço. Se não me houvessem cercado de tranqüilidade, segurança e estímulo para me dedicar ao trabalho é possível que "Vivendo Sem Máscaras" teria que receber o título de "Perdendo a Cabeça".

Charles Swindoll
Fullerton, Califórnia

CAPÍTULO UM
DESPRENDENDO A MÁSCARA – O COMEÇO

A comemoração de uma data é uma excelente ocasião para se fazer uma auto-avaliação. Passado o momento da nostalgia, depois de enxugarmos as lágrimas, é incrível como podemos ter uma atitude objetiva. A auto-avaliação pode trazer muitas revelações.
Alguns anos atrás, comemorei dez anos de ministério na igreja onde trabalho, em Fullerton, Califórnia. Felizmente, a gente não transforma essas datas em grandes acontecimentos, mas foi uma ótima ocasião para se fazer uma apreciação do que ficara para trás. Passamos pelas conhecidas fases de toda igreja em desenvolvimento: um sólido começo, crescimento regular, a expansão no primeiro local, maior crescimento, diversos cultos dominicalmente (por fim já estávamos com cinco cultos dominicais, nos últimos quatro anos), planos para mudança de local, a compra do terreno maior, a construção, e afinal a mudança para o novo templo. Ufff! Fiquei cansado só de escrever tudo isso. E cada uma das partes desse ciclo trouxe consigo sua quota de problemas e de alegrias.
E naquela tarde de domingo, após a breve comemoração da data, quando eu meditava sobre os dez anos completados, tive vários lampejos de revelações. Tinha um profundo sentimento de gratidão tanto a Deus como à igreja de Fullerton. Como as pessoas tinham-se mostrado maleáveis, como tinham sabido perdoar, apoiar, e como tinham sido entusiásticas! A despeito de todas as mudanças, todo o desconforto do salão lotado, os problemas de estacionamento, os corredores apertados, as crises financeiras e os problemas pessoais, tinham permanecido firmes. Embora parecêssemos mais uma Disneylândia do que uma igreja (principalmente para as pessoas que moravam nos arredores e nos viam só de fora), conseguimos manter nosso equilíbrio mental e nossa unidade interior. Finalmente conseguimos nos acomodar e voltar às atividades do ministério. Só havia um problema: a casa estava lotada de novo. Éramos forçados a barrar pessoas. E devo acrescentar que o estacionamento tornara-se insuficiente. A situação tinha todos os sintomas da mesma velha cantiga, outra vez.

REAVALIAR O CRESCIMENTO

Há momentos em que o dirigente de um trabalho é obrigado a encarar alguns fatos penosos. E foi o que tive de fazer naquela tarde. Compreendi que o crescimento pode ser estimado de muitas formas, e não apenas numericamente. Existe algo que é infinitamente mais importante do que o crescimento desmesurado. Embora o crescimento numérico seja a maneira mais comum de se determinar o sucesso de um ministério, ter mais não significa necessariamente ser melhor. Apesar de toda a agitação que cerca um crescimento rápido e um templo lotado, existem alguns pontos negativos. É muito fácil uma pessoa se sentir solitária e meio perdida no meio de uma multidão – até mesmo num templo. As pessoas começam a se parecer umas com as outras. Os nomes começam a ficar embaralhados, e daí a pouco perdem sua importância. Problemas são ignorados. Parece que a principal preocupação de todo mundo é correr para pegar vaga no estacionamento, e um lugar para sentar. Se não tivermos cuidado, daí a pouco ficaremos mais parecidos com um cardume de vorazes piranhas, do que com um dócil rebanho de ovelhas. E o pior de tudo, é que a igreja se torna mais parecida com o mundo, ao invés de mostrar-se distinta dele. E a idéia dos "lobos devorando uns aos outros" simplesmente passa a ser "ovelhas devorando umas às outras".
Nada disso é intencional, claro. Ninguém ali se põe de pé e toca um apito para fazer todos correrem, como ratos num navio. E acredite-me, esse crescimento não foi premeditado por mim nem pelos colegas pastores. Lembro-me bem da primeira vez que li nalgum lugar que nossa igreja era considerada uma "superigreja". Senti-me muito incomodado com esse rótulo. Cheirava a publicidade barata, exagerada, teatral, coisa a que eu nunca quisera estar associado. Mas não tinha como escapar. Nosso crescimento numérico granjeara para nós o rótulo. Como solucionar o problema? Seria possível ter uma igreja grande em número e ao mesmo tempo com profundidade nas coisas que realmente importam? Por que não poderíamos ter um envolvimento pessoal maior, e, ao mesmo tempo, um ministério bem ampliado? Será que tamanho e profundidade são incompatíveis? Será que não é possível a um grupo de milhares de pessoas aprender a se relacionar umas com as outras? Essas perguntas ficavam rondando-me a mente. E embora um grande número de "autoridades" na questão tivesse tentado dar-me respostas para elas (e muitas disseram: "É impossível"), nenhuma delas parecia satisfatória.

AVALIAÇÃO DIVINA

Resolvi procurar saber o que Deus tinha a dizer. Fazendo um rápido estudo do crescimento da igreja primitiva no livro de Atos, percebi como era grande realmente a igreja do primeiro século. Primeiro, três mil convertidos; pouco depois mais uns milhares; e algum tempo depois mais alguns milhares. E, no entanto, era um grupo cheio de dinamismo e de amor. Senti-me aliviado, mas, ao mesmo tempo, intrigado. Ali havia equilíbrio entre dar e receber, entre ouvir e praticar, entre receber instrução e estar envolvidos uns na vida dos outros. Sorri ao ler versos como os seguintes:

"E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações. E em toda a alma havia temor, e muitas maravilhas e sinais se faziam pelos apóstolos. E todos os que criam estavam juntos, e tinham tudo em comum. E vendiam suas propriedades e bens, e repartiam com todos, à medida que alguém tinha necessidade." (At 2.42-45)

"E era um o coração e a alma da multidão dos que criam, e ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns. E os apóstolos davam, com grande poder, testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça. Não havia, pois, entre eles necessitado algum; porque todos os que possuíam herdades ou casas,

vendendo-as, traziam o preço do que fora vendido, e o depositavam aos pés dos apóstolos. E repartia-se a cada um, segundo a necessidade que cada um tinha." (At 4.32-35)

"E muitos sinais e prodígios eram feitos entre o povo pelas mãos dos apóstolos. E estavam todos unanimemente no alpendre de Salomão. Dos outros, porém, ninguém ousava ajuntar-se a eles; mas o povo tinha-os em grande estima. E a multidão dos que criam no Senhor, tanto homens como mulheres, crescia cada vez mais. De sorte que transportavam os enfermos para as ruas, e os punham em leitos e em camilhas para que ao menos a sombra de Pedro, quando este passasse, cobrisse alguns deles. E até das cidades circunvizinhas concorria muita gente a Jerusalém, conduzindo enfermos e atormentados de espíritos imundos; os quais eram todos curados." (At 5.12-16)

"Mas os que andavam dispersos iam por toda a parte, anunciando a palavra. E, descendo Filipe à cidade de Samaria lhes pregava a Cristo. E as multidões unanimemente prestavam atenção ao que Filipe dizia, porque ouviam e viam os sinais que ele fazia; Pois que os espíritos imundos saíam de muitos que os tinham, clamando em alta voz; e muitos paralíticos e coxos eram curados. E havia grande alegria naquela cidade." (At 8.4-8)

É a isso que chamo "entusiasmo dinâmico". Quero dizer, aquelas pessoas, embora fossem em grande número, estavam em contato umas com as outras. Eram bem doutrinadas e profundamente envolvidas entre si. Embora estivessem vivendo numa época de serias perseguições, não se limitavam apenas a ir às reuniões, absorver sua parcela de alimento, e depois ir esconder-se até chegar a hora da próxima reunião secreta. Não encontrei um só caso de pessoas isoladas ou desligadas em todo o grupo.
Ainda meditando sobre isso, resolvi ler o que Salomão escrevera acerca da necessidade que temos uns dos outros.

"Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho. Porque se um cair, o outro levanta o seu companheiro; mas ai do que estiver só; pois, caindo, não haverá outro que o levante. Também, se dois dormirem juntos, eles se aquentarão; mas um só, como se aquentará? E, se alguém prevalecer contra um, os dois lhe resistirão; e o cordão de três dobras não se quebra tão depressa." (Ec 4.9-12)

Recordo que peguei um lápis e anotei alguns comentários na margem de minha Bíblia. Estava pensando em nossa igreja, à luz desses quatro versos, e escrevi: "Fatores cruciais que precisam ser aceitos". Eram três.

- Conseqüências negativas do isolamento.
- Benefícios vitais do relacionamento com os outros.
- Absoluta necessidade de integração

Fechei os olhos e me pus a virar e revirar cada um desses pontos em minha mente. Comecei a perceber que se quiséssemos continuar a nos considerar uma igreja, teríamos que pensar seriamente em cada uma dessas três questões. E foi assim que tudo começou. Mal sabia eu que um dia aquilo seria as bases de um livro. Mas agora que já se passaram dois anos, e todos ficamos contagiados com essas "idéias-bactérias" – por causa delas nosso ministério hoje é caracterizado

por um contagiante entusiasmo – não vejo a hora de transmitir para os leitores os benefícios que já começamos a colher de tudo isso.
Antes, porém, de entrar diretamente na questão, quero voltar a esses três fatores cruciais que mencionei. Quero ter a certeza de que estão bem esclarecidos, antes de apresentar meus argumentos nos capítulos seguintes.

CONSEQUÊNCIAS NEGATIVAS DO ISOLAMENTO

Para que uma pessoa se convença do valor da mutualidade e do envolvimento com outros, é preciso que enxergue claramente as conseqüências do isolamento. A grande verdade é que precisamos uns dos outros. E o reverso da medalha é axiomático: isolados uns dos outros, ficamos vulneráveis a situações infelizes e inoportunas. Estudos psicológicos já comprovaram que as pessoas que não cultivam relacionamentos profundos umas com as outras não conseguem atuar com eficiência. É essencial que mantenhamos laços de amizade profunda, firme e constante com os outros, caso contrário corremos o risco de perder a qualidade de seres humanos.
Bernard Berelson e Gary Steiner comprovaram esse fato com base em estudos de mais de mil casos. “O isolamento total é praticamente intolerável para o ser humano adulto – mesmo que suas necessidades físicas sejam supridas.”
Mas nós, americanos, não parecemos muito convencidos disso. Nossa palavra de ordem é: “independência”, e nosso lema é: “Tome suas próprias decisões”. Quem expõe uma necessidade pessoal dá demonstrações de fraqueza, uma franca confissão de fracasso e de falta de caráter. Além disso, estamos sempre tão ocupados; quem tem tempo para se interessar pelos outros ou se envolver com outros? Recentemente, ouvimos da esposa de um executivo (que num período de sete anos fora transferido de uma cidade para outra três vezes, por ordem da companhia onde trabalha), o seguinte comentário:
- Para evitar a dor de nos despedirmos de nossos vizinhos, nem nos damos mais o trabalho de travarmos conhecimento com eles.
Já observei que nós, os evangélicos, não estamos imunes a essa mentalidade de agitação e pressa.
Será que nos mudamos com tanta freqüência assim? Fiquei sabendo que o americano muda-se em média cerca de 14 vezes no decurso de sua vida, o que me deixou bastante espantado. Certa autoridade no assunto afirma o seguinte:

“Os americanos se mudam mais do que os outros povos Por causa disso têm mais dificuldades em sustentar amizades e criar laços com seus vizinhos, e até com os parentes. Numa no, uma média de cerca de quarenta milhões de americanos se mudam de um lugar para outro. Ou, vendo as coisas por outro aspecto, a cada dez anos, cerca de 40 a 60% da população de uma cidade média americana muda-se dela.”

Você sabia que a média dos trabalhadores fica no emprego aproximadamente três anos e meio? Não é de estranhar que o conhecido sociólogo Vance Packard afirme:

“...a ausência de raízes parece estar claramente associada com um declínio da capacidade de fazer amizades, da promoção de atividades em grupo satisfatórias, da confiança mútua e com um declínio do senso de segurança psicológica. Essa situação estimula a superficialidade nas relações humanas e uma relativa indiferença para com os problemas da humanidade.”

Acredito que não precisamos de mais artigos e relatórios de especialistas para comprovarmos como o isolamento pode ser prejudicial. Basta lermos a ficha com a vida pregressa dos franco-atiradores que sobem a uma torre e se põem a disparar uma arma contra a multidão, na rua, lá embaixo. Ou faça sua própria pesquisa sobre as condições de vida de assassinos sádicos e pervertidos. Em muitos casos constataremos que são produto de nossa filosofia do "viva a sua vida", que mantém as pessoas à distância e na qual está implícita uma atitude de menosprezo: "Não preciso de você".
Hoje em dia, essa mentalidade totalmente centralizada no eu está sendo promovida e levada a posições extremas, popularizadas por inúmeros livros que logo chegam às listas dos best-sellers, como, por exemplo, a obra How to Be Your Own Best Friend (Como ser o melhor amigo de si próprio). Nesse livro os psicólogos Newman e Berkowitz afirmam: "Somos responsáveis por tudo que acontece em nossa vida apenas perante nós mesmos."
Embora seja muito fácil acatar esse egocêntrico modo de vida e optar por um estado de isolamento, em vez de envolvimento com outros, o fato é que as conseqüências disso são muito amargas, e inevitáveis. É por isso que é tão precioso o simples e profundo conselho de Salomão em Eclesiastes 4.9: "Melhor é serem dois..." Nadar nessa atual corrente de mentalidade egoísta ajuda a ofuscar a luz do ensino das Escrituras, que tem direção oposta.

BENEFÍCIOS VITAIS DO RELACIONAMENTO COM OUTROS

Vamos voltar ao que disse esse rei do passado, e vejamos as diversas razoes por que "melhor é serem dois". Isso é verdade por que:

- Têm melhor paga de seu trabalho (v.9). Esforço mútuo.
- Um levanta o companheiro (v.10). Apoio mútuo.
- Eles se aquentam um ao outro (v.11). Estímulo mútuo.
- Os dois resistirão ao ataque (v.12). Força mútua.

Se é fato que precisamos de uma renovação na sinceridade e seriedade dos relacionamentos, também o é que já está passando da hora. Não estou sugerindo com isso, porém, que devemos desistir de nossa individualidade para mergulharmos no pantanoso e escorregadio terreno do pensamento grupal. Tampouco estou querendo advogar a idéia de que a mediocridade seja nosso padrão. Não é esse o tipo de mentalidade que promove excessiva independência.
Voltando às palavras de Salomão, vemos que somente quando partilho as experiências da vida com outras pessoas é que consigo apreciá-las e suportá-las, e tiro disso o melhor proveito. Foi o que fizeram os cristãos primitivos. Eles logo aprenderam que, para sobreviverem, teriam que buscar a comunhão uns com os outros. Infelizmente, esse termo, comunhão cristã, está desgastado, já que passou a fazer parte da coleção de chavões evangélicos. A palavra grega original, koinonia, continha a idéia de partilhar ou ter algo em comum com outrem, penetrar na vida de outrem, e, se preciso, ajudar a outra pessoa. É claro que ter um relacionamento com alguém implica em ter comunhão, e é impossível ter comunhão mantendo-se o outro à distância. Relacionar significa aproximar-se das pessoas, sentir os sofrimentos delas, e ser um veiculo de estímulo e restauração para elas. As barreiras têm que ser derrubadas. As máscaras têm que ser removidas. Temos que colocar à porta de nossa "casa" placas de boas-vindas. Temos que fazer copias das chaves de nossa vida e distribuí-las entre as pessoas. Temos que baixar as pontes de nossos castelos e permitir que as pessoas atravessem o fosso, e assim partilhem de nossas alegrias e tristezas.
Nossos antepassados, os pioneiros, se conscientizaram dessa necessidade:

“Os europeus que vieram para a América do Norte a fim de se instalarem aqui, encontraram uma terra vasta e inexplorada. A palavra de ordem era “autoconfiança”, e o desbravador, o sertanista ou pioneiro, com seu machado e rifle, eram o herói do momento. Naqueles primeiros dias, o governo dava grandes glebas de terra para quem quisesse se estabelecer no interior, a fim de estimular o povoamento do país. Então, das cidades e vilarejos, já superpovoados, as pessoas partiam para o oeste, para cultivarem seu pedaço de terra. Mas antes que pudessem começar a cultivar o terreno escolhido, a primeira tarefa era construir uma casinhola de adobe. E sabemos que a maioria das pessoas construía sua casa bem no meio do terreno. A razão disso era clara. Elas nunca tinham possuído nada antes,e agora gozavam de um certo orgulho de ser proprietários. Queriam olhar ao redor e sentir que toda aquela terra que os rodeava lhes pertencia. Mas essa prática logo teve que ser abandonada. Esse auto-isolamento produzia estranhas mudanças nas pessoas. Vez por outra um fotografo ia para o sertão,para fazer um registro do tipo de vida que se levava ali, e voltava com fotos de homes e mulheres de olhar assustado e crianças de aparência medrosa. Pouco tempo depois as famílias entenderam que tinham de mudar a localização da casa, e muitos a reconstruíram nos limites de seu terreno, isto é, no ponto onde ele fazia divisa com mais três propriedades, e dessa forma ficavam mais perto de outras famílias. Então, as quatro famílias viviam próximas umas das outras, e partilhavam a vida e a morte, alegria e tristezas, fartura e escassez, e passaram a ter maiores chances de sobrevivência.”

Quando essa idéia deixou de ser mera teoria em nossa igreja, e passou a ser aplicada na prática, resolvemos parar de olhar os divorciados e pais ou mães solteiros com se fossem pessoas de menos importância. Organizamos então um grupo para eles que recebeu o nome de Grupo de Comunhão dos Pais “Solteiros” (observem bem a palavra comunhão). E convidamos todos eles para se reunirem na igreja. E apareceram centenas de interessados. Alguns estavam meio arredios, outros pareciam magoados. Alguns se mostravam meio relutantes, inseguros e receosos. Alguns estavam revoltados; outros, nervosos. Mas muitos vieram. E que grupo maravilhoso acabou sendo! De lá para cá temos incentivado também os que lutam com problemas de drogas e alcoolismo para “viverem sem máscaras”, saírem de sua concha, e reunirem-se com outros que lutam com os mesmos problemas. Embora naturalmente mais relutantes do que o grupo de confraternização, hoje estes também se reúnem semanalmente – são mais de cinqüenta homens e mulheres problemáticos, mas corajosos – que falam de seus sofrimentos, e gozam de uma relacionamento bastante significativo uns com os outros.

Como já mencionei em um de meus filmes, queriam ter um nome mais significativo (e que não fosse “Os que lutam contra as drogas e o álcool”). Então resolveram procurar na Bíblia. Afinal, chegaram a I Pedro 5.8, e acharam o nome certo: Os Anônimos Domadores de Leões. Lembra-se desse versículo? “Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar.” Que maravilhoso grupo de indivíduos sem máscara... e que sinceridade demonstram em suas reuniões, ao relatar seus problemas.

Depois, devido à débâcle econômica que o país vem atravessando desde o início da década de 80, criamos um grupo para os desempregados – Trabalhadores em Transição. Conseguimos descobrir formas de dar apoio a essas pessoas, quase sempre deprimidas, pensando seriamente no que poderíamos fazer para levá-los a preservar sua dignidade e suster sua auto-estima. Além de realizarmos diversas reuniões, vários dos nossos obreiros leigos os estão ajudando a procurar emprego. Outra coisa que fazemos é preparar caixas com alimentos não-perecíveis para distribuir entre eles. Isso é feito por outras pessoas que auxiliam esse ministério.

Também abrimos os braços aos pais de crianças com lesões cerebrais ou com retardamento, tanto da igreja como da comunidade. Esse grupo se reúne uma vez por mês, e chama-se Pais de

excepcionais. Uma das atividades desse grupo é uma olimpíada especial. E numa tarde de sábado, não faz muito tempo, reunimo-nos para incentivar os membros do projeto. Houve o caso, por exemplo, de uma garotinha numa cadeira de rodas, que levou cerca de 20 minutos para fazer os cinqüenta metros rasos. Mas estávamos todos ali, jovens e idosos, gritando e torcendo para incentivá-la.

E eu poderia escrever mais uma ou duas páginas sobre nosso trabalho com as pessoas idosas, em um grupo chamado Eternamente Jovens. Temos também um grupo para os que estão com a responsabilidade de cuidar de pais idosos. Este tem o nome Filhos de Pais Dependentes. São ilimitados os benefícios recebidos pelas pessoas que participam desses diversos grupos.

ABSOLUTA NECESSIDADE DE INTEGRAÇÃO

Já analisamos as conseqüências do isolamento e as vantagens do relacionamento. É provável que todos concordem com essas colocações, mas talvez estejam perguntando: "Como?" Como uma igreja grande, freqüentada por um grande número de pessoas, de formações as mais variadas, consegue canalizar toda essa energia e fazer com que elas deixem de ser meros espectadores, para se tornarem participantes? Uma coisa posso assegurar: isso não se dá automaticamente. As pessoas não começam a se envolver umas com as outras, desprenderem as máscaras e a se devotarem aos irmãos de uma hora para outra. O segredo para se conseguir isso é um firme esforço de integração.

Assim que percebi que nossa igreja poderia facilmente se tornar uma imensa corporação de meros espectadores, totalmente desconhecidos entre si, e sem firmeza no seu compromisso com Cristo, comecei a pregar sobre o valor de todos se envolverem em algum dos grupos de trabalho da igreja – num dos grupos dos adultos, no coro, na equipe evangelística, num grupo de oração, numa classe de estudos bíblicos nos lares, numa das organizações femininas ou masculinas, etc. Em qualquer um desses grupos, eles poderiam experimentar maior envolvimento e troca de experiências. Pus-me a estudar a Bíblia à procura de experiências da Palavra de Deus sobre o assunto. Para minha surpresa, encontrei muitos textos bíblicos que apoiavam esse conceito de integração. Aliás, este livro nada mais é, na verdade, do que uma compilação do que encontrei na Bíblia. E minha esperança é que cada pessoa que ler estas páginas compreenda a importância de se tornar um assíduo participante das atividades da casa de Deus, deixando de ser um mero espectador dominical.

E, para encerrar este capítulo, talvez fosse bom que eu desse uma definição de integração. Quando emprego esse termo, tenho em mente a idéia de absorver-se dentro do funcionamento do Corpo de Cristo, como um participante ativo, relacionando-se com outros membros do corpo, amando e partilhando de sua vida. Se essa mentalidade nãos e tornar parte de nossa vida, e enquanto não abandonarmos as arquibancadas da religião formal e nos situarmos no gramado do cristianismo autêntico, é pouco provável que nossa vida com Deus chegue a alcançar todo o seu potencial.

Meu amigo, permita-me fazer-lhe uma pergunta difícil. Você está seriamente interessado em crescer espiritualmente? Se você é dos que se contentam em passar de liso pela vida espiritual, empurrado por este ou aquele vento, atraído por este ou aquele modismo, então não terá muito interesse nas páginas que se seguem. Aliás, se você é dos que resolveram não deixar Cristo passar muito da porta de entrada do seu coração, talvez ache que estou-me metendo em muita coisa que não é da minha conta. Mas, se está com **fome de maturidade**, se está cansado e enfastiado de ser apenas um mero espectador, e deseja que Cristo penetre em cada aposento de sua vida, para **mudar as disposições de sua mente e passar a controlar os apetites de seu coração**, não há dúvida de que você está preparado para ir fundo.

PERGUNTAS E SUGESTÕES PARA DEBATE

- Em suas próprias palavras, resuma a idéia central do capítulo 1, com uma ou duas sentenças.
- Concorda ou discorda? Explique por quê.
- Lembra-se dos três fatores cruciais apresentados na segunda metade do capítulo? Cite-os
- Relate exemplos reais que você conheça, de sua igreja, seu bairro ou lugar de trabalho, e que estejam relacionados com um dos três. Em outras palavras, conhece alguém ou algumas pessoas que se encaixam em uma das três categorias?
- Reveja os textos do livro de Atos. Leia cada um lentamente e em voz alta. Discuta sobre os fatos mais significativos dos cristãos primitivos, e que, a seu ver, melhor os caracterizam.
- Leia Eclesiastes 4.9-12. Relate um incidente de sua vida, em que se sentiu confortado por ter uma pessoa a seu lado, quando atravessava um momento difícil.
- Pare um pouco e ore. Agradeça a Deus por aquela pessoa que o auxiliou naquela situação.
- Veja se há alguém em seu grupo que fez alguma coisa por você, e agradeça-lhe. Procure dizer a essa pessoas o quanto ela significa para você.

CAPÍTULO DOIS
O APROFUNDAMENTO TRAZ O RISCO DAS MUDANÇAS

Devido à nossa natureza carnal, temos a tendência de resistir a mudanças. Somos atraídos e presos como que por um ímã pelas coisas que nos são familiares. A maioria das pessoas prefere ficar sempre do mesmo modo, mesmo que isso resulte em mais sofrimentos, do que arriscar-se a encarar uma mudança e obter alívio para o sofrimento. Isso acontece principalmente quando o futuro se apresenta ameaçador. Somos criaturas que se apegam a hábitos, e por isso muitos preferem ficar na infelicidade que conhecem, embora "fazendo careta", do que atirar-se na aventura incerta do amanhã, e sorrir.

Se não estou enganado, posso apostar que o leitor vai de carro para o serviço, todos os dias, pelo mesmo caminho. A não ser que seja um daqueles poucos que abominam a rotina, provavelmente não tem o menor interesse em tentar outro itinerário. E quanto à sua maneira de solucionar os problemas? Se você é igual à maioria das pessoas, duvido que tampouco use sua criatividade nesse processo. E o mais estranho é que, mesmo quando sabemos que é Deus quem nos está dirigindo, para que saiamos do conhecido e partamos para uma nova aventura, fugimos correndo.

Tenho visto muito disso em casais que se enamoram e se põem a fazer os planos de casamento. Deus aproxima os dois, aprofunda seu relacionamento, e os convence de que devem deixar a vida de solteiro. Adeus apartamentos pequenos e solitários; adeus vôos livres, minúsculos carros-esporte e mesa posta para uma pessoa só. E vivam os seguros de vida, as contas conjuntas no banco, cama de casal, bicicleta para dois, bebês, e carros espaçosos! Mas uma coisa muito estranha começa a acontecer, quando se aproxima o dia do casamento. Começa-se a falar em suores frios, sensações de dúvida, e às vezes até pânico. Por quê? É a síndrome do "que será que estou fazendo?" É a luta do conhecido contra o desconhecido.

E os membros de uma igreja podem passar por esse mesmo tormento mental. Todo mundo conhece todo mundo. Naquela fachada de vitrais, tudo é silêncio. Tudo tem pequenas proporções e por isso é manobrável, previsível. Amigos e familiares são pessoas muito chegadas; e existe uma familiaridade natural entre eles. Aí então Deus intervém e abala um pouco as coisas. Aparecem caras novas; o grupo cresce rapidamente; aumenta o pessoal contratado; fazem-se ajustamentos;

as dependências ficam mais apertadas; criam-se novos horários de culto para atender à demanda; perde-se aquela postura tranquilona e descontraída dos anos anteriores... e aí surge novamente a resistência, a relutância em mudar. E como diz Cervantes em sua obra Dom Quixote, temos vontade de "voltar às panelas de carne do Egito".
Sabemos que essa frase não é realmente de Cervantes. Ele fez uma alusão ao relato bíblico dos hebreus do passado, que saíram do Egito sob a liderança de Moisés. Que história rica! Vamos pensar nela por uns instantes.
O êxodo do povo de Israel do Egito não foi somente um evento extraordinário, foi quase um milagre. Deus rompeu ali um jugo de mais de quatrocentos anos de escravidão, maus tratos e toda sorte de situações vergonhosas. Prometeu-lhes uma nova terra – uma terra que poderiam considerar sua. Mas, do mesmo modo que iria acontecer depois com a nave capitânea na primeira viagem de Colombo, na travessia do Atlântico, a harmonia e união foram logo substituídas pela amotinação. Vejamos só isso:

"Por que saímos do Egito?" (Nm 11.20)

E pouco depois:

"ENTÃO toda a congregação levantou a sua voz; e o povo chorou naquela noite. E todos os filhos de Israel murmuraram contra Moisés e contra Arão; e toda a congregação lhes disse: Quem dera tivéssemos morrido na terra do Egito! ou, mesmo neste deserto! E por que o SENHOR nos traz a esta terra, para cairmos à espada, e para que nossas mulheres e nossas crianças sejam por presa? Não nos seria melhor voltarmos ao Egito? E diziam uns aos outros: Constituamos um líder, e voltemos ao Egito." (Nm 14.1-4)

Quem disse isso? Um bando de maltratados e desamparados viajantes, que ali tinham sido deixados para morrer? De jeito nenhum. **Essas palavras foram ditas por pessoas que tinham sido libertas da escravidão, tinham sido protegidas de forma miraculosa, alimentadas por Deus e guiadas em segurança** – o povo do Êxodo. E, no entanto, estavam pedindo para voltar, suplicando pelas panelas de carne do Egito. Por quê?

PROVAÇÕES QUE NOS FAZEM QUERER VOLTAR

Os judeus haviam escapado de sob o cetro de Faraó, com a liderança de Moisés, como ele próprio declarou:

"E Moisés disse ao povo: Lembrai-vos deste mesmo dia, em que saístes do Egito, da casa da servidão; pois com mão forte o SENHOR vos tirou daqui; portanto não comereis pão levedado. Hoje, no mês de Abibe, vós saís. E acontecerá que, quando o SENHOR te houver introduzido na terra dos cananeus, e dos heteus, e dos amorreus, e dos heveus, e dos jebuseus, a qual jurou a teus pais que te daria, terra que mana leite e mel, guardarás este culto neste mês." (Ex 13.3-5)

E qual era o destino deles? Ele disseque era uma "terra que mana leite e mel", a terra de Canaã. Deus assegurou-lhes que os levaria até lá, acontecesse o que acontecesse. Entretanto, não podiam imaginar como ele iria atingir esse objetivo. E foi aí que as coisas se complicaram. As condições rotineiras e previsíveis a que eles e seus antepassados estavam acostumados, iriam ser perturbadas por uma série de provas – provas **elaboradas por Deus, para obrigá-los a tirar as máscaras**, sair da

defensiva e passar a confiar nele. Temos aí cinco tipos de provas: surpresas incomuns, temores indesejados,situações desagradáveis, acusações injustas e resistências inesperadas.

Surpresas Incomuns

Leiamos os versos seguintes com bastante atenção:

"E aconteceu que, quando Faraó deixou ir o povo, Deus não os levou pelo caminho da terra dos filisteus, que estava mais perto; porque Deus disse: Para que porventura o povo não se arrependa, vendo a guerra, e volte ao Egito. Mas Deus fez o povo rodear pelo caminho do deserto do Mar Vermelho; e armados, os filhos de Israel subiram da terra do Egito. E Moisés levou consigo os ossos de José, porquanto havia este solenemente ajuramentado os filhos de Israel, dizendo: Certamente Deus vos visitará; fazei, pois, subir daqui os meus ossos convosco. Assim partiram de Sucote, e acamparam-se em Etã, à entrada do deserto. E o SENHOR ia adiante deles, de dia numa coluna de nuvem para os guiar pelo caminho, e de noite numa coluna de fogo para os iluminar, para que caminhassem de dia e de noite. Nunca tirou de diante do povo a coluna de nuvem, de dia, nem a coluna de fogo, de noite." (Ex 13.17-22)

Para captarmos melhor todas as implicações dessas palavras seria bom se pudéssemos ver um mapa dessa região. Mas basta dizer que a rota mais lógica para a viagem seria "pelo caminho da terra dos filisteus". Era mais curto e menos difícil. A outra rota era mais longa, menos confortável e mais perigosa, e apresentava o problema de ir dar bem no Mar Vermelho. Mas desde quando a lógica humana dita a ordem da orientação divina?
E, a propósito, você está tendo algumas surpresas nestes dias? Está sendo afastado do caminho conhecido para penetrar num "deserto"? Se for Deus quem estiver efetuando a mudança, não há nada a temer. Ele é perito em surpresas, você sabe.

Temores Indesejados

E eles chegaram ao mar. Logicamente tiveram que parar e esperar um pouco, antes de dar o passo seguinte. A situação era aterradora.

"E os egípcios perseguiram-nos, todos os cavalos e carros de Faraó, e os seus cavaleiros e o seu exército, e alcançaram-nos acampados junto ao mar, perto de Pi-Hairote, diante de Baal-Zefom. E aproximando Faraó, os filhos de Israel levantaram seus olhos, e eis que os egípcios vinham atrás deles, e temeram muito; então os filhos de Israel clamaram ao SENHOR. E disseram a Moisés: Não havia sepulcros no Egito, para nos tirar de lá, para que morramos neste deserto? Por que nos fizeste isto, fazendo-nos sair do Egito? Não é esta a palavra que te falamos no Egito, dizendo: Deixa-nos, que sirvamos aos egípcios? Pois que melhor nos fora servir aos egípcios, do que morrermos no deserto." (Ex 14.9-12)

Lembremos que esse povo **tem acima da cabeça uma nuvem visível que lhes dá certeza da presença de Deus e ainda têm nos ouvidos o eco da promessa de que ele os protegeria** – Canaã lhes pertenceria, **bastando que se apropriassem** dela. Mas é espantoso como **o medo pode abafar essas vozes**. Atrás deles vinha o exercito egípcio; ao sul estava o deserto; ao norte, uma cadeia de montanhas, e logo à frente, um imenso e temível volume de água. É aí que surge o medo, e a fé desfalece. Então Moisés foi direto à questão.

“Moisés, porém, disse ao povo: Não temais; estai quietos, e vede o livramento do SENHOR, que hoje vos fará; porque aos egípcios, que hoje vistes, nunca mais os tornareis a ver. O SENHOR pelejará por vós, e vós vos calareis. Então disse o SENHOR a Moisés: Por que clamas a mim? Dize aos filhos de Israel que marchem. E tu, levanta a tua vara, e estende a tua mão sobre o mar, e fende-o, para que os filhos de Israel passem pelo meio do mar em seco. E eis que endurecerei o coração dos egípcios, e estes entrarão atrás deles; e eu serei glorificado em Faraó e em todo o seu exército, nos seus carros e nos seus cavaleiros, e os egípcios saberão que eu sou o SENHOR, quando for glorificado em Faraó, nos seus carros e nos seus cavaleiros.” (EX 14.13-18)

“Então Moisés estendeu a sua mão sobre o mar, e o SENHOR fez retirar o mar por um forte vento oriental toda aquela noite; e o mar tornou-se em seco, e as águas foram partidas. E os filhos de Israel entraram pelo meio do mar em seco; e as águas foram-lhes como muro à sua direita e à sua esquerda.” (Ex 14.21-22)

Foi exatamente isso que aconteceu. E para culminar tudo, depois que atravessaram o mar, Deus solucionou outro problema que os preocupava com relação aos egípcios.

“E disse o SENHOR a Moisés: Estende a tua mão sobre o mar, para que as águas tornem sobre os egípcios, sobre os seus carros e sobre os seus cavaleiros. Então Moisés estendeu a sua mão sobre o mar, e o mar retornou a sua força ao amanhecer, e os egípcios, ao fugirem, foram de encontro a ele, e o SENHOR derrubou os egípcios no meio do mar, porque as águas, tornando, cobriram os carros e os cavaleiros de todo o exército de Faraó, que os haviam seguido no mar; nenhum deles ficou.” (Ex 14.26-28)

Eu chamaria a isso vencer em todas as frentes. Imagine só o que os hebreus pensaram ao verem o inesperado acontecer bem diante deles. Mas será que aprenderam a lição? Que nada!

Situações Desagradáveis

Pouco depois, quando estavam já mais próximos de seu destino, cansados da longa jornada, os hebreus tiveram uma atitude muito natural. Começaram a desejar o conhecido.

“E ACONTECEU que, queixou-se o povo falando o que era mal aos ouvidos do SENHOR; e ouvindo o SENHOR a sua ira se acendeu; e o fogo do SENHOR ardeu entre eles e consumiu os que estavam na última parte do arraial. Então o povo clamou a Moisés, e Moisés orou ao SENHOR, e o fogo se apagou. Pelo que chamou aquele lugar Taberá, porquanto o fogo do SENHOR se acendera entre eles. E o vulgo, que estava no meio deles, veio a ter grande desejo; pelo que os filhos de Israel tornaram a chorar, e disseram: Quem nos dará carne a comer? Lembramo-nos dos peixes que no Egito comíamos de graça; e dos pepinos, e dos melões, e dos porros, e das cebolas, e dos alhos. Mas agora a nossa alma se seca; coisa nenhuma há senão este maná diante dos nossos olhos.” (Nm 11.1-6)

Sabe, é preciso ter um apetite celestial para se apreciar uma comida celestial. Quando estavam no Egito, queriam a libertação, mas queriam-na em seus próprios termos. Queriam livrar-se da escravidão, mas não havia necessidade de lhes serem tiradas as vantagens. Por isso, agora ansiavam pelo cenário do fértil vale do Nilo, tão conhecido e agradável. Afinal, lá no Egito, havia grande variedade de alimentos: peixe, verduras frescas para a salada, alguns temperos. Mas agora?

Água quente da rocha e maná. Todos os dias a mesma coisa, maná. Eles o cozinhavam, assavam, serviam em fatias, ou como recheio de tortas. O que pudermos pensar, eles faziam com o maná.
Sem dúvida, um best-seller da época deve ter sido o "Mil e Uma Maneiras de Preparar Maná", escrito pela mulher de Moisés. E quando soava a sineta anunciando o jantar, ninguém perguntava:
- O que vamos ter para jantar hoje?
O que perguntavam era:
- Como ele foi preparado hoje?
E aquilo já estava ficando cansativo. A cada passo que aqueles exaustos peregrinos davam, o Egito parecia melhor e Canaã cada vez mais desinteressante.

Acusações Injustas

Acrescenta-se a isso o peso da direção de um bando de gente ingrata, como esses hebreus, e assim ficará mais fácil compreender o que se passou a seguir.

"Porém no arraial ficaram dois homens; o nome de um era Eldade, e do outro Medade; e repousou sobre eles o espírito (porquanto estavam entre os inscritos, ainda que não saíram à tenda), e profetizavam no arraial. Então correu um moço e anunciou a Moisés e disse: Eldade e Medade profetizam no arraial. E Josué, filho de Num, servidor de Moisés, um dos seus jovens escolhidos, respondeu e disse: Moisés, meu senhor, proíbe-lho. Porém, Moisés lhe disse: Tens tu ciúmes por mim? Quem dera que todo o povo do SENHOR fosse profeta, e que o SENHOR pusesse o seu espírito sobre ele! Depois Moisés se recolheu ao arraial, ele e os anciãos de Israel." (Nm 11.26-30)

"E FALARAM Miriã e Arão contra Moisés, por causa da mulher cusita, com quem casara; porquanto tinha casado com uma mulher cusita. E disseram: Porventura falou o SENHOR somente por Moisés? Não falou também por nós? E o SENHOR o ouviu." (Nm 12.1-2)

Que covardia atacar um líder, numa ocasião como essa! Mas eles o hostilizaram. E isso inda acontece nos dias de hoje. Qualquer um que já ocupou um posto de liderança, por pouco tempo que seja, deve ter conhecido o desprazer de um ataque verbal. Num dia você é o grande herói; noutro (o que é mais comum) é a mosca do alvo de todo mundo.
Lembro-me das palavras de Sonny Jurgensen, ex-jogador e capitão do time de futebol americano do Redskin, de Washington. Seu time estava passando por uma fase ruim, e ele estava sendo criticado pelos torcedores e pela imprensa esportiva. Alguém lhe perguntou se toda aquela crítica o deixava abalado. Ele deu um sorriso e respondeu:
- Nada! Eu não. Já estou há muito tempo nesse negócio, e sei que um dia o capitão está na crista, e no outro está na fossa.
É bem melhor estar na crista, mas um líder não fica nela tanto tempo quanto fica na fossa. E quando as acusações começam a apertar, a vontade da gente é juntar tudo e dar o fora.

Resistências Inesperadas

Quando afinal chegassem ao limiar da terra prometida, Canaã, uma nova provação, a última, veio sobre eles.

"E FALOU o SENHOR a Moisés, dizendo: Envia homens que espiem a terra de Canaã, que eu hei de dar aos filhos de Israel; de cada tribo de seus pais enviareis um homem, sendo cada um príncipe

entre eles. E enviou-os Moisés do deserto de Parã, segundo a ordem do SENHOR; todos aqueles homens eram cabeças dos filhos de Israel. Assim subiram e espiaram a terra desde o deserto de Zim, até Reobe, à entrada de Hamate. E subiram para o lado do sul, e vieram até Hebrom; e estavam ali Aimã, Sesai e Talmai, filhos de Enaque (Hebrom foi edificada sete anos antes de Zoã no Egito). Depois foram até ao vale de Escol, e dali cortaram um ramo de vide com um cacho de uvas, o qual trouxeram dois homens, sobre uma vara; como também das romãs e dos figos. E eles voltaram de espiar a terra, ao fim de quarenta dias. E caminharam, e vieram a Moisés e a Arão, e a toda a congregação dos filhos de Israel no deserto de Parã, em Cades; e deram-lhes notícias, a eles, e a toda a congregação, e mostraram-lhes o fruto da terra. E contaram-lhe, e disseram: Fomos à terra a que nos enviaste; e verdadeiramente mana leite e mel, e este é o seu fruto." (Nm 13.1-3; 21-23; 25-27)

Eles não somente tinham chegado ali, mas agora também estavam num dilema. Ali estavam os espias com evidencias que não poderiam ser negadas. Belíssimos frutos... e nem uma só praga por perto. Um solo fabuloso, colheitas fartas, água em abundancia – deve ter parecido até mentira.
Ah, se a história pudesse terminar aqui, e pudéssemos dizer que "viveram felizes para sempre". Mas não termina. Surge aí um grande porém, de incredulidade.

"O povo, porém, que habita nessa terra é poderoso, e as cidades fortificadas e mui grandes; e também ali vimos os filhos de Enaque. Os amalequitas habitam na terra do sul; e os heteus, e os jebuseus, e os amorreus habitam na montanha; e os cananeus habitam junto do mar, e pela margem do Jordão. Então Calebe fez calar o povo perante Moisés, e disse: Certamente subiremos e a possuiremos em herança; porque seguramente prevaleceremos contra ela. Porém, os homens que com ele subiram disseram: Não poderemos subir contra aquele povo, porque é mais forte do que nós. E infamaram a terra que tinham espiado, dizendo aos filhos de Israel: A terra, pela qual passamos a espiá-la, é terra que consome os seus moradores; e todo o povo que vimos nela são homens de grande estatura. Também vimos ali gigantes, filhos de Enaque, descendentes dos gigantes; e éramos aos nossos olhos como gafanhotos, e assim também éramos aos seus olhos." (Nm 13.28-33)

-Ah, não! Gigantes, não! Mais isso agora, depois de tudo que já tivemos de enfrentar. É demais!
Você já se sentiu assim? Tem ouvido as passadas dos gigantes? Ou deu bem de cara com a "pança" de um imenso gigante que de repente surgiu no cenário de sua vida?
Lembro-me claramente de uma noite em que fui ao estádio de Los Angeles para assistir a um jogo do Lakers, time local, contra o '76er, de Filadélfia. Um amigo meu tinha comprado o carnê para toda a temporada de jogos, e a cadeira ficava bem ao nível do campo, atrás do banco do Lakers. E como a gente se sente insignificante. Aqueles homens são altos, mesmo quando estão sentados. E quando se punham de pé, então ali para nós era "Operação Gafanhoto" mesmo! Eu chegava a achar que Abdul-Jabbar e Moses Malone pudessem fazer chover. Só depois que se fica perto de um desses gigantes é que se pode avaliar como são imensos. Dá para ter vontade de sair correndo e se esconder, mesmo num homem adulto como eu.
Mas, embora eu ache compreensível o sentimento de temor dos espias, não se justifica o fato de haverem esquecido da incondicional promessa de Deus. Ademais, nenhum gigante pode ser adversário para Deus. Quando Deus se levanta, todos se tornam pequenos. E quando ele faz uma promessa, ninguém pode atrever-se a questioná-la.

BARREIRAS QUE NOS IMPEDEM DE RETROCEDER

- Mas o que tudo isso tem a ver comigo? Deve estar perguntando o leitor.
É uma boa pergunta, e cumprimentando-o por haver pensado nisso.
Minha esperança é a de que eu possa ajudar aos leitores a se sentiram cada vez menos tensos ao se mostrarem como realmente são. Sem querer espantar ninguém, desejo desafiá-lo a arriscar-se a buscar uma nova realidade: a confiar em Deus para que ele o liberte de seu Egito e o ajude a descobrir sua Canaã. Agora quero adverti-lo de uma coisa – não é um processo "rápido e indolor". Foi por isso que me dei ao trabalho de detalhar algumas das provas que podemos encontrar nessa caminhada. Você terá atrás de si um coro de vozes do passado, decididas a convencê-lo a voltar para o cativeiro. Irá defrontar-se com um mar Vermelho (e talvez com mais de um), que parecerá intransponível. E outra coisa é certa: quando estiver bem perto do seu objetivo, tão perto que quase consiga tocá-lo, surgirão os gigantes da resistência, gritando: "Saia daqui! Não o queremos aqui... volte para o seu lugar! Saia!"
O que podemos fazer para não voltar correndo? Será que Deus nos ensina a manter a coragem para continuar arriscando? Ensina, sim. Vamos examinar de novo essa mesma história do Velho Testamento para saber quais são esses princípios aos quais devemos nos firmar.
Leiamos de novo Êxodo 13. É a descrição da cena que se segue imediatamente ao êxodo. Tendo acabado de sair do Egito, aqueles hebreus tinham toda a razão de se sentir inseguros. E por que não voltaram? O que os impediu?

Orientações Claras Vindas do Alto

Encontramos a resposta em Êxodo 13.21-22:

"E o SENHOR ia adiante deles, de dia numa coluna de nuvem para os guiar pelo caminho, e de noite numa coluna de fogo para os iluminar, para que caminhassem de dia e de noite. Nunca tirou de diante do povo a coluna de nuvem, de dia, nem a coluna de fogo, de noite." (Ex 13.21-22)

Se Moisés e toda aquela gente se sentissem tentados a regressar, bastava que olhassem para cima. Lá estava a nuvem, todos os dias, todas as noites, uma nuvem bem definida, que ficava por cima da cabeça deles, e os guiava durante o dia; durante a noite, era uma coluna de fogo. Não havia nada ambíguo; nada de formas indistintas para eles decifrarem. Não; Deus queria realmente que ficassem libertos do cativeiro egípcio.
Não tenho meios de saber em que altura na sua caminhada da escravidão para a liberdade você se encontra. Mas de uma coisa tenho certeza, Deus não o abandonará, nem desistirá de você. Ele quer que experimente a alegria de viver sem máscaras. A Bíblia está cheia de passagens e princípios que nos garantem que isso é possível. Ele não o deixará frustrado. Vamos ver algumas dessas promessas?

"Por isso, todo aquele que é santo orará a ti, a tempo de te poder achar; até no transbordar de muitas águas, estas não lhe chegarão. Tu és o lugar em que me escondo; tu me preservas da angústia; tu me cinges de alegres cantos de livramento. (Selá.) Instruir-te-ei, e ensinar-te-ei o caminho que deves seguir; guiar-te-ei com os meus olhos." (Sl 32.6-8)

"Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a destra da minha justiça. Eis que, envergonhados e confundidos serão todos os que se indignaram contra ti; tornar-se-ão em nada, e os que contenderem contigo,

perecerão. Buscá-los-ás, porém não os acharás; os que pelejarem contigo, tornar-se-ão em nada, e como coisa que não é nada, os que guerrearem contigo. Porque eu, o SENHOR teu Deus, te tomo pela tua mão direita; e te digo: Não temas, eu te ajudo." (Is 41.10-13)

"Porventura pode uma mulher esquecer-se tanto de seu filho que cria, que não se compadeça dele, do filho do seu ventre? Mas ainda que esta se esquecesse dele, contudo eu não me esquecerei de ti. Eis que nas palmas das minhas mãos eu te gravei; os teus muros estão continuamente diante de mim." (Is 49.15-16)

"E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará." (Jo 8.32)

"Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele todas as coisas? Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem é que condena? Pois é Cristo quem morreu, ou antes quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós. Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? Como está escrito: Por amor de ti somos entregues à morte todo o dia; Somos reputados como ovelhas para o matadouro. Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou." (Rm 8.31-37)

Esses textos são como **"âncoras" espirituais** nas quais podemos nos firmar, confiando em que Deus nos dará estabilidade, mesmo em meio a tormentas. Encaremos esses versos como a nossa nuvem de dia e a nossa coluna de fogo à noite. Acredite, você vai precisar muito deles, quando a jornada começar a parecer longa e cansativa, e os gigantes estiverem berrando protestos. Essas verdades irão fortalecê-lo para que não volte às condições horríveis em que vivia no seu Egito.

Um Oportuno Desafogo da Tensão

"E disse o SENHOR a Moisés: Ajunta-me setenta homens dos anciãos de Israel, que sabes serem anciãos do povo e seus oficiais; e os trarás perante a tenda da congregação, e ali estejam contigo. Então eu descerei e ali falarei contigo, e tirarei do espírito que está sobre ti, e o porei sobre eles; e contigo levarão a carga do povo, para que tu não a leves sozinho." (Nm 11.16-17)

Lembra-se de como Moisés havia se tornado alvo das críticas e reclamações do povo? Pois bem, ele começou a "desmoronar" sob toda aquela tensão. Aquilo foi demais para ele, como acontece a qualquer de nós. Mas Deus, em sua imensa graça, proporcionou-lhe um alivio da pressão. E ele ainda faz isso, hoje em dia.

No caso de Moisés, ele colocou ao lado de seu servo um grupo de homens para enfiar o ombro debaixo da carga que ele estava levando, e ajudá-lo a carregá-la. Aliás, setenta homens. As pessoas que possuem um inato dom de liderança normalmente não costumam delegar responsabilidades a outros, como deveriam fazer. Na maioria dos caos, elas assumem um posicionamento do tipo "tenho que enfrentar tudo isso sozinho". Acrescente-se a isso aquela mentalidade do tipo "ninguém sabe e ninguém se interessa", e aí temos um caso do stress personificado. Não demora muito e o desânimo vai entrando sorrateiramente e nos puxa o tapete de sob os pés. E nesses momentos de vulnerabilidade não há nada melhor do que um amigo – ou grupo de amigos – para nos segurar quando estamos caindo.

Eu e minha esposa já aprendemos que, em certos momentos, em meio às pressões, se não tivermos amigos por perto, para nos socorrer, a vida poderá tornar-se muito sombria. Em várias ocasiões, ficamos gratos a Deus por alguns casais amigos com quem tivemos liberdade de desabafar, e assim aliviar um pouco o peso do problema. Já cheguei à conclusão de que não podemos manter uma atitude de isolamento e distanciamento, e ao mesmo tempo querer remover todas as máscaras que nos impedem de nos revelar exatamente como somos. Moisés, como todo mundo, precisava dos outros. Nós também precisamos.

Fortalecimento Interno Contra Ameaças

Mas também existem momentos quando os outros pouco podem fazer por nós. Lembra-se do relato de quando dois homens do acampamento dos israelitas começaram a profetizar? Josué encheu-se de zelos pela posição de autoridade de Moisés, e insistiu com este para que os proibisse. Mas Moisés, com calma e confiança, nãos e sentindo ameaçado, recusou-se. A resposta que deu ao outro revela como estava seguro:

"Porém Moisés lhe disse: Tens tu ciúmes por mim? Oxalá todo o povo do Senhor fosse profeta, que o Senhor lhes desse o seu Espírito! Depois Moisés se recolheu ao arraial, ele e os anciãos de Israel." (Nm 11.29-30)

Só Deus pode dar-nos esse tipo de força interior. E quando aprendemos a pedir ao Senhor que nos dê esse espírito, vamos também resistir à tentação de pensar que nossa maneira de ser e nossa missão é exclusividade nossa. Se soubermos que alguém está fazendo a mesma coisa (e talvez fazendo melhor que nós), rejeitemos a tentação de ficar enciumados, e passemos a aplaudir o outro. A competição não tem espaço nas fileiras do cristianismo.

Quando penso nesse problema da competição e de como ele afeta nossas igrejas, lembro-me de um caso que uma senhora me contou há alguns anos. Sua família estava viajando de carro pelo país, e certo dia passaram por uma pequena cidade do meio-oeste. Ali avistaram uma pequenina igreja com um nome bastante incomum. Para certificar-se de que não tinham lido errado, deram a volta na quadra, e leram de novo: Segunda Igreja Inicial de Deus.

Essa igreja deve ter uma história digna de ser estudada.

Houve uma outra ocasião em que Moisés precisou de defesa. Foi quando Miriã e Arão o criticaram. Quem puder ler o capítulo 12 de Números, verá que Deus mesmo veio em defesa de seu servo. Ainda hoje ocorrem situações como essa, quando ficamos sem ter como nos defender ou comprovar nossa integridade. Nesses momentos, somos obrigados a confiar unicamente na intervenção divina. Embora muitas vezes o tempo em que ele opera seja diferente do que esperamos, ele resolve tudo maravilhosamente.

Tenho um amigo muito chegado cujo pai foi pastor durante muitos anos. Esse pastor era um homem fiel e honesto. Mas passou por um trágico evento depois de muitos anos de ministério. Foi falsamente acusado de adultério, por algumas pessoas caluniadoras. Embora fosse inocente, ele se tornou alvo de boatos escandalosos, que o acompanharam durante muitos anos, como se fossem sua sombra. Não havia nada que pudesse fazer para se defender. O filho dele, que é meu amigo, teve que testemunhar a vida de seus pais ser minada por aquelas mentiras infundadas. E com heróico silêncio, aquele casal continuou a servir a Deus, confiando em que ele iria confundir seus críticos, e defender o pastor.

E por fim aconteceu. Haviam-se passado dez longos anos, mas um dia, bem cedo, inesperadamente, a pessoas responsável pelas acusações falsas foi à casa do pastor. Assim que ele

abriu a porta deu com a pessoa que tinha lançado o boato. Estava quebrantada e lágrimas corriam-lhe pelo rosto. Ela confessou integralmente seu erro e pediu perdão; reconheceu sua culpa no caso, e não acusou a mais ninguém. E, a propósito, essa pessoa estivera sofrendo o peso de tal convicção e tal tormento que não tivera tranqüilidade para ajudar a ninguém, nem para encontrar alívio interior.
Bondosamente e em lágrimas, o pastor expressou seu perdão e assegurou a ela que em seu coração não havia a menor amargura. Ele e sua esposa já tinham superado aquele sofrimento, havia vários anos. Agora que finalmente tudo estava esclarecido, a ofensa já perdera sua força.
Sempre que relato essa história, lembro-me das palavras de Amy Carmichael:

"Se eu disser: "Eu perdôo, sim, mas não posso esquecer", como se o Deus que lava a areia de todas as praias do mundo duas vezes por dia não pudesse remover essa lembrança de minha memória, então não sei nada sobe o amor revelado no Calvário."

Como devem ter sido dolorosos para o pai desse meu amigo alguns momentos desses dez anos! Como é difícil esperar!
Talvez você esteja passando por situação semelhante. Os detalhes da história podem ser diferentes, mas o sofrimento, não. Pode ser que, no seu caso, Deus ainda não tenha intervindo. Talvez você ainda esteja aguardando pacientemente. Se assim o for, não desista. E enquanto isso, aqui está um provérbio que pode ajudá-lo:

"Sendo os caminhos do homem agradáveis ao SENHOR, até a seus inimigos faz que tenham paz com ele." (Pv 16.7)

Observe que no verso acima não há a menor referência a tempo. Ele não diz quando é que os inimigos se tornam amigos pacíficos. Só nos diz que isso acontecerá. Firme-se nessa promessa. O risco que corre é apenas o de continuar como está, a despeito de tudo. Já percebi que a amargura limita muito a sinceridade. Quem deseja realmente remover as máscaras, tem que, primeiramente, abandonar todo sentimento de ofensa que ainda reste, e a amargura que isso produz no coração.

UMA ORAÇÃO PROFUNDA

Há ainda uma última pergunta que precisamos responder: o que fará co que continuemos nos arriscando? Em outras palavras, como podemos neutralizar o velho "ímã egípcio", e seguir em frente, em direção à nova terra desconhecida?
Se eu fosse citar isso sob a forma de uma oração, seria uma petição de três sentenças, e um "Amém".
Como Deus deseja que revelemos uma atitude totalmente diferente da atitude insegura e temerosa do mundo que nos rodeia, a primeira sentença seria a seguinte: "Senhor, intensifica em mim a noção clara de tua singularidade."
E como é a incerteza de nosso futuro que fortalece nossa fé, a segunda sentença seria: "Senhor, aumenta os riscos."
E como sei que cada um de nós deve ser um instrumento original de poder, e não uma cópia desbotada, a terceira seria assim: "Senhor, amplia a diferença. Amém."

PERGUNTAS E SUGESTÕES PARA DEBATE

- Por que uma mudança é tão difícil, tão ameaçadora? Procure dar uma resposta especifica.
- Saberia citar um caso em que você se arriscou um pouco, mas que lhe abriu uma porta que nunca pensara abrir-se? Relate-o, se isso não lhe causar constrangimento.
- Dê uma olhada no capítulo e leia as cinco provações que nos tentam a retrocedermos para terreno conhecido. Qual ou quais delas representam um problema para você? Por quê?
- Coloque-se no lugar de Moisés por uns momentos. Se você estivesse no lugar dele, como reagiria quando começassem as críticas e murmurações? Como reage quando é alvo delas?
- Lembra-se dos textos bíblicos transcritos logo depois do subtítulo "Orientações Claras Vindas do Alto"? Qual é a que mais inspira? Há alguma coisa nesses versos que o perturba? Fale com toda sinceridade sobre suas lutas.
- Concluindo, releia a oração de três sentenças que encerra o capítulo. Poderia pedir a Deus essas coisas hoje? Talvez antes de encerrar esse momento de meditação, você queira ampliar essa oração, ou escolher uma das sentenças e conversar com Deus sobre ela.

CAPÍTULO TRÊS
APROXIMAR-SE MAIS É FORTALECER-SE

Na região da Vírginia Ocidental, existe um velho e majestoso hotel-fazenda chamado "The Homestead", compreendendo dezesseis acres de terra, com vales, montes, florestas, um céu muito azul e riachos cristalinos de águas ondulantes. O lugar exala elegância, e é rico de significado histórico. Washington e Jefferson caminharam por esses trilhos sinuosos. Existem poucos lugares que poderiam ser considerados melhores que esse para se ganhar um renovado senso de perspectiva.

No primeiro semestre de 1983, recebi um convite do grupo "Christian Embassy" para falar num retiro para diversos ministros, senadores, deputados e suas esposas. Estariam presentes também alguns homens que ocupavam altos cargos no Pentágono. E esse retiro foi realizado no "The Homestead". Compareceram cerca de cinqüenta pessoas, buscando revigoramento e descanso. Todos que ali estavam eram crentes, mas no rosto viam-se as marcas das tensões, da solidão, do stress e da fadiga. Ali estavam alguns dos mais importantes homens dos Estados Unidos, dedicando aquele final de semana a um encontro com Deus, para aliviarem um pouco o seu fardo, para terem comunhão com outros casais, e, se possível, desafogar um pouco as pressões de sua vivencia naquela atmosfera política. Para mim, foi um enorme privilégio ser o preletor daquele retiro. E naqueles dias o estudo da Palavra de Deus veio sobre muitos dos problemas daqueles homens e mulheres , na medida em que abriam o coração para as verdades divinas. E "The Homestead" tornou-se um refúgio de renovada esperança.

E foi surpreendente a mudança que se observou no ânimo do grupo que ali chegaram na sexta-feira, para o da última reunião, no domingo. Eram as mesmas pessoas, é claro, mas as horas que haviam passado juntas naquele local renderam elevados dividendos. No princípio, percebia-se uma atitude de formalidade e distanciamento. Mas quando afinal nos separamos, tinha surgido um belíssimo sentimento, um misto de união e compreensão mútua, e muitas das barreiras de autoproteção haviam ruído, favorecendo uma atitude de sinceridade e franqueza entre as pessoas. Pelo fato de nos havermos aproximado mais uns dos outros, nos fortalecemos. Foi maravilhoso! Apesar de ser muito belo o local onde nos encontrávamos, sua beleza não se comparava com a harmonia, o amor e a união que o grupo conseguira cultivar naqueles poucos dias.

Em todo o meu ministério, que já dura mais de vinte anos, creio que nunca estive com um grupo de crentes de maior influência do que este (embora todos se mostrassem emocionalmente tensos). Mas até mesmo eles, quando tiveram oportunidade de se aproximarem mais uns dos outros, numa

atmosfera livre de prevenções, saturadas de amor mútuo, reagiram de modo quase inacreditável. O que ocasionou isso? Como ocorreu essa mágica? Por que mais de cinqüenta pessoas, investidas de altos cargos de liderança, detentoras de algumas das posições mais invejadas da nação, iriam viver sem máscara e misturar-se a outras? E acredite-me, o milagre não teve nada a ver com o ambiente físico, nem coma comida, nem com a música, nem com as acomodações, nem com o preletor, nem com o tempo. Foi uma obra que só o Espírito de Deus poderia ter realizado. Nunca mais esquecerei aquele maravilhoso final de semana que ali passei em maio de 1983. A única coisa que lamento é que você não estivesse presente para testemunhar tudo. Se estivesse, não iria querer simplesmente ler o relato do que aconteceu, iria querer ter a mesma experiência, pois existem poucas coisas que são menos contagiantes do que um autêntico, espontâneo e sincero amor cristão, **expresso na prática**. Não pode ser manipulado, nem submetido a normas. Só pode ser demonstrado.

INGREDIENTES ESSENCIAIS

Entretanto, para isso, são necessários alguns ingredientes. Se não, todas as vezes que os crentes se reunissem, o mesmo se repetiria, mas tanto eu como você sabemos que não se repete. Quais são esses ingredientes? A essa altura, encontro-me um pouco relutante em analisar e dissecar esse fenômeno em termos específicos. É como um belíssimo pôr-do-sol, ou como o rebentar das ondas na praia; coisas que fogem à nossa capacidade de explicação. Então quero apresentar três generalizações.

Primeiro, é preciso haver o reconhecimento de que necessitamos us dos outros. Isso implica em abandonar toda atitude de auto-suficiência e isolamento. É difícil fazer isso, nessa nossa era de total independência. E como essa mentalidade está contagiando as fileiras evangélicas!
- Olha, não preciso de ninguém. Quero apenas um bom sermão no domingo; algumas fitas cassete para ouvir durante a semana, e minha privacidade.
E para vermos como essa filosofia realmente é falha, imaginemos a mesma atitude num jogador de futebol, com um espírito presunçoso e independente, que vai para o treino e diz:

“Olhe aqui, seu técnico, não me amole com essa conversa de jogar para o time, e de união do grupo, está bem? Só preciso de um bom estádio, arquibancada cheia e a bola. Esse negócio de ter de trabalhar com mais dez jogadores é uma amolação, e ter que aprender as jogadas, uma chateação. Só quero uma bola, e que sai todo mundo da minha frente. Eu me arranjo melhor sozinho.”

Uma pergunta: quanto tempo duraria esse jovem atleta? Pois quando Deus elaborou seu plano, ele dispôs as coisas de modo que atuássemos melhor quando participando de uma equipe, nunca sozinhos. Deixe-me repetir o que venho dizendo desde o inicio: precisamos uns dos outros. O isolamento não dá certo.

Segundo, será preciso cultivarmos relacionamentos mais profundos.Isso vai requerer tempo, esforço e disposição. E também, como vimos no capítulo 2, vai implicar em certos riscos. E quanto maior for o grupo, mais difícil será o processo. Como vimos no exemplo dos hebreus seguindo para Canaã sob a liderança de Moisés, é muito fácil assumir a postura de “a culpa é do chefe”, e adotar uma atitude cínica em relação a Deus, quando deixamos de cultivar um bom relacionamento com outros.

O fator que serviu para unir rapidamente aquele grupo reunido em "The Homestead" foi o fato de todos se encontrarem na mesma circunstância. Todos ali estavam sendo alvo de críticas. Todos procediam do mesmo tempestuoso ambiente político. Havia entre eles uma forte afinidade que provocou um imediato sentimento de compreensão. Num contexto assim, os relacionamentos desabrocham com facilidade. Mas o mesmo não se dá na maioria das igrejas. Portanto, será preciso organizar **grupos pequenos**, onde as pessoas comecem a edificar pontes de ligação entre si. E, a propósito, o dirigente terá que se sentir seguro. Livre de ameaças. Se um pastor, por exemplo, mantém controles muito rígidos, e o ministério é fortemente centralizado nele, e todos os acontecimentos e cultos giram em torno dele, não conseguirá criar um clima de liberdade onde possam florescer bons relacionamentos entre os crentes.

Terceiro, deve haver a firme disposição de se promover a **integração**. Já abordamos esse assunto, mas como se trata de uma terminologia nova para muitos leitores, vamos repetir para que fique bem claro. Não basta reconhecermos que temos necessidade uns dos outros. Também não é suficiente apenas reconhecer o fato, mas sem um maior interesse.
- Ah, é bom conhecer alguns crentes...
Não; o relacionamento a que me refiro é uma busca deliberada de um conhecimento mais profundo; é ter interesse por outros crentes e ser responsável perante eles.
O poeta inglês do século XVII, John Donne, estava com toda razão quando, sete dias antes de sua morte, escreveu o seguinte:

"Nenhum homem é como uma ilha, inteira em si mesma; toda pessoa é parte do continente, uma parte de um todo. Se um torrão de terra for levado pelo mar, a Europa fica menor, da mesma forma que se o mar levasse todo um promontório, ou uma propriedade tua ou de teus amigos. A morte de qualquer pessoa me diminui, porque faço parte da humanidade. Portanto, não mandes saber por quem o sino dobra; ele dobra por ti."

Uma coisa estranha é que as pessoas da família de Deus se acham mais ligadas ao pessoal da liderança (pastor, dirigente e preletores), do que uma às outras. Mas, se eu entendo corretamente a mentalidade do cristianismo neo-testamentário, parece-me que Deus nunca tencionou que nosso relacionamento fosse limitado a isso. Lembra-se das profundas palavras que Paulo dirigiu à igreja de Corinto?

"Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos. Se o pé disser: Porque não sou mão, não sou do corpo; não será por isso do corpo? E se a orelha disser: Porque não sou olho não sou do corpo; não será por isso do corpo? Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde estaria o olfato? Mas agora Deus colocou os membros no corpo, cada um deles como quis. E o olho não pode dizer à mão: Não tenho necessidade de ti; nem ainda a cabeça aos pés: Não tenho necessidade de vós." (I Co 12.14-18,21)

Mas parece que os **cristãos do século XX, com sua mania de prestarem cultos aos seus heróis**, acham muito difícil crer nisso. Espero que você, leitor, seja diferente. Enquanto não começarmos a ver realmente o valor de cada membro do Corpo (em vez de valorizarmos apenas algumas pessoas mais proeminentes), não conseguiremos praticar essa dimensão plena da vida familiar. Enquanto a maioria do grupo estiver preocupada em colocar um ou mais líderes num pedestal, não ocorrerá a integração.

PERIGOS QUE NOS AMEAÇAM: ESTEJA ATENTO

Falando em perigos, volta-me à mente a história do Velho Testamento, quando Moisés conduzia os hebreus do Egito para Canaã. Esse relato apresenta muitas analogias notáveis e relevantes com a nossa experiência. Voltemos, então, àquela cena do passado, e continuemos a analisá-la. Em Deuteronômio, capítulo 6, encontramos quatro perigos graves que nos afetam hoje também, apesar de terem suas raízes num evento que se passou há muitos séculos.
Lembremos que os israelitas se encontram no limiar da terra de Canaã. Estão prestes a entrar numa região que irá apresentar muitos desafios ao compromisso que fizeram com Deus. Moisés está preocupado não apenas com o bem deles, mas também com o que irá acontecer aos filhos deles depois que ele, Moisés, se for, e o povo entrar na terra prometida. Ele não iria entrar com eles, e por isso suas palavras ganham grande peso.

"ESTES, pois, são os mandamentos, os estatutos e os juízos que mandou o SENHOR vosso Deus para ensinar-vos, para que os cumprísseis na terra a que passais a possuir; Para que temas ao SENHOR teu Deus, e guardes todos os seus estatutos e mandamentos, que eu te ordeno, tu, e teu filho, e o filho de teu filho, todos os dias da tua vida, e que teus dias sejam prolongados. Ouve, pois, ó Israel, e atenta em os guardares, para que bem te suceda, e muito te multipliques, como te disse o SENHOR Deus de teus pais, na terra que mana leite e mel. Ouve, Israel, o SENHOR nosso Deus é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças." (Dt 6.1-5)

Percebeu toda a emoção dele? Ele está como que derramando a alma perante eles. Sabendo que não estaria com eles quando invadissem a terra de Canaã e a possuíssem, ele lhes fala da necessidade de amarem a Deus com todo ardor... de ouvirem sua voz... de obedecerem a seus mandamentos... de servirem-no de todo o coração, alma e força. E aqui está o primeiro perigo.

1. Ter mais amor pelo dirigente do que por Deus. Observe como Moisés procurou desviar a atenção deles de seu líder, e dirigi-la para Deus. O fato é que, para a realização do "projeto Canaã", Moisés era totalmente dispensável. Não me entendam mal. Ele foi de extrema importância para conduzi-los do Ponto A (Egito), até o Ponto B (entrada de Canaã). Mas sua importância estava diminuindo. Dentro de mais alguns dias, iria desaparecer para sempre da presença deles. Mas Deus estaria com eles para ampará-los. Ele nunca os deixaria.
Faz alguns anos, li uma frase que ficou gravada em minha memória. Não me lembro onde foi, mas as palavras se fixaram em minha mente para sempre. "Quando morre um homem de Deus, não morre nenhuma parte de Deus." Não temos dúvida de que alguns homens são poderosamente usados por Deus para moldarem a vida do povo dele. Onde estaríamos, se não fossem aqueles grandes servos de Deus que nos desafiaram e nos estimularam na fé? Mas não existe nenhum líder que seja indispensável ao plano geral de Deus, por maiores que sejam seu fervor, seus talentos, seu exemplo. Só Deus é indispensável. E se nosso amor pelo líder for maior que nosso amor e lealdade para o Senhor, estamos nos enganando e nos expondo a uma grande e amarga decepção.
Além disso, se o líder se tornar o centro das atenções e do afeto do povo, isso frustra o plano divino de que os membros sejam mais chegados uns aos outros e se fortaleçam nessa união.
Voltando ao exemplo do futebol, o que favorece uma temporada vitoriosa e elevado moral do grupo é justamente a mentalidade de trabalho de equipe. E até mesmo os times que possuem em seu plantel grandes astros do esporte por vezes afirmam que, embora apreciem e admirem o

talento individual, montam a equipe combinando vários talentos: não fazem seu trabalho baseados na atuação de uma pessoa só.
E os crentes que desejam cultivar um relacionamento profundo, duradouro e significativo com outros precisarão manter firme essa perspectiva, mesmo que isso implique em muito esforço.
Se os hebreus tivessem perdido de vista o seu alvo, Josué não teria podido continuar com a marcha depois que Moisés se foi. Moisés, que era um dirigente-servo, estava constantemente conduzindo a atenção do povo para Deus, afastando-a de si mesmo, e assim agindo facilitou demais a tarefa de Josué.
Esse perigo de se exaltar o líder, colocando-o acima de Deus, é um obstáculo ao processo de unificação do grupo, pois tende a dar muita ênfase à posição e graduação de autoridade terrena, valorizando isso mais do que a unidade que todos possuímos em Jesus Cristo, nosso Salvador. É o senhorio dele a argamassa que nos liga uns os outros, formando um todo unificado, e atribuindo a todos o mesmo papel – o de ovelhas que pertencem a esse Pastor. Mas quando o líder ocupa abertamente uma posição de proeminência, o grupo se torna desunido, em vez de unido, e logo se levantam barreiras e colocam-se máscaras.
Mas Moisés, com seus incomuns e magistrais gestos de humildade, orientou o povo para que se devotassem unicamente ao Senhor seu Deus. Isso nos leva ao perigo de número 2.

2. Fixar os olhos num **interesse mais imediato** em vez de voltá-lo para nosso **objetivo supremo**. Vejamos o sábio conselho de Moisés.

“E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração; E as ensinarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te. Também as atarás por sinal na tua mão, e te serão por frontais entre os teus olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas.” (Dt 6.6-9)

Está claro que, para o futuro, eles não iriam sentar-se, relaxar e “deixar o barco correr”. Nada disso. Pode até ser que estejamos por demais familiarizados com esses versos. O fato é que nas entrelinhas encontramos diligência, muito trabalho, uma vida familiar sólida, e uma intercomunicação franca e muito natural. Se essas coisas não tivessem ocupado uma posição prioritária para aquele povo, eles não teriam sobrevivido. Mas precisavam levar uma vida de interesse e doação mútuos, sempre relembrando uns aos outros os fatores que os mantinham unidos e que os fortaleceriam pelos anos vindouros. Se fizermos um estudo cuidadoso, veremos que não passariam a agir assim, automaticamente, depois que entrassem na terra de Canaã. Logo que se acomodassem, deveriam ensinar essa doutrina, falar dela, escrevê-la, atá-la à mão.
Seria muito mais fácil dar toda a atenção às suas necessidades mais imediatas e às providências para tornarem a terra mais confortável, em vez de atentarem para esse objetivo supremo... principalmente por estarem cansados da jornada no deserto. Mas Deus sabia das coisas. Se eles não começassem da maneira correta, é bem provável que não conseguissem manter aquela identidade distinta. É muito fácil perder de vista um objetivo. Já observou que não é de repente que se perde de vista um objetivo? Ele vai sendo minado. Vejamos um fato acontecido, narrado por um homem do Sul, que ilustra muito bem como essas coisas acontecem.

“Há muitos anos, quando eu morava em Atlanta, encontrei no setor de restaurantes das “páginas amarelas”, um lugar que tinha o nome de “Lanchonete Igreja de Deus”. Era um nome bastante singular, que despertou minha curiosidade. Liguei para lá. O telefone foi atendido por u homem de voz jovial.

- Alô! Lanchonete Igreja de Deus!
Perguntei-lhe por que o restaurante tinha um nome tão incomum, ao que ele respondeu:
- Bom, tínhamos uma igrejinha aqui, e um dia, para ajudar nas despesas, começamos a servir almoço após os cultos de domingo. Daí as pessoas gostaram tanto de nosso frango assado, que ganhamos muito dinheiro, e eventualmente diminuímos as atividades da igreja. Depois de algum tempo, resolvemos fechar a igreja de vez, mas continuamos servindo nosso frango assado. E mantivemos o mesmo nome que tínhamos desde o inicio, que era Lanchonete Igreja de Deus. "

Enquanto você está rindo desse fato verídico, deixe-me perguntar-lhe uma coisa: qual é seu objetivo pessoal? E qual o objetivo de sua família? Ainda estão voltados para o alvo certo? É possível que, em meio à correria dos dias atuais, você tenha começado a fazer concessões e tenha modificado um pouco seu rumo, por questões de comunidade. Era tão fácil e natural agir assim. Aquela igreja, por exemplo, tinha sido implantada naquele bairro com um alvo raro – ser sal e irradiar luz para a comunidade. Mas agora distribui misto-quente, hambúrguer, batata frita e Coca-Cola. O sal que ela possui, está num saleiro de vidro, no balcão. Sua luz é uma placa em gás neon.
E a sua igreja? Criada para ser um farol, um porto de esperança e refúgio, será que está atingindo esse objetivo? Será que pessoas abatidas estão podendo sentir-se mais tranqüilas nela? Ela está acolhendo os sofridos e quebrantados? Haverá nela espaço para os que fracassaram; para os que perderam, em vez de ganhar; para aqueles que não têm nada? Há ali um profundo interesse em sair e ajudar as pessoas sofridas a encontrarem a cura interior e o estímulo para prosseguir? No capítulo 8, voltaremos a esse assunto, onde teremos muito mais a dizer. Mas aqui eu queria apenas chamar a atenção do leitor para **esse perigo de dirigirmos nossos interesses para as necessidades mais imediatas, em vez de nos devotarmos ao objetivo supremo.**
Continuando a ler o capítulo 6 de Deuteronômio, encontramos o seguinte:

"Quando, pois, o SENHOR teu Deus te introduzir na terra que jurou a teus pais, Abraão, Isaque e Jacó, que te daria, com grandes e boas cidades, que tu não edificaste, e casas cheias de todo o bem, que tu não encheste, e poços cavados, que tu não cavaste, vinhas e olivais, que tu não plantaste, e comeres, e te fartares, guarda-te, que não te esqueças do SENHOR, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão. O SENHOR teu Deus temerás e a ele servirás, e pelo seu nome jurarás. Não seguireis outros deuses, os deuses dos povos que houver ao redor de vós." (Dt 6.10-14)

Antes de analisarmos mais detalhadamente esse trecho das Escrituras, com sua importante série de advertências, vejamos o terceiro perigo, que é revelado nesse texto.

3. Achar que tamanho é sinônimo de força. Ali estava um imenso grupo de pessoas, entre um e dois milhões de indivíduos. E, no entanto, Moisés os adverte de perigos. **"Guarda-te!"** Imaginemos a cena. Finalmente chegaram à terra prometida. Sua futura pátria estava ali, à espera – campos férteis, água em abundância, árvores frutíferas e vinhedos, casas para morarem (assim que os cananeus fossem desalojados), e até cidades inteiras prontas para o povo. Tudo isso seria praticamente depositado no colo deles.
Verso 10: "... cidades, que tu não edificaste."
Verso 11: "... casas cheias de tudo o que é bom, casas que não encheste; e poços abertos, que não abriste; vinhais e olivais que não plantaste."
Verso 12: "Guarda-te, para que não esqueças o Senhor."
Embora fossem um povo numeroso, e estivessem prestes a ocupar cidades já prontas, bairros com todos os confortos do lar, nenhuma dessas coisas era garantia de força. E depois, quando Deus deu

a Josué sua orientação, antes da invasão (o relato completo se acha em Josué 1.1-9), ele diz ao comandante-em-chefe três vezes: “Sê forte e corajoso” (v.6,7 e 9). Em outras palavras, a força deles não estava na quantidade de gente, nem nas posses; somente o Senhor podia torná-los fortes. Se se tornassem presunçosos e orgulhosos, a fraqueza iria corroer a nação como ácido. Se absorvessem a cultura cananita, se perdessem seu caráter distintivo no pântano dos casamentos com gentios, na idolatria e em outras formas de infidelidade espiritual, estariam acabados.

Pois essa mensagem é bastante oportuna para todos nós, que vivemos numa sociedade que se impressiona muito com quantidade. Seríamos muito tolos se pensássemos que uma família com muitos filhos seja forte pelo número de filhos; que uma cidade grande seja forte, simplesmente por seu tamanho; ou que uma companhia seja forte porque tem grandes prédios e numerosos empregados. O fato é que tamanho e força não são sinônimos.

E o que se aplica a uma família, uma cidade ou uma empresa pode ser igualmente aplicado a uma igreja. Não estou querendo dizer que uma igreja grande não possa ser forte. Estou afirmando que, só porque é grande isso não quer dizer que seja automaticamente forte. A força da igreja decorre mais de ela ser unida, interessada, sem máscaras, de os membro auxiliarem-se uns aos outros, do que do fato de ser numerosa. Aqui estão dois exemplos do que quero dizer com isso. São retirados do Livro The Friendship Factor (O Fator Amizade), de Alan McGinnis.

“Ele era o maior mistério do mundo – furtivo, recluso e tão enigmático que, durante mais de 15 anos, não se sabia se estava vivo ou morto, e muito menos como ele agia, e como estava sua aparência. Howard Hughes era um dos homens mais ricos do mundo, que tinha nas mãos o destino de milhares de pessoas – talvez até de governos. E, no entanto, levava uma vida sem alegria, sem brilho, a vida de um semi-louco. Nos últimos anos de sua existência, vivia fugindo de um hotel de luxo para outro – Las Vegas, Nicarágua, Acapulco – e sua aparência física ia ficando mais e mais estranha. A barba desgrenhada chegava à cintura, e o cabelo longo dava no meio das costas. As unhas já tinham cinco centímetros de comprimento, e as dos dedos dos pés, que não eram cortadas havia muito tempo, pareciam saca-rolhas. Fora casado durante 13 anos com Jean Peters, uma das mais belas mulheres do mundo. Mas, nesse tempo todo, os dois não foram vistos juntos em público nem uma vez; e não há nenhum registro de que tenham sido fotografados juntos tampouco. Sabe-se que viveram em residências separadas no Hotel Beverly Hills (pagando uma diária de $175 dólares cada). Mais tarde, ela morou sozinha numa opulenta mansão de estilo francês, num morro em Bel Air, fortemente vigiada, e vez por outra fazia viagens secretas a Las Vegas, para encontrar-se com Hughes; mas essas viagens foram-se tornando cada vez mais espaçadas. Divorciaram-se em 170.

- Até onde sei, disse certa vez uma pessoa que o conhecia bem, Hughes nunca amou mulher nenhuma. Para ele, as mulheres só significavam sexo, ou uma boa secretária, ou uma forma de ganhar muito dinheiro.

Uma coisa que Hughes dizia muitas vezes era:

- Todo homem tem seu preço, senão não existiriam sujeitos como eu.

E, no entanto, não houve dinheiro no mundo que lhe comprasse a afeição dos que com ele se associaram. A maioria dos seus empregados, dos que se pronunciaram sobre ele, expressa o desprezo que tinha por ele.

Por que Hughes era tão solitário e vivia tão isolado? Por que, sendo uma pessoa de recursos financeiros quase ilimitados, com centenas de pessoas a seu serviço e inúmeras mulheres bonitas às suas ordens, Hughes não era amado?

Simplesmente porque ele preferiu assim.

Diz um velho ditado que Deus nos dá coisas para usarmos e pessoas para apreciarmos. Hughes nunca aprendeu a apreciar as pessoas; estava muito preocupado em usá-las. Seus principais interesses eram máquinas, aparelhos, tecnologia, aviões e dinheiro – e estes interesses são tão absorventes que excluem todo tipo de relacionamento com outros."

"No primeiro semestre de 1887, chegou a Tuscumbia, Alabama, uma jovem de 20 anos, que iria tentar lecionar para uma criança cega e surda. O nome da professora era Anne Sullivan, e o da aluna era Helen Keller. As duas iriam manter uma das mais admiráveis amizades desse século. Aos 7 anos de idade, Helen era como um animalzinho selvagem, que emitia sons ininteligíveis. Quando tinha acessos de fúria, pegava pratos na mesa e os atirava no chão, e depois também se jogava no assoalho. Várias pessoas já haviam dito à Sra.Keller que a filha dela era retardada.
E Anne trabalhou várias semanas, escrevendo palavras na mão de Helen, mas sem conseguir atingir o consciente dela. Então, no dia 5 de abril, aconteceu um fato maravilhoso. E aqui estão as recordações que Helen tem daquele dia, registradas mais de sessenta anos depois:

'Foi junto da cisterna. Eu estava segurando uma caneca sob a torneira. Annie acionava a bomba e quando a água jorrou sobre minha mãe ela se pôs a escrever as letras da palavra na outra mão, com a ponta de seu dedo. De repente compreendi tudo. Inundada de súbita alegria, a primeira que sentia desde que ficara doente, agarrei depressa a mão de Annie, que sempre estava ao meu alcance, e comecei a pedir mais palavras para identificar outros objetos. E assim centelhas de compreensão passavam da mão dela para a minha, e, milagrosamente, nasceu a afeição entre nós. E quando saímos dali, éramos duas pessoas andando nas nuvens, chamando uma à outra de Helen e Professora.'

Anne Sullivan reconheceu que Helen era uma criança prodígio, com ilimitadas possibilidades de pensar e sentir. Não havia dúvida de qual das duas possuía QI mais elevado. Aos 10 anos de idade, Helen escrevia para pessoas famosas da Europa, em francês. Rapidamente ela conseguiu dominar cinco línguas, e revelava possuir talentos que a professora nunca possuíra. Mas isso mudaria a devoção de Anne Sullivan? Até onde sabemos, nunca mudou. Ela se contentava em ser a amiga e incentivadora de Helen, levando-a a ser aclamada por reis e presidentes, e cultivar sua própria personalidade, tão singular. Em suma, ela deu à amiga espaço para crescer."

E aqui chegamos ao quarto perigo contra o qual precisamos estar prevenidos.

4. Viver sempre nos reflexos da glória do passado, em vez de se colocar no brilho dos desafios do futuro. Vejamos novamente a Palavra de Deus para Josué:

"Não to mandei eu? Esforça-te, e tem bom ânimo; não temas, nem te espantes; porque o SENHOR teu Deus é contigo, por onde quer que andares." (Js 1.9)

Aí está outra vez – a força e a coragem vêm do Senhor. Pois o grande líder virou-se para os hebreus e disse:

"Passai pelo meio do arraial e ordenai ao povo, dizendo: Provede-vos de comida, porque dentro de três dias passareis este Jordão, para que entreis a possuir a terra que vos dá o SENHOR vosso Deus, para a possuirdes." (Js 1.11)

A ordem era para que marchassem em frente, que buscassem novos horizontes. Deviam encarar o futuro com renovada determinação, sem ficar vivendo nos reflexos do brilho do passado. Então a palavra de ordem não era que se acomodassem e ficassem a vaguear por ali, recordando os grandes eventos como o êxodo e a travessia do Mar Vermelho. Também não era que ficassem ali a erguer monumentos ou a construir santuários para homenagear passado tão ilustre. Não; era hora de arregaçar as mangas e assumir o desafio de conquistar a terra de Canaã.

Já conheceu algum grupo cristão que adotou uma mentalidade de estagnação quanto ao que já alcançaram? Você sabe, aquela atitude de "conquistar e manter", em vez de partir para novas conquistas. Nos meios esportivos chama-se a isso "viver das glórias passadas"; e alguns técnicos que conheço diriam que se trata de uma tática mortal. E está claro que o mesmo acontece com a igreja. Não conheço nenhuma igreja ou organização cristã, aqui ou no exterior, que, tendo decidido manter as coisas no mesmo ritmo, preservasse por muito tempo o mesmo vigor, vitalidade e capacidade criativa. E o mesmo acontece a nós, como indivíduos. Ou avançamos ou retrocedemos; mas nunca permanecemos estáticos, principalmente se esperamos permanecer em dia com nossa época, e se estivermos determinados a ter relacionamentos francos e amizades fortes.

SOLIDÃO – MESMO EM "THE HOMESTEAD"

Nesse capítulo, analisamos diversos ingredientes essenciais para que um relacionamento significativo crie raízes, desenvolva-se e floresça. Abordamos também alguns perigos que se escondem nas sombras – perigos que podem significar a morte de relacionamentos mais chegados, responsáveis pelo fortalecimento da união.

E para ilustrar o fato de como nosso inimigo é eficiente nessa estratégia de nos manter isolados e distantes, vamos voltar a "The Homestead", aquele maravilhoso hotel-fazenda, da Virgínia. Ali está mais de 50 pessoas, todas responsáveis, influentes e cultas; estadistas crentes, envolvidos em decisões vitais em nossa capital. São pessoas direitas, cidadãos respeitáveis, homens de família, que ninguém pode deixar de admirar. São pessoas que acreditam em nosso país, e estão dispostas a lutar para defender idéia básicas tais como decência, integridade, patriotismo e retidão. Muitos desses homens participam há vários anos das arenas militar e política do país. Em todo o grupo não há nenhum novato.

Sabe qual foi o problema de que mais se queixavam para mim? Não foi a crítica do público, nem as pressões e conflitos de personalidade com seus colegas, nem a derrota por pequena margem de votos de um projeto no qual acreditavam e pelo qual lutavam. E não foi também os meios de comunicação, embora esses elementos às vezes possam ser implacáveis.

Foi o isolamento pessoal. Alguns foram mais além e denominaram de solidão o que sentiam. E o mais interessante é que pode parecer que eles estão sempre envolvidos com muitas pessoas. E realmente estão. Um dia de trabalho de 14 a 16 horas não é incomum para eles. Estão sempre empenhados em reuniões de comitês, em palestras para o público, ou audiências do congresso, entrevistas com a imprensa. Não há dúvida sobre isso; atarefados eles sempre estão. Esses servidores públicos têm muito pouco tempo para si mesmos. Mas será que têm amizades profundas e reais? Será que têm casais de amigos, com os quais possam passar algumas horas, desabafar, aliviar as tensões, participar da vida uns dos outros? Não. Sem exceções, todos que conversaram comigo a sós, confessaram que não gozavam dessas experiências.

Ouvi várias vezes as palavras "superficial", "frágil", "sem profundidade", e "formal", ao descreverem com toda sinceridade o relacionamento que tinham com outros. E as esposas desses homens públicos afirmaram, durante aquele nosso retiro, que levavam uma vida ultra fechada,

sempre resguardada. E, em alguns casos, isso tem prejudicado os filhos. É muito difícil uma família desabrochar quando confinada a compartimentos fechados.
Uma noite, ao jantar, quando conversava com um conhecido membro do Gabinete e com sua esposa, atrevi-me a fazer uma pergunta direta, dentro desse assunto. Aproximei-me desse estadista e indaguei:
- Diga-me uma coisa, com toda sinceridade, o senhor tem amigos íntimos? Tem uma pessoa ou um casal com o qual se sente totalmente à vontade, e na presença de quem pode ser totalmente franco e sem máscaras?
Ao que ele respondeu prontamente.
- Não, Chuck, não temos nenhum amigo chegado.
E depois, apontando o indicador para mim, com o polegar mostrou cerca e meio centímetro, e acrescentou:
- Todos os relacionamentos que temos com as pessoas não têm isso aqui de profundidade.
Olhei para a esposa dele, com uma expressão como de quem pergunta: isso é verdade mesmo? E sem hesitar ela fez que sim.
- Ele não está exagerando. Não temos nenhum amigo íntimo.
Então eu lhes disse que talvez seu caso não fosse muito raro, pelo menos não em Washington, capital. Depois mencionei que estava escrevendo este livro. Eles sorriram, aprovando, com se quisessem dizer: "Ótimo! As pessoas estão mesmo precisando de muita orientação nesse sentido."
Quem teria imaginado uma coisa dessas?
Quando me recordo disso, acho bastante irônico o fato de que todos aqueles crentes tão capazes, ocupando cargos públicos tão elevados, tivessem confessado sua solidão exatamente num lugar chamado "The Homestead"

PERGUNTAS E SUGESTÕES PARA DEBATE

- Passe alguns minutos conversando sobre os três ingredientes essenciais para se desenvolver um relacionamento mais chegado com outras pessoas:
  - reconhecer que precisamos uns dos outros;
  - cultivar relacionamentos mais profundos;
  - buscar determinantemente a integração.
- Desses três, qual você considera mais difícil? Por quê?
- Leia I Co 12.14-21 em voz alta. Converse sobre a importância desses versículos.
- Uma das ameaças a um relacionamento mais chegado entre as pessoas é a que diz respeito à posição do líder, quando este é colocado quase acima de Deus. O que os líderes podem fazer para incentivar mais a integração, ao invés de frustrá-la?
- Estudando Deuteronômio capítulo 6, descobrimos que é fácil perder de vista o nosso objetivo. Faça uma pausa e analise os objetivos do grupo. Escreva uns dois ou três deles (no máximo quatro) sobre os quais todos estejam de acordo. Recorde-os periodicamente, para não se esquecer desses alvos.
- Talvez alguns de nós sejam afoitos em ironizar: "Por que será que um homem público leva uma vida tão isolada?" Na realidade, todos nós levamos. O que você está fazendo para impedir que isso aconteça com você? Se alguém o olhasse cara a cara e lhe perguntasse: "Você tem um relacionamento realmente significativo com alguém?" o que você responderia?

- Ore pelas pessoas que estão a serviço do país, em cargos de alta responsabilidade. Peça a Deus que as ajude a ter amizades mais profundas. Se conhece alguns desses líderes, cite-os pelo nome em sua oração.

CAPÍTULO QUATRO
OPERAÇÃO INTEGRAÇÃO

Um bom relacionamento não nasce da noite para o dia, automaticamente. Para que se forme é preciso tempo, energia, e também é necessário cultivá-lo.

A primeira vez que enxerguei claramente que nosso relacionamento com as pessoas, de um modo geral, é bastante superficial, foi por ocasião de minha formatura no seminário, e eu já estava na fila,com a beca e o capelo, juntamente com os colegas. Ali estávamos nós, um grupo de jovens que haviam completado quatro anos de um curso difícil e puxado. Embora cansados e ansiosos para começar logo a vida profissional, a maior parte estava sentindo uma certa nostalgia pela separação. Nunca mais nos encontraríamos. Dentro de algumas horas, estaríamos afastados uns dos outros por muitos quilômetros de distância, e, em alguns casos, em outros continentes.

Talvez tenha sido por isso que o rapaz que se achava atrás de mim na fila tenha estendido o braço e tocado o ombro do que estava à minha frente, e lhe tenha perguntado meio sem graça:

- Como é mesmo seu nome todo?

Nossa turma não era tão grande assim, menos de 70 alunos. Tínhamos vivido quatro anos consecutivos de aulas (e em algumas das disciplinas o grupo era pequeno), cultos na capela (onde nos sentávamos em ordem alfabética), atividades esportivas, piqueniques, jantares e trabalhos evangélicos. Nosso maior contato uns com os outros era no próprio seminário, que ocupava uma área do tamanho de uma quadra. E muitos moravam em alojamentos na própria escola, pelo menos parte do tempo. E mesmo assim um aluno não sabia o nome completo de outro que sempre se sentara duas cadeiras adiante dele, durante quatro anos. Reconheço que isso parece incrível, mas realmente acontece.

Um amigo meu, que também é um conhecido psicólogo, o Dr. James Dobson, narra um fato semelhante a esse, só que muito mais trágico. Certa vez ele estava fazendo palestras num seminário, onde discorria sobre o senso do valor próprio. Sua principal argumentação era de que, só pelo fato de uma pessoa estar estudando para trabalhar na obra cristã não significava que tivesse uma boa imagem própria. Aliás, alguns indivíduos possuem esse problema da imagem própria negativa em proporções maiores do que podemos imaginar.

"Não faz muito tempo fui convidado a dar uma série de palestras para alunos e professores de um seminário. Achei que seria bom falar àqueles futuros pastores sobre o problema do sentimento de inferioridade, já que possivelmente estariam se defrontando com ele em seu trabalho nas igrejas. Na primeira palestra, narrei a história de "Danny", um adolescente que tinha um profundo complexo de inferioridade, que o deprimia demais. Por fim, esse sentimento transformou-se em revolta. Após a palestra daquele dia, recebi um bilhete anônimo que dizia:

'Caro Sr. Dobson,

Sou um desses "Dannys" a quem o senhor se referiu hoje. É horrível ter um sentimento desses, pode acreditar. Tenho esse problema há muito tempo, desde que me entendo por gente. É, sou aluno do seminário, mas isso não quer dizer eu o problema não seja sério. Nesses anos todos – principalmente nos últimos cinco anos – tenho tido esperanças de que, de alguma forma, esse problema seja superado – ou que acabe, ou seja resolvido de algum jeito. Mas, para meu

desprazer, percebo que está sempre presente. Então perco as esperanças de superá-lo. Desejo ser um ministro do evangelho, e sinto que esta é a vontade de Deus. Mas ao mesmo tempo estou sempre consciente de que esse problema é muito sério e que ele me cerceia demais. Gostaria tanto de ser altamente capacitado para poder servir melhor a Deus e aos outros. Gostaria de poder conversar com o senhor mesmo que fosse por alguns minutos, mas reconheço que seu tempo deve estar todo tomado. De qualquer modo, sou-lhe extremamente grato por ter vindo ao nosso seminário.
Sinceramente,
Um seminarista aflito.'

Como aquele jovem não tinha se identificado, no dia seguinte li a carta perante os alunos e professores. Muitos dos trezentos alunos ali presentes se mostraram bastante emocionados pelas palavras daquele moço. Sem dúvida, alguns deles lutavam com o mesmo problema. Após a palestra daquela manhã, o "seminarista aflito" veio a mim e se identificou. Então, co lágrimas a lhe escorrer pelo rosto, falou-me do forte sentimento d inferioridade que carregava desde criança. Mais tarde, um membro do corpo administrativo do colégio me disse que aquele era o último rapaz da escola que ele imaginaria ter esse problema. Já observei que esse sentimento de inferioridade, muitas vezes, é o segredo mais bem guardado de uma escola. Fica escondido bem no fundo da alma do indivíduo, a corroê-lo interiormente.
Naquele mesmo auditório estava um outro aluno que lutava com o mesmo problema. Mas este não escreveu carta, e não se identificou de forma alguma. Mas três semanas depois, ele se enforcou no porão do prédio onde morava. Um de seus colegas de quarto me passou um interurbano para me informar a respeito da tragédia. Profundamente chocado, esse moço me contou que eles, os colegas do rapaz morto, estavam tão inconscientes do problema que só deram pela falta dele cinco dias depois."

Na primeira vez que li esse relato, fiquei boquiaberto e quase soltei uma exclamação em voz alta. É claro que o suicídio foi uma tragédia horrível, mas pensar que os colegas de quarto do rapaz só deram pela falta dele cinco dias depois, é incrível. Se uma coisa dessas pode acontecer numa escola onde se supõe que os alunos, todos crentes, tenham um relacionamento muito chegado uns com os outros, certamente pode acontecer em nosso bairro, nosso trabalho, nossa **igreja**; é, e até em nosso lar. Esse é, entre outros, o motivo que mais me impulsionou a escrever este livro. O fato é que, na época em que vivemos, de dias agitados e alta tecnologia, **as pessoas ao nosso redor estão-se desintegrando, e ninguém se dá conta disso.**

DEFINIÇÃO DE INTEGRAÇÃO

Portanto, é de importância vital que mantenhamos relacionamentos sinceros e profundos com aqueles que nos cercam. Temos que substituir nosso apressado e superficial "Oi! Como vai?" por um interesse genuíno pelos outros. O termo chave aí é integração. Mas quem procurar a definição desse termo num dicionário não irá ganhar nada. Sei disso porque fui verificar. Quer ver? Um de nossos principais dicionários diz o seguinte:

"... a incorporação ou conversão de elementos nutrientes em protoplasma, que, nos animais, se segue à digestão e absorção dos alimentos, e que nas plantas implicam em fotossíntese e absorção feita pela raiz."

Nada disso. Não é disso que estou falando. Estamos falando de pessoas que vivem em sociedade, e não de animais num campo, nem das plantas de um jardim. Quando emprego essa palavra neste livro, refiro-me ao ato de pessoas que estendem a mão e o coração umas para as outras.
É deixar-me absorver pela vida da família de Deus como participante (e não como espectador), relacionando-me com os outros, trabalhando com os outros, cuidando de pessoas que conheço e amo.
Essa é minha definição de integração. Relendo isso, vejo nas entrelinhas o seguinte: **Não é um processo automático. Tenho a responsabilidade de criar essa situação.** E você também.
Por alguma razão, temos a idéia errônea de que essa integração começará a existir sem mais nem menos, e teremos um relacionamento franco e profundo com as pessoas. E quem gosta de dar asas à imaginação pode até supor que, algum dia, um inventor talentoso poderá descobrir um aparelho eletrônico para solucionar o problema de nossa tendência para o isolamento. Mas isso não vai acontecer. Não espere que um dia surja um tipo de videogame, ou de microcomputador ou de uma calculadora manual que sirva para derrubar as barreiras de relacionamento entre favorecer exatamente o oposto. Se alguém duvida disso, dê uma passada por essas casas de jogos eletrônicos. Ali ninguém se relaciona com ninguém.
John Naisbitt, em sua obra Megatrends, aliás um livro que faz o leitor pensar, critica fortemente uma tendência moderna que ele denomina "o perigo de uma mentalidade tecnológica".

"Quando caímos no erro de crer, ou melhor dizendo, de desejar que a tecnologia resolva todos os nossos problemas, na verdade estamos abdicando de nossa responsabilidade individual, com seu elevado valor. Nossas fantasias tecnológicas ilustram bem isso. Estamos sempre querendo que alguém descubra uma nova pílula mágica que nos permita comer todos os alimentos gordurosos que queremos, sem engordar; que nos permita usar muita gasolina e diesel, sem poluir o ar; viver o mais desregradamente possível, sem contrair câncer ou doenças do coração. Pelo menos em nossa mente, a tecnologia está sempre prestes a libertar-nos da disciplina e responsabilidade pessoais. Só que isso não acontece e nunca acontecerá. Quanto mais aperfeiçoada for a nossa tecnologia, mais precisaremos do toque humano."

Quando nossa igreja resolveu levar a sério essa questão de desenvolver a integração e relacionamentos melhores, decidimos também nos esforçar para isso ocorrer em nosso meio. Se não fosse assim, acabaríamos nos tornando um grupo de espectadores, a olhar os outros "lá na terra" fazendo tudo. Sendo o pastor da igreja, compreendi que era necessário orientar o processo do púlpito. E foi o que fiz, através de uma série de mensagens nos cultos de domingo de manhã, que tinham como título **"Relacionamentos na Congregação"**. O título é um pouco fraco, reconheço, mas o fato é que o conteúdo das mensagens (doze ao todo) e a importância do assunto começaram a produzir resultados na igreja. Os crentes passaram a perceber que o cristianismo não é só passar alguns momentos ali sentado, cantando, escutando e depois ir embora; é mais que isso. As organizações de jovem e de adultos se empenharam mais em descobrir maneiras de "integrar" aqueles que desejavam um relacionamento mais profundo e significativo. Surgiram muitos grupos de reuniões no meio da semana, como nunca antes, e renasceu entre nós um contagiante espírito de entusiasmo.
A antiga mentalidade do "salvo, santificado e galvanizado" não satisfazia mais**. À medida que permitíamos que a Palavra de Deus falasse ao nosso coração, repreendendo-nos, sentimo-nos desafiados a não sermos mais meros indivíduos isolados, sentados nos bancos, "absorvendo" os sermões**. Sem nunca pretender dizer que não valorizava um bom púlpito, passei a dar mais ênfase ao fato de que precisávamos de que os outros aspectos da igreja também fossem bons – bons

relacionamentos, boa música bom louvor. O ponto central das mensagens era o amor fraternal, o envolvimento nos problemas daqueles que nos cercam, e a formação de grupos menores, onde pudéssemos nos abrir mais uns aos outros. Em outras palavras, precisávamos colocar em ação outras áreas de trabalho da igreja, além do ministério de pregação. Estávamos (e ainda estamos) muito empenhados em pregar as verdades bíblicas – talvez mais do que em qualquer outra época da história dessa igreja – mas agora nos achamos mais desejosos de aplicar essas verdades à nossa vida. Tenho muita satisfação em dizer que tudo está correndo maravilhosamente bem.

COM AGIRAM OS HEBREUS

Mas basta de experiências nossas. Vamos entrar no túnel do tempo, e ver se isso tem base bíblica. Talvez seja bom fazermos uma rápida recordação do que já vimos.

- Os hebreus haviam saído da terra em habitavam no Egito, e Deus, ao guiá-los, se mostrara fiel a eles (embora tivessem murmurado muitas vezes).
- E durante o trajeto do Egito para Canaã, eles constituíam um grupo desunido, sem coesão.
- Quando os espias voltaram, depois de fazer o reconhecimento da terra, mais uma vez revelam sua desunião. Alguns disseram: "Vamos lá! Nós venceremos!" Mas muitos discordaram: "Não; voltemos para o Egito."
- Depois disso ficaram vagueando pelo deserto quarenta anos, até que toda a velha geração morresse. E com a nova geração, veio um novo líder, Josué.

E é aqui que retomamos a história.

"E SUCEDEU depois da morte de Moisés, servo do SENHOR, que o SENHOR falou a Josué, filho de Num, servo de Moisés, dizendo: Moisés, meu servo, é morto; levanta-te pois agora, passa este Jordão, tu e todo este povo, para a terra que eu dou aos filhos de Israel. Todo o lugar que pisar a planta do vosso pé, vo-lo tenho dado, como eu disse a Moisés. Desde o deserto e do Líbano, até ao grande rio, o rio Eufrates, toda a terra dos heteus, e até o grande mar para o poente do sol, será o vosso termo. Ninguém te poderá resistir, todos os dias da tua vida; como fui com Moisés, assim serei contigo; não te deixarei nem te desampararei." (Js 1.1-5)

Isso é o que chamo de reanimar. Essas palavras tão edificantes naturalmente deveriam gerar neles forte motivação. Mas eles não precisavam apenas de motivação; precisavam ligar-se mais e tornar-se uma unidade solidamente comprometida, pronta a invadir e conquistar a terra de Canaã. Lendo esse capítulo, descubro aqui nada menos que quatro princípios divinos, cada um deles ilustrando como eles se tornaram "integrados", assim que marcharam para a conquista de Canaã.

1. Eles confiaram totalmente em Deus com relação ao futuro. Josué estava sempre em comunhão com Deus (v.1). o plano foi explicitado com clareza (v.2-4), e Deus prometeu sucesso na empreitada (v.5). Era a palavra de Deus contra as imensas dificuldades. Mas Josué e o povo, fortemente encorajados, creram em Deus. E embora fossem em número inferior, partiram para a luta.
Esse tipo de fidelidade ma faz recordar a Reforma Protestante, quando um pequeno grupo de pessoas, com resolução, colocou toda a sua confiança num Deus infinitamente maravilhoso. E o movimento que se seguiu não "aconteceu" por acaso. Foi resultado direto da vida de homens como Lutero, Calvino, Zwínglio, Savonarola, Melanchton, João Knox, e mais uma dezena de homens que confiaram seu futuro a Deus. O mesmo se pode dizer dos grandes avivamentos ocorridos na

Inglaterra e nos Estados Unidos. As pessoas que participaram desses movimentos foram crentes totalmente comprometidos com o Deus vivo e suas infalíveis promessas.
Mas tudo isso é História, e alguns desses fatos ocorreram há muitos séculos. Vejamos alguns exemplos mais relevantes. Será que os temos? Claro. Para citar apenas uns poucos, aqui estão:

- Cam Townsend e a missão Wycliffe Bible Translators.
- Dawson Trotman e a missão "Os Navegadores".
- M. R. DeHaan e sua Escola Bíblica do Rádio e seu programa "Day of Discovery".
- Henrietta Mears, e o centro de estudos de Forest Home.
- Bill Bright e a missão Cruzada Estudantil e Profissional Para Cristo.
- Billy Graham e suas cruzadas evangelísticas mundiais, e seus filmes evangélicos.

Poderia mencionar muitos outros cristãos que igualmente merecem nosso respeito e apreço, mas isso levaria muito tempo. Esses nomes sobressaem hoje, como modernos Josués. São pessoas que confiaram em Deus, e deram origem a um grupo de discípulos de Jesus, um grupo unificado e consagrado. E o melhor de tudo é o seguinte: a História está continuando a ser escrita. Quem sabe? Algum dia os eu nome também pode aparecer numa lista semelhante a essa, se você também se tornar um pioneiro de movimentos.
Mas a história não pára aí. Há mais. Vejamos o segundo principio que mostra como os hebreus se tornaram unidos ao entrarem em Canaã.

2. Eles aceitaram o desafio sem temor de derrota. Em nada menos que quatro versos, Deus lhes ordena que sejam fortes, corajosos, destemidos e confiantes (v.6,7,9,18). E no verso 9, Deus diz explicitamente: "Não temas, nem te espantes". Hoje diríamos assim: "Não tenha medo. Não deixe o temor dominá-lo".
Sempre (isso mesmo, sempre) que há um novo terreno a ser arado, um novo caminho a ser aberto, uma nova idéia a ser experimentada, uma nova estratégia a ser posta em prática, aparece, como um gigante, o temor do fracasso. E muitas vezes esse temor se impõe e consegue ganhar terreno em nós. Já percebi que, quanto maior a probabilidade de uma nova empreitada causar impacto, maior também é o medo do fracasso. E isso torna a invasão a Canaã ainda mais interessante. Era tão incrível, tão impossível humanamente falando, que tinha todas as características de um estrondoso fracasso, um fracasso para ir para o "Livro dos Recordes".
Quantas vezes, nós, os crentes, inconscientemente revelamos o que se passa em nosso interior. Oramos com fervor, as mãos erguidas, e suplicamos: "Senhor, ó Deus poderoso e onipotente, para quem não há barreiras nem derrotas, pedimos-te esta bênção hoje..." E em seguida, ainda ouvindo as palavras dessa petição teologicamente tão poderosa, olhamos ao redor franzindo o cenho e dizemos: "A situação que estamos enfrentando é irremediável. Não há nada que se possa fazer".
Quando vamos aprender que **não existem situações irremediáveis, mas, sim, pessoas que desesperaram**? Esses problemas que nos parecem insolúveis, na verdade, são desafios maravilhosos. As pessoas que trazem inspiração para a humanidade são as que enxergam saídas invisíveis no fim dos becos sem saída.
Certa vez, durante a fase mais sombria da Segunda Guerra, o governo de Londres convocou uma reunião do Gabinete. A França acabara de capitular. Então o Primeiro Ministro inglês, Churchill, expôs a seus companheiros o quadro geral da situação da maneira mais realista possível. As pequenas Ilhas Britânicas estavam praticamente sozinhas. Rostos preocupados o fitavam, num estóico silêncio. Na expressão de todos estampavam-se os planos de desespero e rendição. Mas aquele visionário estadista, após permanecer uns instantes em silêncio, acendeu um charuto, e, com certo brilho nos olhos e a ponta de um sorriso, disse para o desalentado grupo de oficiais:

- Senhores, considero isso um desafio!
Fora ele mesmo que me outra ocasião dissera:
- Não existe nada na vida mais estimulante do que nos apontarem uma arma, e nada acontecer.
Que grande afirmação! Não admira que esse homem tenha sido um grande líder. Em sua mente não havia lugar para o medo do fracasso.
Continuando a ler o relato de Josué, descobrimos que os hebreus se encorajaram a passaram à ação.

"Então Josué deu ordem aos príncipes do povo, dizendo: Passai pelo meio do arraial e ordenai ao povo, dizendo: Provede-vos de comida, porque dentro de três dias passareis este Jordão, para que entreis a possuir a terra que vos dá o SENHOR vosso Deus, para a possuirdes. E falou Josué aos rubenitas, e aos gaditas, e à meia tribo de Manassés, dizendo: Lembrai-vos da palavra que vos mandou Moisés, o servo do SENHOR, dizendo: O SENHOR vosso Deus vos dá descanso, e vos dá esta terra. Vossas mulheres, vossos meninos e vosso gado fiquem na terra que Moisés vos deu deste lado do Jordão; porém vós passareis armados na frente de vossos irmãos, todos os valentes e valorosos, e ajudá-los-eis; Até que o SENHOR dê descanso a vossos irmãos, como a vós, e eles também possuam a terra que o SENHOR vosso Deus lhes dá; então tornareis à terra da vossa herança, e possuireis a que vos deu Moisés, o servo do SENHOR, deste lado do Jordão, para o nascente do sol." (Js 1.10-15)

Lendo essas linhas, observo três coisas que eles fizeram: prepararam provisões, ignoraram as diferenças de origem (não fizeram discriminações de tribos), e demonstraram não possuir egoísmo – eles se auxiliaram mutuamente. Não é maravilhoso? Toda uma força de guerra – um forte exército – marchando para a luta sem medo de derrota. Marcharam pela fé.

"**Qualquer pessoa que se lança numa nova empreitada** – seja Charles Lindbergh fazendo seus planos para atravessar o Atlântico, ou Henry Ford introduzindo uma indústria incipiente na grande correnteza do transporte mundial, ou uma dona-de-casa que resolve voltar a estudar ou a iniciar um negócio próprio – **ela sempre tem que enfrentar certos temores, lutas interiores e forte tentação de desistir**. Mas existem **meios de planejamento e maneiras de solucionar as dificuldades e contratempos**, e **é isso que determina a diferença entre aqueles que decidiram arriscar-se e venceram, e os que nem chegaram a começar**."

Essas palavras foram ditas por um homem que praticamente conseguiu transformar o lixo numa empresa multimilionária, apenas porque não se deixou dominar pelo temor do fracasso.
Quando penso naqueles judeus do passado e na maneira como Deus os uniu e mobilizou, transformando-os numa forte força de guerra, percebo que aí operou um terceiro princípio.

3. Eles ignoraram suas diferenças, e cerraram fileiras, formando uma unidade. É simplesmente surpreendente como um grupo de pessoas pode tornar-se forte e eficiente quando deixa de se preocupar com quem vai ficar com os méritos da vitória, ou com posições e graduações, ou com as divergências pessoais. Assim que aqueles hebreus ouviram a exposição do plano de manobra feita por Josué e compreenderam que na verdade aquela era a estratégia de Deus para obterem a vitória, eles se uniram em torno dele, e prometeram total fidelidade.

"Então responderam a Josué, dizendo: Tudo quanto nos ordenaste faremos, e onde quer que nos enviares iremos. Como em tudo ouvimos a Moisés, assim te ouviremos a ti, tão-somente que o

SENHOR teu Deus seja contigo, como foi com Moisés. Todo o homem, que for rebelde às tuas ordens, e não ouvir as tuas palavras em tudo quanto lhe mandares, morrerá. Tão-somente esforça-te, e tem bom ânimo." (Js 1.16-18)

Não nos esqueçamos de que essas palavras foram uma declaração espontânea de indivíduos cuja vida estava marcada por fracassos, incredulidade e derrotas. Mas tudo isso pertencia ao passado. Agora era hora de esquecer tudo, e cerrar fileiras em torno do líder. Que atmosfera revigorante cria o povo de Deus quando resolve unir-se e marchar como um só bloco, para a busca de um objetivo comum!
É possível que o leitor conheça as seguintes estrofes de um hino evangélico escrito no século passado por Sabine Baring-Gould.

"Como um grande exército,
Marcha a igreja de Deus.
Irmãos, estamos passando
Onde os homens de Deus passaram.
Não estamos divididos,
Somos um só corpo,
Uma só esperança, e doutrina.
Somos um no amor."

Será que poderia haver esse mesmo espírito hoje? Poderia haver essa união? Nosso adversário quer que acreditemos que não é possível. E ele faz tudo que está em seu poder para nos dividir. Mas todos sabemos que a única coisa a fazer para manter acesa essa confiança invencível é uma disposição pessoal de fixarmos os olhos apenas nos aspectos que temos em comum uns com os outros, em vez de olharmos para nossas poucas divergências. Não poderá haver integração onde houver mesquinhez. Aprecio muito (e cito com freqüência) as seguintes palavras do teólogo alemão Rupertus Meldenius, que viveu no século XVII: "No que é essencial unidade; no que não é essencial, liberdade; e em tudo, amor". Sugiro que cada um faça dessas palavras os eu lema para este ano. "Não estamos divididos; somos todos um só corpo".

"Na juventude, João Wesley e George Whitefield eram bons amigos, tanto que Wesley começou a fazer pregações ao ar livre com o apoio de Whitefield. Mas com o passar do tempo, os dois tiveram algumas divergências, já que Whitefield inclinou-se mais para o Calvinismo, enquanto o amigo seguia o Arminianismo. Quando Whitefiled morreu, perguntaram a Wesley se achava que iria vê-lo no céu. Com um respeito sincero, mas um tanto exagerado, ele respondeu: 'Não; ele vai estar tão perto do trono de Deus que pessoas como eu não verão nem a sombra de dele'. Embora divergissem, não perderam o sentimento de união em Cristo."

Já observei que alguns evangélicos de nossa geração, pessoas bem intencionadas, mas, de mente tacanha, passam muito tempo "paradas" nas pequenas diferenças que há entre nós – e desse modo abrem nossas fileiras para a desunião e , mesquinhas lutas internas – e passam muito pouco tempo enfatizando as inúmeras facetas que temos em comum. E a conseqüência é fraqueza, em vez de força – uma corporação de **crentes mancos**, um grupo dividido, fragmentado, cheio de facções, e não um "poderoso exército" composto de tropas de elite.
No final de 1981, eu estava falando em um banquete ao qual compareceram cerca de dois mil evangélicos. À medida que cada pessoa percebia que não estamos sozinhos nessa batalha, a

reunião foi sendo dominada por uma atmosfera maravilhosa. Tínhamos apreciado uma deliciosa refeição, ouvindo belas músicas. Deus estava revelando suas verdades, para unir o coração de todos nós, com uma rara mistura de união e amor. Ali teve inicio uma boa integração entre nós, pois as máscaras de relacionamentos e posições profissionais estavam sendo removidas, e substituídas por um novo amor uns pelos outros. Estava tudo maravilhoso!

De repente, a reunião foi interrompida por um jovem que veio entrando pelo salão, gritando palavras de desaprovação, e proclamando uma determinada convicção pessoal. Todos o olharam espantados, e alguém lhe pediu que se retirasse. Mas ele se recusou, continuando a berrar insolências. A expressão de seu rosto era carregada, e sua voz, estridente. Por fim, conseguiram retirá-lo do salão à força, e pudemos continuar a reunião, mas aquele espírito de unidade e de entusiasmo mútuo fora destruído. Mais tarde fiquei sabendo que aquele homem sempre fazia esse tipo de coisa. Achava que era sua missão. Estava convencido de que possuía "o dom da repreensão" (veja se encontra esse dom na Bíblia!), e por isso saía pelas igrejas interrompendo reuniões e afirmando que todos os crentes que não concordavam com sua posição doutrinária (em minha opinião uma variação muito insignificante) estavam completamente errados.

E, a propósito, quando saímos do salão, à porta havia vários discípulos daquele homem, também pessoas de semblante severo, distribuindo folhetos e panfletos, e atacando verbalmente tudo que havia sido feito e dito em nosso jantar. E quando nos afastamos dali, eu e minha esposa sentíamos o coração pesaroso. Aquilo fora uma prova – que nunca mais esqueceremos – de que mesmo um crente sincero pode tornar-se um instrumento nas mãos do inimigo, e ao mesmo tempo achar que está fazendo a obra de Deus. Enquanto não crescermos o suficiente para ignorar nossas pequenas diferenças, e passarmos a cerrar as fileiras, não teremos a força que advém da união dos crentes. E o inimigo continuará batendo palmas de alegria.

E aqui chegamos ai quarto princípio encontrado na entrada dos hebreus na terra prometida.

4. Eles se dedicaram totalmente à execução do plano, fixando sua atenção em Deus. Leiamos mais uma vez essas palavras. Veja se não transparece aí uma verdadeira motivação.

"Então responderam a Josué, dizendo: Tudo quanto nos ordenaste faremos, e onde quer que nos enviares iremos. Como em tudo ouvimos a Moisés, assim te ouviremos a ti, tão-somente que o SENHOR teu Deus seja contigo, como foi com Moisés." (Js 1.16-17)

Isso é que é dedicação total! "Tudo... aonde quer..." Isso é que é obediência de todo o coração. "... faremos... iremos... obedeceremos..." E o que Josué deve ter sentido quando prometeram a ele a mesma lealdade que haviam demonstrado a Moisés? Por que será que estavam tão dispostos a segui-lo? O que teria gerado neles esse comprometimento total? Não são esses homens filhos daquela malta de nômades rebeldes, teimosos e insolentes, que se revoltaram contra Moisés e resistiram ao Senhor no deserto? São. Então, como se explica essa mudança? O que pode ter tido um efeito tão forte sobre esse povo a ponto de mudar o coração dele? Os olhos deles estavam fixos em Deus. Agora, eles o viam distintamente. Viam-no operar maravilhas. E o resultado disso foi que sua perspectiva se modificou. Deus estava batendo o tambor e eles marchavam na cadência da batida. Não havia relutância; eles queriam o Senhor e estavam dispostos a fazer a vontade dele. Havendo esse tipo de mentalidade, é possível fazerem-se ajustamentos e adaptações, os mais difíceis. Mas estejamos todos avisados: sem isso é impossível haver união. Sem isso, a integração se torna um sonho distante; a dedicação total, inviável; e a união entre as pessoas, impossível. Embora isso possa parecer insignificante, a verdade é que, **enquanto nossos olhos não estiverem fixos no**

Senhor, não cresceremos o suficiente para ignorarmos as diferenças que há entre nós, nem seremos suficientemente abertos para fazermos adaptações e ajustamentos.

IMPLICAÇÕES E RAMIFICAÇÕES

Quero encerrar este capítulo mencionando três áreas de nossa vida que serão afetadas se assumirmos uma atitude séria para com a integração. São elas: nossa igreja, nossas amizades e nosso relacionamento com outros.

Em Nossa Igreja

Se quisermos avançar, se quisermos realizar nosso trabalho, precisamos nos ajuntar, nos unir, deixando de lado as pequenas divergências. Não permitamos que o inimigo tire vantagens de nós. Se ele conseguir dividir nossos interesses e fraccionar nossa comunhão uns com os outros, o mundo verá mais evidencias de que o cristianismo não é operante. E não pensemos que o mundo não deseja tirar partido de nossa desunião.
Hoje mesmo, pela manhã, na primeira página do Los Angeles Times (um jornal com circulação de mais de um milhão de exemplares) há um artigo, ilustrado com fotografia, sobre uma igreja que está em briga com o Estado por causa de uma questão de impostos. E tem mais,. Acredite se quiser, mas esse mesmo jornal, na primeira página do segundo caderno, estampa a seguinte manchete; "TREZENTOS MEMBROS DE UMA IGREJA DESLIGAM-SE DELA". E segue-se um artigo de três colunas que narra o problema dessa igreja grande e muito conhecida, onde está-se travando uma luta interna. Infelizmente, com isso, milhares e milhares de incrédulos estão percebendo que o cristianismo não pode dar-lhes aquilo de que tanto necessitam: amor, segurança e integridade.

Em Nossas Amizades

Para que consigamos nos envolver com as pessoas, será preciso que nos disponhamos a nos aproximar delas e nos arriscarmos a um relacionamento mais profundo. Mas isso não ocorre automaticamente. Se aquele meu colega do seminário não sabia o nome completo de um outro, após uma convivência de quatro anos num contexto geográfico bastante reduzido, exercendo atividades semelhantes, duvido seriamente que outra pessoa, num contexto maior, fosse muito diferente dele. Permita-me desafiá-lo, leitor. Arrisque-se a uma aproximação. Tome a iniciativa. Caminhe alguns metros e vá à casa do seu vizinho. Ou então comece apenas com um simples, sincero e caloroso aceno de mão. Procure alguma coisa em que tenham interesse comum, e inicie uma conversa a partir daí. Seja acessível. Seja caloroso e receptivo. É bem possível que o resultado disso lhe traga muitas surpresas agradáveis.

No Relacionamento Pessoa a Pessoa

Para que a integração deixe de ser uma teoria e se torne uma realidade, temos que estar dispostos a fazer adaptações e ajustamentos à medida que nos aproximamos mais das pessoas. Um relacionamento pessoa a pessoas, mais cedo ou mais tarde, exigirá maior doação de nós mesmos. Não vamos nos enganar; é aí que está o "x" da questão. E muitas vezes a questão é difícil. O poeta Reuben Welch descreve esse processo no poema: "Precisamos uns dos outros".

"Sabe de uma coisa?

Todos nós precisamos uns dos outros.
Todos temos muito que aprender
e todos temos uma longa jornada à nossa frente.
Temos que caminhar juntos
e se isso se prolongar até a volta de Cristo
é melhor ficarmos juntos
é melhor ajudarmos uns aos outros.
E eu até acho que
quando finalmente chegarmos lá
os sanduíches terão acabado
a água terá acabado
as mochilas estarão vazias.
Mas não importa se a viagem é longa
temos que viajar juntos.
Porque é assim que deve ser
o Corpo de Cristo.
Todos nós,
com amor,
com interesse,
com apoio,
com a mutualidade.
Nós realmente precisamos uns dos outros.
Lembremos o que está escrito nas entrelinhas:
Isso
Não
ocorre
automaticamente.
Eu tenho a responsabilidade de desencadear o
processo.
E você também tem."

PERGUNTAS E SUGESTÕES PARA DEBATE

- Mencionamos várias vezes no capítulo 4 que um bom relacionamento não ocorre automaticamente; precisa ser cultivado. Esse cultivo não é fácil. Passe alguns instantes falando de experiências pessoais que comprovam isso.
- Essa época de predomínio da tecnologia parece favorecer conversas superficiais e relacionamentos pouco profundos. Por quê? Você vê alguma relação entre o fato de que hoje o relacionamento entre vizinhos é mais superficial e o de que as pessoas se mudam com freqüência? Dê exemplos.
- Vamos analisar a questão da integração em sua igreja. À luz do que foi dito nesse capítulo, o que você pode fazer para que os membros de sua igreja se aproximem mais uns dos outros? Cite soluções especificas. Vamos criar medidas próprias, aplicáveis à sua igreja, para derrubar as barreiras que há entre as pessoas, e podermos transmitir uns aos outros o amor e a segurança que há em Cristo.

- O primeiro capítulo de Josué está cheio de entusiasmo. Nesses 18 versículos encontramos quatro princípios espirituais. Releia-os e recorde-os. Qual deles lha fala mais de perto. Por quê?
- Mais no final do capítulo analisamos a questão da união. Recorda-se da história de Wesley e Whitefield? Converse sobre suas implicações. O que mais o impressiona na humildade de Wesley?
- Como está o seu Q.A (Quociente de Adaptabilidade)? Narre uma situação de sua vida em que teve de fazer alterações na sua rotina a fim de auxiliar alguém; ou quando outra pessoa fez isso por você, bem como os benefícios que resultaram do fato. Ore por uma pessoa que esteja precisando de apoio e estímulo. Ponha-se à disposição dessa pessoa ou de outras.

CAPÍTULO CINCO
UNIDOS E INVENCÍVEIS

Houve certa vez um rei que gostava muito de compor músicas. E embora tenha vivido há muitos séculos, até hoje suas músicas ainda são cantadas. O nome dele era Davi. Suas composições são chamadas de Salmos. E embora tenham sido escritas há tanto tempo, algumas delas possuem um elemento de realidade que as tornam eternas. Veja esta aqui. É uma das melhores:

"OH! quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união. É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desce sobre a barba, a barba de Arão, e que desce à orla das suas vestes." (Sl 133.1-2)

Se naquela época houvesse a "Parada Musical", era nesse que eu voltaria. Quanto mais vivo, mais reconheço o valor dessa idéia, que é um imperativo: "viverem unidos os irmãos". E como disse Davi, a união é como óleo. Ele reduz o atrito nos contatos pessoais, de modo que os irmãos podem ter um relacionamento bastante aproximado, sem entrar em conflito. Embora alguns possam ter dificuldade em acreditar nisso, a verdade é que o plano de Deus era que nos relacionássemos bem uns com os outros, apesar de termos diferenças de gosto, preferências, de estilos, de cultura, de cor, de escolaridade e língua. É "bom e agradável" que vivamos em união – apesar de todas as nossas divergências.

Ouvi contar uma piada sobre um grupo de teólogos que estavam discutindo sobre predestinação e livre arbítrio. E quanto mais discutiam, mais quente a atmosfera se tornava. Afinal, como era de se esperar, eles se dividiram em dois grupos. Mas havia ali um pobre sujeito que não sabia exatamente em qual das duas idéias ele acreditava. Então foi para o grupo da predestinação. Eles lhe perguntaram por que estava ali.

- Vim de livre e espontânea vontade, respondeu inocentemente.

Enraivecidos, eles lhes responderam:

- De sua livre vontade? Então não pode ficar aqui. Vá para o outro lado.

E ele se aproximou do outro grupo, e foi questionado da mesma forma.

- Escutem, eles me mandaram pra cá, respondeu com sinceridade.
- Vá embora! Disseram eles. Só poderá ficar conosco se vier por sua livre e espontânea vontade!

Coitado, ele estava mesmo precisando desse óleo de que fala Davi. E precisa dele também um bom número de pessoas que estão girando numa órbita isolada, por terem sido expulsas de um ou outro grupo exclusivista, formado por gente de mente tacanha.

A BASE BÍBLICA DA UNIÃO

Segundo as Escrituras, todos os cristãos se acham ligados entre si por um laço invisível. É um laço que transcende traços de personalidade e posição geográfica... ou talvez seja mais certo dizer que deveria transcender. Um crente aqui, no centro dos Estados Unidos está ligado a outro no coração do Brasil ou da Noruega, e unido a um crente que more num internato da Universidade de Oxford, na Inglaterra, e unido também a um crente russo, que sofre perseguições e se acha num campo e trabalhos forçados atrás da Cortina de Ferro.
O credo apostólico chama esse laço de "a comunhão dos salvos". E na primeira carta aos coríntios, o apostolo Paulo refere-se a isso como sendo um "corpo", e afirma que somos "membros desse corpo" (I Co 12.27). Em nossa igreja de Fullerton, quando queremos nos recordar desse laço que une todos os crentes, unimos nossas vozes e coração, cantamos um corinho que diz:

"Somos um pelos laços do amor;
somos um pelos laços do amor;
Unimos nosso espírito ao Espírito de Deus;
Somos um pelos laços do amor."

O que é que cria essa união? Como é que nós, eu e você, podemos estar unidos no mesmo corpo, como membros uns dos outros? A resposta dessa pergunta é muito importante – é por meio de Jesus Cristo. Só ele pode unir o Corpo. Sendo a Cabeça, ele comanda todos os membros do Corpo. Portanto, é ele quem pode promover essa união. "Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o principio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as cousas ter a primazia." (Cl.1.18)
Pensemos nos termos de um conhecido axioma matemático: "Duas grandezas iguais a uma terceira, são iguais entre si." Uma ilustração fácil seria pensarmos num salão cheio de pianos, todos eles desafinados. Seria uma loucura, se um afinador tentasse afinar os pianos uns pelos outros, ou pela sua própria cabeça. Ele iria ficar apertando uma corda, desapertando a outra, de maneira tão incerta que nunca iria terminar o serviço. Mas ele não faz isso: ele afina a partir de um diapasão. Esse instrumento simples, de uma nota só, é o ponto de referência para afinação de todos os pianos. E todos os pianos afinados por um mesmo diapasão, são afinados entre si.
Não seria maravilhoso, se tudo fosse simples assim? Mas o Corpo de Cristo não é composto de pianos com muitas cordas, mas de pessoas com múltiplas facetas, com temperamentos, inclinações e níveis de maturidade os mais diversos. Jesus mesmo, reconhecendo esse fator, orou a Deus a respeito dessa nossa necessidade de união. Essa oração se acha no capítulo 17 e João. Aliás, todo o capítulo é a oração. Vejamos um esboço de João 17.

- Versos 1 a 5 – Cristo ora por si mesmo.
- Versos 6 a 19 – Cristo ora por seus discípulos.
- Versos 20 a 26 – Cristo ora por todos os que ainda viriam a crer nele, inclusive nós.

E qual é o assunto dessa oração? União, obviamente. Vamos fazer um estudo mais detido.

- Verso 21: "a fim de que todos sejam um."
- Verso 22: "para que sejam um, como nós o somos."
- Verso 23: "a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade."

Este último trecho, se fosse traduzido ao pé da letra, ficaria assim: "afim de que sejam aperfeiçoados transformando-se em uma unidade."

O que sucedeu à nossa união? Um plano simples, tão bem articulado por Jesus, e maravilhosamente iniciado no primeiro século, tornou-se por demais complicado e confuso pela intervenção do homem. Hoje as denominações evangélicas se contam às centenas. Até mesmo a fileira mais rígida dos fundamentalistas está dividida em mais de trinta grupos diversos, todos professando uma fé comum no Senhor Jesus Cristo. Não há dúvida de que o mundo tem que abanar a cabeça incrédulo diante disso. E se alguém acha que as fronteiras denominacionais e rótulos religiosos não são muito rígidos, pergunte àqueles que conhece se são crentes. O mais provável é que se identifiquem como pentecostal, batista, presbiteriano, metodista, etc., e não como crente.

Você já parou para pensar o que Deus acha dessas subdivisões? Nós hoje estamos muito longe do padrão que Jesus propõe em sua oração: "a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade." **E nos casos em que existe uma certa união, é um formalismo frio, um requisito artificial, e não uma aproximação espontânea e livre**. É como me disse certa vez um crente, dando um sorriso:

- União? Claro minha igreja é muito unida. Nós **nos congelamos juntos**.

Mas por trás daquele sorriso, ele tinha os dentes cerrados. Não; não é essa união que Cristo deseja em seu Corpo. A união que ele deseja é uma união que nos fortaleça e nos reanime na jornada desta vida. E na verdade, quando existe essa união, passamos a caminhar com mais confiança, e nossa fé torna-se claramente invencível. Essa foi a maneira como Deus ajustou as coisas. Vemos isso ilustrado na história daqueles hebreus que invadiram a terra de Canaã, sob a liderança de Josué.

HEBREUS: UNIÃO NA HORIZONTAL, VITÓRIA NA VERTICAL

Quando lemos as páginas da história desses hebreus, encontramos muitas evidencias de que Deus recompensa o povo dele quando este possui espírito de união. Voltemos ao livro de Josué e retomemos a história dos hebreus no ponto em que deixamos, no final do capítulo anterior.

"Então responderam a Josué, dizendo: Tudo quanto nos ordenaste faremos, e onde quer que nos enviares iremos. Como em tudo ouvimos a Moisés, assim te ouviremos a ti, tão-somente que o SENHOR teu Deus seja contigo, como foi com Moisés. Todo o homem, que for rebelde às tuas ordens, e não ouvir as tuas palavras em tudo quanto lhe mandares, morrerá. Tão-somente esforça-te, e tem bom ânimo." (Js 1.16-18)

Esses três versos estão carregados de expectativa. São palavras de um grupo de pessoas que se acham fortemente estimuladas. Em sua resposta há promessas de cooperação ("faremos"), disposição ("iremos"), dedicação ("obedeceremos"), lealdade ("todo homem que se rebelar... será morto"), e incentivo ("sê forte e corajoso"). Que situação diferente e incomum: o povo incentivando seu líder. Isso é um dos resultados da união – os olhos de todos estão voltados para os outros e não para si mesmos.

Se alguém acha que este fato não é raro, pense então nas perguntas abaixo:

- Quantas igrejas você conhece (ou já ouviu falar) em que a congregação incentiva o pastor?
- Quantas vezes você já viu os alunos, numa sala de aula, animar e incentivar o professor?
- Qual foi a última vez que viu, na televisão ou num jornal, o pessoal da imprensa, em voz unânime, aplaudir o governo?
- Veja o lugar onde trabalha, por exemplo. É comum os empregados falarem bem dos seus chefes?

- Quantos dos funcionários da câmara municipal, ou da prefeitura da cidade se lembram qual foi a última vez que um grupo de cidadãos compareceu a uma dessas casas com uma única razão... apenas para dizer: “Muito obrigado! Fizeram um ótimo trabalho!” (Já sei que você está rindo!)

Nós todos sabemos criticar melhor do que elogiar; e reclamar melhor do que incentivar. Esse povo do tempo de Josué foi uma agradável exceção à regra. E o melhor de tudo foi que, quando chegou o momento de passarem das palavras à ação, eles foram fieis à promessa feita. Vejamos o que quero dizer com isso.

UMA ESTRATÉGIA ESTRANHA É ACEITA SEM RESISTÊNCIA

Analisemos atentamente o capítulo seis de Josué. Uma batalha os espera na próxima curva. Comparados com os fortes guerreiros cananitas, aqueles hebreus devem ter parecido um bando de míseros nômades desorganizados. Mas havia um fator gigantesco que tornava tudo diferente. Eles tinham a seu lado o Deus Jeová. E o Senhor não iria deixar que sua honra fosse manchada por uma malta de pagãos ateus.

“ORA Jericó estava rigorosamente fechada por causa dos filhos de Israel; ninguém saía nem entrava. Então disse o SENHOR a Josué: Olha, tenho dado na tua mão a Jericó, ao seu rei e aos seus homens valorosos.” (Js 6.1-2)

Jericó deve ter-lhes parecido aterradora. Uma muralha de pedra, com altura correspondente a um prédio de três andares e uma espessura de seis metros, cercava aquela cidade de “valentes”. Mas Josué recebera uma promessa de Deus: “Olha, entreguei a Jericó em tuas mãos.” Mas como? Alguma arma secreta? Um explosivo superpotente? Não; simplesmente uma estratégia estranha.

“Vós, pois, todos os homens de guerra, rodeareis a cidade, cercando-a uma vez; assim fareis por seis dias. E sete sacerdotes levarão sete buzinas de chifres de carneiros adiante da arca, e no sétimo dia rodeareis a cidade sete vezes, e os sacerdotes tocarão as buzinas. E será que, tocando-se prolongadamente a buzina de carneiro, ouvindo vós o seu sonido, todo o povo gritará com grande brado; e o muro da cidade cairá abaixo, e o povo subirá por ele, cada um em frente.” (Js 6.3-5)

Isso é uma idéia nova. Mas nada de muito grandioso. Era apenas acreditar em Deus e fazer exatamente o que ele dizia. Se ele afirma que a muralha vai ruir, pode ter certeza disso. Ele é muito bom nesse negocio de derrubar muralhas, não é? Ninguém riu. Ninguém deu um sorriso de dúvida. Quero dizer, aquela gente estava predisposta, preparada para aquilo. Eles já tinham vagado pelo deserto o tempo suficiente para saber que é melhor não questionar o plano de Deus.

“Então Josué, filho de Num, chamou aos sacerdotes e disse-lhes: Levai a arca da aliança; e sete sacerdotes levem sete buzinas de chifres de carneiros, adiante da arca do SENHOR. E disse ao povo: Passai e rodeai a cidade; e quem estiver armado, passe adiante da arca do SENHOR. E assim foi que, como Josué dissera ao povo, os sete sacerdotes, levando as sete buzinas de carneiros diante do SENHOR, passaram e tocaram as buzinas; e a arca da aliança do SENHOR os seguia. E os homens armados iam adiante dos sacerdotes, que tocavam as buzinas; e a retaguarda seguia após a arca; andando e tocando as buzinas iam os sacerdotes. Porém ao povo Josué tinha dado ordem, dizendo: Não gritareis, nem fareis ouvir a vossa voz, nem sairá palavra alguma da vossa boca até ao dia que

eu vos diga: Gritai. Então gritareis. E fez a arca do SENHOR rodear a cidade, contornando-a uma vez; e entraram no arraial, e ali passaram a noite." (Js 6.6-11)

Depois veio a última caminhada em redor da cidade.

"E sucedeu que, ao sétimo dia, madrugaram ao subir da alva, e da mesma maneira rodearam a cidade sete vezes; naquele dia somente rodearam a cidade sete vezes. E sucedeu que, tocando os sacerdotes pela sétima vez as buzinas, disse Josué ao povo: Gritai, porque o SENHOR vos tem dado a cidade." (Js 6.15-16)

"Gritou, pois, o povo, tocando os sacerdotes as buzinas; e sucedeu que, ouvindo o povo o sonido da buzina, gritou o povo com grande brado; e o muro caiu abaixo, e o povo subiu à cidade, cada um em frente de si, e tomaram a cidade. E tudo quanto havia na cidade destruíram totalmente ao fio da espada, desde o homem até à mulher, desde o menino até ao velho, e até ao boi e gado miúdo, e ao jumento." (Js 6.20-21)

Isso é que é ser invencível! Quando aqueles hebreus viram e ouviram as muralhas de Jericó ruindo devem ter dado um sorriso de satisfação, principalmente depois de reconhecer que tinham obedecido à ordens de Deus com exatidão. Que plano tático! Marchar, tocar as trombetas, gritar e depois afastar-se um pouco. Como gosto de ver o ridículo desse plano... quero dizer, sob o ponto de vista humano. Quem iria pensar numa estratégia tão esquisita? E em nossa época, de tecnologia tão avançada, ninguém pensaria em participar de um plano desses. Mas o melhor de tudo é que, mesmo que o plano pareça estranho , quando obedecemos, só Deus pode receber a glória.
Certa vez, em nossa igreja, resolvemos vender a propriedade, e construir em outro lugar. Mas havia no plano um ponto em que precisaríamos exercitar muita fé: vender a velha propriedade. Isso ocorreu em meio a uma depressão econômica. E para complicar, quem iria comprar um prédio dilapidado (e estava dilapidado mesmo)? Mas Deus nos revelou claramente que a única coisa que tínhamos a fazer era colocá-lo à venda, e confiar nele. Não precisaríamos ter medo, nem nos preocupar com os aspectos desfavoráveis. Tínhamos apenas que orar e rejeitar todas as tentações que pudessem ocorrer-nos de fazer alguma coisa ou idealizar outro plano. Ou, como diz o Salmo 46.10 (um verso que devo ter citado para mim mesmo umas cinqüenta vezes ou mais durante os longos meses de espera): "Aquietai-vos e sabei que Eu Sou Deus."
E tivemos de esperar até o último momento. O negócio foi resolvido na última semana. O prazo terminava no domingo. E nada. No sábado, um dia antes, um pequeno e insignificante grupo de crentes entrou em contato com um dos oficiais da igreja. Passaram no templo para ver como estava. Perguntaram se poderiam voltar a examiná-lo no domingo à tarde. E quando vieram e disseram: "Queremos comprá-lo", percebemos que nossas muralhas financeiras haviam ruído.
Os que permanecem unidos se tornam uma força invencível, por meio da qual Deus pode realizar suas grandes obras. Mas lembremos que o segredo aqui é fileiras cerradas e relacionamentos sinceros. Se nos esquecermos disso, podemos esquecer o resto.

UMA VITÓRIA DE EQUIPE, SEM RIVALIDADES

Saltando um capítulo do livro de Josué, chegamos a uma outra situação, uma cena diferente da primeira, e com uma estratégia totalmente diversa. Dessa vez não se trata de Jericó, mas de um povoado denominado Ai. O plano é fazer uma emboscada.

“ENTÃO disse o SENHOR a Josué: Não temas, e não te espantes; toma contigo toda a gente de guerra, e levanta-te, sobe a Ai; olha que te tenho dado na tua mão o rei de Ai e o seu povo, e a sua cidade, e a sua terra. Farás, pois, a Ai e a seu rei, como fizeste a Jericó, e a seu rei; salvo que, para vós, tomareis os seus despojos, e o seu gado; põe emboscadas à cidade, por detrás dela. Então Josué levantou-se, e toda a gente de guerra, para subir contra Ai; e escolheu Josué trinta mil homens valorosos, e enviou-os de noite. E deu-lhes ordem, dizendo: Olhai! Ponde-vos de emboscadas contra a cidade, por detrás dela; não vos alongueis muito da cidade; e estai todos vós atentos. Porém eu e todo o povo que está comigo nos aproximaremos da cidade; e será que, quando nos saírem ao encontro, como antes, fugiremos diante deles. Deixai-os, pois, sair atrás de nós, até que os tiremos da cidade; porque dirão: Fogem diante de nós como antes. Assim fugiremos diante deles. Então saireis vós da emboscada, e tomareis a cidade; porque o SENHOR vosso Deus vo-la dará nas vossas mãos. E será que tomando vós a cidade, pôr-lhe-eis fogo; conforme a palavra do SENHOR fareis; olhai que vo-lo tenho mandado. Assim Josué os enviou, e eles se foram à emboscada; e ficaram entre Betel e Ai, ao ocidente de Ai; porém Josué passou aquela noite no meio do povo.” (Js 8.1-9)

Viu como é? Também aqui não houve nada complicado. Cada grupo teria sua própria tarefa. Uns iriam ficar na frente, com Josué, e outros estariam afastados das glórias da batalha. Mas isso não tinha importância para eles, pois o que realmente importava era a vitória da equipe, independente do que acontecesse depois. E ninguém se preocupou em perguntar:
- E agora, quem fica com os “louros” da vitória? ou
- Eu tenho que ficar fora das luzes dos holofotes?
Não; em um grupo unificado não existe lugar para isso.

“E puseram o povo, todo o arraial que estava ao norte da cidade, e a emboscada ao ocidente da cidade; e foi Josué aquela noite até ao meio do vale. E sucedeu que, vendo-o o rei de Ai, ele e todo o seu povo se apressaram, e se levantaram de madrugada, e os homens da cidade saíram ao encontro de Israel ao combate, ao tempo determinado, defronte das campinas; porém ele não sabia que se achava uma emboscada contra ele atrás da cidade. Josué, pois, e todo o Israel se houveram como feridos diante deles, e fugiram pelo caminho do deserto. Por isso todo o povo, que estava na cidade, foi convocado para os seguir; e seguiram a Josué e foram afastados da cidade. E nem um só homem ficou em Ai, nem em Betel, que não saísse após Israel; e deixaram a cidade aberta, e seguiram a Israel. Então a emboscada se levantou apressadamente do seu lugar, e, estendendo ele a sua mão, correram e entraram na cidade, e a tomaram; e apressando-se, puseram fogo na cidade. E virando-se os homens de Ai para trás, olharam, e eis que a fumaça da cidade subia ao céu, e não puderam fugir nem para uma parte nem para outra, porque o povo, que fugia para o deserto, se tornou contra os que os seguiam. E vendo Josué e todo o Israel que a emboscada tomara a cidade, e que a fumaça da cidade subia, voltaram, e feriram os homens de Ai.” (Js 8.13-17; 19-21)

Que coisa surpreendente! Não houve discussões entre as tropas, nem disputas por posições, ninguém forçando para ser o principal guarda-costas, nem competições entre eles. Entre todos existia um espírito de verdadeira humildade. Até mesmo nos “jogadores” principais.
Certa vez eu estava folheando uma de nossas revistas, quando dei com uma foto do Presidente Reagan, em sua Sala Oval, na Casa Branca. Estava sentado à sua mesa, assinando algum documento, e, de um lado e de outro, estavam outras pessoas, de pé. Cobre a mesa havia uma plaqueta com alguns dizeres, mas, na foto, as letras eram muito pequenas e ilegíveis. Mas ela me

interessou. Peguei uma lente de aumento e a examinei de novo. As palavras estavam meio embaraçadas, mas deu para ler alguma coisa e ver que valia a pena procurar saber mais. No dia seguinte, pedi à minha secretária que telefonasse para a Casa Branca e tentasse conversar com alguém que pudesse dar-nos essa informação. E valeu a pena o esforço. A plaqueta que está na mesa do Presidente Reagan tem os seguintes dizeres:

"NÃO HÁ LIMITES PARA O QUE UM HOMEM PODE REALIZAR NEM PARA ONDE ELE PODE CHEGAR, DESDE QUE NÃO SE IMPORTE COM QUEM RECEBE AS GLÓRIAS."

Aqueles hebreus não possuíam uma plaqueta assim, mas praticaram essa verdade. Eles obtiveram a vitória em Ai simplesmente porque cada um deles se dispôs a participar do plano, independente de quem receberia as glórias.
Isso me faz lembrar de uma página de Dietrich Bonhoeffer. Veja se essas palavras não são profundas e verdadeiras.

"'Levantou-se entre eles uma discussão sobre qual deles seria o maior.' (Lc 9.46) Sabemos quem semeia tais idéias no seio da comunidade cristã. Mas talvez não estejamos bem conscientes do fato de que sempre que um grupo de cristãos se reúne, elas logo se tornam sementes de discórdia. E dessa forma, logo no início de uma comunidade cristã,brota uma invisível e até inconsciente luta entre a vida e a morte. 'Levantou-se entre eles uma discussão'. Isso é suficiente para destruir um grupo. Portanto, é de importância vital que toda igreja cristã encare, logo no início, esse problema de frente, e o arranque do seu meio. E nessa questão não se pode perder tempo, pois no momento em que uma pessoa se encontra com outra já começa a procurar assumir uma posição estratégica em relação à outra, de modo a ser superior a ela. Existem pessoas fortes e fracas. Quando alguém reconhece que é fraco, imediatamente assume uma posição de fraqueza, e usa isso para combater o forte. Existem pessoas talentosas e pessoas sem talento; pessoas simples e complicadas; pessoas consagradas e não consagradas; existem os sociáveis e os que preferem a solidão. Será que uma pessoas sem talento deve reivindicar uma posição semelhante à do talentoso? E a pessoas complicada deve ocupar e mesma posição que a simples? Se não sou talentoso, talvez seja mais consagrado. E se não sou espiritual, talvez seja porque na queira ser. Mas então uma pessoa sociável não poderia conquistar todas as simpatias, envergonhando aqueles que são tímidos e solitários? Ou então um tímido não poderia tornar-se um eterno inimigo do sociável e derrotá-lo no fim? Quem é que não procura, instintivamente, uma posição onde possa manter-se firme e defender-se, uma posição que ele nunca entregará a outrem, e pela qual lutará com toda a força do seu impulso de auto-afirmação? Isso pode acontecer até nas camadas mais refinadas e mais espirituais. Mas o importante é que os grupos cristãos se lembrem de que em algum setor haverá sempre "uma discussão sobre qual deles será o maior". **É a luta do homem natural em busca da justificação pessoal**. **E ele só a encontra quando faz comparação entre si e os outros, e passa a condenar e a julgar os outros...(Quando uma igreja conseguir erradicar de seu meio esse inimigo): fortes e fracos, sábios e ignorantes, talentosos e não talentosos, espirituais ou carnais, a diversidade dos indivíduos que a compõem não será mais motivo para discutir, julgar e condenar, e assim essas coisas deixarão de ser a base para uma justificação pessoal. Pelo contrário, passam a ser motivo para nos regozijarmos uns nos outros e servirmos uns aos outros**."

INABALÁVEL CONFIANÇA EM DEUS

Dominados pelo cansaço das batalhas, os hebreus compreenderam que, se Deus não interviesse, não conseguiriam vencer. Estavam totalmente esgotados e precisavam da força divina para prosseguir.

"Enviaram, pois, os homens de Gibeom a Josué, ao arraial de Gilgal, dizendo: Não retires as tuas mãos de teus servos; sobe apressadamente a nós, e livra-nos e ajuda-nos, porquanto todos os reis dos amorreus, que habitam na montanha, se ajuntaram contra nós. Então subiu Josué, de Gilgal, ele e toda a gente de guerra com ele, e todos os homens valorosos. E o SENHOR disse a Josué: Não os temas, porque os tenho dado na tua mão; nenhum deles te poderá resistir. E Josué lhes sobreveio de repente, porque toda a noite veio subindo desde Gilgal." (Js 10.6-9)

Quando eu estava no corpo de fuzileiros navais, lembro-me de que fazíamos uma marcha de quatro horas de duração – mas nunca fizemos um exercitamento que durasse a noite toda. Não consigo imaginar o grau de cansaço em que Josué e seus soldados se achavam. Eles realmente precisavam da interferência de Deus, dando-lhes forças para suprir sua fraqueza. E ele deu. E como deu! Deus fez um milagre que nunca mais se repetiu.

"E o SENHOR os conturbou diante de Israel, e os feriu com grande matança em Gibeom; e perseguiu-os pelo caminho que sobe a Bete-Horom, e feriu-os até Azeca e a Maquedá. E sucedeu que fugindo eles de diante de Israel, à descida de Bete-Horom, o SENHOR lançou sobre eles, do céu, grandes pedras, até Azeca, e morreram; e foram muitos mais os que morreram das pedras da saraiva do que os que os filhos de Israel mataram à espada. Então Josué falou ao SENHOR, no dia em que o SENHOR deu os amorreus nas mãos dos filhos de Israel, e disse na presença dos israelitas: Sol, detém-te em Gibeom, e tu, lua, no vale de Ajalom. E o sol se deteve, e a lua parou, até que o povo se vingou de seus inimigos. Isto não está escrito no livro de Jasher? O sol, pois, se deteve no meio do céu, e não se apressou a pôr-se, quase um dia inteiro. E não houve dia semelhante a este, nem antes nem depois dele, ouvindo o SENHOR assim a voz de um homem; porque o SENHOR pelejava por Israel." (Js 10.10-14)

Essa devia estar no programa Acredite se Quiser! Você consegue visualizar isso? O General Josué, sentindo uma enorme confiança em Deus, olha para o alto e brada:
- Pare, sol! E você também, lua!
Não encaremos isso como presunção de sua parte. Não; não é isso. É a certeza de que Deus se acha totalmente envolvido em nossa motivação de vida, e é totalmente glorificado com nossas ações. É como afirma Theodore Epp: "Assim que um homem se dispõe a colocar-se no centro do plano de Deus, e deixa Deus realizar a vontade dele por seu intermédio, esse homem torna-se invencível."
Veja por si mesmo os resultados de uma atitude assim, em Josué 10.11-27. Eles obtiveram sucesso na invasão da terra de Canaã, capturaram e mataram os reis, e Deus recebeu toda a glória. Foram esses os resultados dos esforços daquela equipe de guerreiros dedicados, que estavam comprometidos com a busca da união, e que de bom grado se tornaram exemplos de humildade, e decidiram crer em Deus, independente de qualquer coisa.

ALGUMAS SUGESTÕES DE APLICAÇÃO

Como é fácil pensar nesses grandes feitos como restritos apenas ao passado! E como é errado pensar assim! Aqui vão algumas considerações que merecem um pouco de nosso tempo e atenção.

1. A busca da união é trabalhosa, mas vale a pena. Quem está ocupando a posição de liderança nas fileiras cristãs tem a responsabilidade de "preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz" (Ef 4.3). Seremos tentados muitas vezes a não agirmos assim. Pessoas que nos cercam irão estimular-nos a optar por uma facção, quando deveríamos procurar meios de ficar ao lado delas. Seremos tentados a manipular as pessoas, ou controlá-las, ou procurar dominá-las de alguma forma. E tudo apenas com um objetivo: fazermos a nossa vontade, alimentarmos nosso orgulho.
Sugiro que você, leitor, tente ser diferente. Faça o propósito de libertar os outros, para que possam crescer e aprender por si mesmos. Para variar, sempre que for possível, em vez de provocar uma discussão, evite-a. Seja mais como um pacificador.
Talvez já tenham ouvido essa historinha, mas percebo que todas as vezes que a conto algumas pessoas sorriem. Havia um casal que estava casado havia mais de cinqüenta anos. Um dia, alguém perguntou ao marido qual era o segredo de sua felicidade conjugal.
- Bom, explicou o velho, assim que casamos, eu e a mulher fizemos um trato: quando ela ficasse chateada com alguma coisa, falaria tudo comigo e desabafaria. E quando eu ficasse com raiva dela, iria dar uma volta a pé. Acho que podemos atribuir o sucesso de nosso casamento ao fato de que eu tenho vivido muito ao ar livre.
Eis aí um homem resolvido a promover a união. Não é algo que se consiga com facilidade, mas, acredite-me, vale a pena o esforço que empregamos para obtê-la. E vejamos agora outro ponto a considerar.

2. Uma posição de humildade é do mais alto valor, mas é encontrada com muita raridade. A essa altura, já deve ter dado para perceber que a união está muito ligada à humildade. Uma gera a outra; e nenhuma das duas pode subsistir sem a outra. São como irmãos siameses, ligados para sempre. Eu mesmo já testemunhei muitas situações em que as pessoas permitiram que o orgulho imperasse (embora não o reconhecessem como orgulho), e a harmonia do grupo se desfez... e bem depressa. É como diz o apóstolo Tiago: "De onde procedem guerras e contendas, que há entre vós? De onde, senão dos **prazeres que militam na vossa carne**? Cobiçais, e nada tendes; matais e invejais, e nada podeis obter; viveis a lutar e a fazer guerras." (Tg 4.1-2)
A despeito dos ensinamentos que talvez recebamos hoje, os termos guerra e contendas não são o método certo para se avançar. Em última análise, não glorificam a Deus. É não guerreando, é recusando-se a contender, que conquistamos amigos.
Gosto muito das palavras de Allan McGinnis sobre o assunto. Em seu excelente livro The Friendship Factor (O Fator Amizade), ele aborda essa questão.

"A psicologia popular produziu uma nova onda de livros de auto-aprimoramento, que defendem a auto-afirmação, que estimulam o individuo a fazer o que deseja, a tirar vantagem dos outros, antes que tirem vantagem dele; a afastar de seu relacionamento toda pessoa que não quiser lhe dar aquilo de que tem "necessidade". Na verdade, essa atitude não é nada nova. A arrogância já se acha entre os homens há bastante tempo.
Mas essa filosofia de vida tem um lado doloroso. Nada mais é do que uma tentativa de pessoas infelizes que buscam encontrar felicidade. Parece que alguém as convenceu de que a encontrarão assim, ignorando os problemas e dificuldades dos outros e pisando nos outros para chegarem onde desejam. Mas o que tenho aprendido quando essas pessoas me procuram para aconselhamento é que, quando empurram os outros , quando intimidam os concorrentes, e não têm consideração para com aqueles pelos quais são responsáveis, chegam ao alto da escalada e descobrem que não há ninguém ali para lhes dar nada. Jesus repudia esse tipo de atitude, dizendo que, quem quiser salvar sua vida, acabará por perdê-la. Cristo afirma também que aqueles que perderem a vida a

salvarão. E a Bíblia está cheia de declarações no sentido de que, se nos sacrificarmos e negarmos a nós mesmos por uma causa superior, no final encontraremos a felicidade. Em outras palavras, a felicidade normalmente não sobrevém àqueles que se empenham na procura dela. Na maioria dos casos, ela resulta de uma **atitude**. Já percebi que as pessoas mais felizes não são as que estão empurrando ou pisando nos outros. São pessoas que não tencionam intimidar os outros; pessoas que têm confiança no seu valor próprio; e grande parte disso provém do fato de procurarem fazer os outros felizes. E esse tipo de atitude é altamente recompensado, pois ninguém esquece com facilidade um amigo que se dispõe a sacrificar-se por ele."

O salmo de Davi é eterno. Embora ele tenha sido escrito muito antes e livros como Pulling Your Own Strings (Puxe seus próprios cordéis) e Looking Out for Number 1 (Cuide da pessoas número 1) chegarem à lista dos best-sellers, ainda é verdadeiro. Veja mais uma vez o que ele diz:

"OH! quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união. É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desce sobre a barba..." (Sl 133)

Quer um bom conselho? Espalhe um pouco desse óleo à sua volta. Mas não seja muito parcimonioso: derrame-o à vontade. Deixe-o cair e escorrer bem. Faça isso hoje mesmo.

PERGUNTAS E SUGESTÕES PARA DEBATE

- Defina união com suas próprias palavras. Use seu poder criativo e acrescente algumas idéias para ampliar sua definição.
- Por que é que, por natureza, somos mais rígidos, e não irmanados? Por que somos tacanhos em vez de abertos para os outros?
- Reveja a oração de Jesus em João 17.20-26. Estude as palavras dele à luz do ensino atual de se buscar independência e intimidação. Cite uma maneira de você promover uma maior união do grupo.
- Converse sobre a necessidade que temos de receber estímulo uns dos outros. Você se recorda de alguma ocasião em que alguém o reanimou e isso revigorou seu espírito? Relate.
- Converse com toda franqueza a cerca do ácido da inveja. Você tem esse problema? Ou já foi vítima de ataques invejosos de outra pessoa? Como se pode superar essa fraqueza?
- Releia as palavras de Dietrich Bonhoeffer. Converse sobre as afirmações que ele faz sobre os fortes e os fracos.
- Por último, passe algum tempo meditando sobre os dois princípios da união e humildade. Por que as duas coisas se acham intimamente relacionadas? Leia Filipenses 2.3,4. Converse sobre como esse texto se aplica à nossa vida hoje.

CAPÍTULO SEIS
QUANDO O RELACIONAMENTO ACABA

Está na hora de encararmos a realidade de frente. Até aqui, as coisas estiveram relativamente fáceis, talvez alguém tenha pensado um pouco sobre pequenas desavenças e conflitos ocasionais, mas, em grande parte, pode ter ficado com a impressão de que assumir um relacionamento franco e uma condição de vulnerabilidade é fácil como deslizar montanha abaixo. Com nossos óculos cor de rosa, talvez estejamos crendo que, quando os membros do Corpo se aproximam mais uns dos outros, automaticamente tornam-se unidos. E é possível que o leitor esteja achando que, assim que

removermos as máscaras e passarmos a nos relacionar abertamente uns com os outros, estaremos percorrendo uma estrada de paz ininterrupta. Mas isso não acontece necessariamente. Vez por outra, ocorrem motins entre os membros, e as conseqüências deles podem ser muito desastrosas.
Quando li as palavras que vêm a seguir, escritas por um médico, descrevendo a presença do câncer no organismo humano, achei que elas ilustram muito bem as rupturas de comunhão que podem ocorrer na família de Deus.

"Um tumor é considerado benigno, quando seus efeitos ficam restritos dentro de uma membrana, e ali permanecem. Mas a condição mais traumática do organismo ocorre quando células rebeldes escapam de seus limites. Elas se multiplicam desenfreadamente, e se espalham rapidamente pelo organismo, sufocando as células normais. Os glóbulos brancos, que estão armados para atacar invasores, não atacam as células rebeldes do próprio organismo. Não existe nenhuma outra disfunção de que os médicos tenham mais pavor. Essa disfunção chama-se câncer. Por razões que ainda desconhecemos, essas células – e às vezes tecidos – tornam-se desordenadas, fora de controle. Cada uma dela sé uma célula que funciona perfeitamente, mas são rebeldes, e não atuam mais em harmonia com o resto do organismo. E até mesmo os glóbulos brancos, que são a nossa firme guarda palaciana, podem rebelar-se e destruir o organismo. Em certos casos, elas se reproduzem desordenadamente, e atravancam o sistema circulatório, sobrecarregando so canais linfáticos, destruindo a funções normais do corpo – é a leucemia."

E é assim também uma doença espiritual chamada "conflitos de relacionamentos". Quando os relacionamentos se rompem, termina a alegria e o Corpo adoece. E como essas coisas podem ser nocivas!
E isso não é nenhuma novidade. **O caminho percorrido pela Igreja está juncando de lixo: conflitos, desavenças, atritos, lutas internas e discórdias.** Basta relembrar a igreja do primeiro século, retratada no livro de Atos.

- Atos 5: hipocrisia, trazendo como conseqüência a punição.
- Atos 6: tratamento injusto das minorias e necessitados.
- Atos 9: relutância em permitir que Paulo, um recém-convertido, pregasse o evangelho.
- Atos 11: o legalismo levanta a cabeça horrenda.
- Atos 15: desavenças doutrinárias tão sérias que foi preciso realizar-se um concílio oficial para resolver a questão. E no final do mesmo capítulo, um conflito entre Paulo e Barnabé.

Não haveria nem tempo nem espaço aqui para descrever os conflitos que ocorreram de lá pra cá (isso daria assunto para muitos livros), mas existem por aí muitas provas de que esse poderoso exército, a Igreja de Deus, nunca esteve completamente livre de conflitos e crises.
Por vezes esses conflitos são graves e explosivos como no caso da Inquisição, quando crentes eram mortos pelas autoridades da Igreja, que acreditavam estar fazendo um favor a Deus. E por vezes podem ser leves e rotineiros, como no caso de uma professora de escola dominical que não consegue controlar uma classe de pré-adolescentes.
A revista Leadership, conhecida por seus engraçados cartuns sobra a Igreja, trouxe certa vez um desenho que nos fez rir bastante ao reconhecer a realidade dos fatos. O desenho mostrava a figura de um pastor de rosto muito sério, que fazia uma interrupção em sua pregação, e lia um bilhete que dizia: "Interrompemos este sermão para informar que a turma de meninos de dez anos agora está em perfeito controle da classe, e mantém como refém a professora Moseby."

CAUSAS DAS RUPTURAS DE RELACIONAMENTOS

Já que existem conflitos, e que ocorre a ruptura dos relacionamentos, parece-me que o mais certo é encararmos o fato de frente. Comecemos analisando o quadro geral. Em que situações as pessoas se afastam umas das outras e resistem ao processo de integração? Quando é que temo mais tendência para nos isolarmos e manter nossas máscaras? Existem pelo menos cinco situações, e cada uma delas é ilustrada por um relato bíblico.

Sofrimento e Doenças Graves

A maioria das pessoas, quando sofre com uma dor muito forte, procura ficar a sós. São poucas as que permanecem na corrente do envolvimento quando estão sofrendo muito, seja esse sofrimento físico ou emocional. As razões são diversas. Pode ser que a pessoa se sinta constrangida pelo que está passando. Ou pode ser também que esteja tão "machucada" interiormente que fica deprimida e afasta-se do convívio de outros. É claro que, quando alguém está sofrendo de uma enfermidade física que drena suas energias e exige longo período de repouso, ele não pode mesmo corresponder aos reclames naturais da vida.

Foi o caso de Jó, que sofreu uma terrível doença: tumores malignos por todo o corpo. Sabemos como ele se isolou, por causa de sua tristeza (Jó 1.20,21;2.7-13). E mesmo quando seus supostos "amigos" vieram confortá-lo (confrontá-lo seria a palavra certa), ele permaneceu afastado de suas responsabilidades normais. O sofrimento faz isso com a gente. Quando se torna muito longo ou muito doloroso, buscamos o isolamento. Como Jó,preferimos ficar longe dos olhares curiosos.

O rei Saul também fez isso. Lembra-se de como ele ficou sozinho, na escuridão do seu desespero, afundando no pântano da depressão? (I Sm 15-16)

Nosso Salvador também quis ficar a sós quando toda a agonia da cruz lhe sobreveio (Mt 26.36-44). Portanto, não devemos sentir-nos ofendidos ou admirados quando alguém se afasta do convívio dos outros, levado pelo sofrimento. Pelo contrário, nossa melhor atitude para com essa pessoa será revelar um coração compassivo e compreensivo. Mas, quando tentarmos nos aproximar, teremos que fazê-lo com muito **tato e sensibilidade**. Voltaremos a abordar este assunto no capítulo 8, onde o trataremos mais amplamente.

Esgotamento e Fadiga

Nos dias em que vivemos, sofrendo fortes tensões e muito stress e constantes demandas, com pouco tempo para o lazer, um número cada vez maior do povo de Deus está-se desintegrando emocionalmente, vítima dom esgotamento e fadiga. Não é muito incomum encontrarmos pessoas que trabalham na obra de Deus num ritmo excessivo, que se desgastam a tal ponto que um dia sofrem um abalo. Acham-se então cansadas e esgotadas, necessitadas de um bom descanso – de um bom tempo para se recuperarem e restabelecerem – não demonstrando interesse por programas e projetos que exijam delas maior dispêndio de energia e tempo. Essas pessoas precisam ser respeitadas e não atormentadas. Precisam de tempo para restaurarem as forças, e domarem a **"tirania da pressa"**.

Acredito que o velho profeta Elias diria um sonoro "amém" a essas palavras. Depois do intenso envolvimento como profeta de Deus, em que se posicionou sozinho contra o rei Acabe e sua mulher Jezabel, ele enfrenta os profetas de Baal no monte Carmelo, lutas que demoraram vários anos (se incluirmos o período de prolongada seca). Ele tinha orado, profetizado, lutado, pregado, sofrido, passara por uma confrontação com o rei, e zombara dos profetas. **De repente perde o**

equilíbrio emocional, quando vai para o deserto sozinho, e pede a Deus que lhe tire a vida (I Rs 19.1-5). Esgotado e cansado, o profeta estava faminto e liquidado. A visão que tivera do quadro geral estava muito embaçada, e sua motivação para o ministério se esvaíra. É maravilhoso ver como Deus estendeu para ele a sua graça. Nada de fortes sensações de culpa; nem sermões demorados; nem mesmo uma carranca ou ameaças. Com sua divina compaixão, deu ao profeta tempo para se recuperar; deu-lhe espaço para se refazer. Até preparou uma refeição para o profeta exausto. Todos nós poderíamos aprender muita coisa, se analisássemos atentamente os métodos que Deus emprega conosco.

Vez por outra aparecem em nossa igreja pessoas que precisam de cura interior. Acham-se esgotadas. Estão sequiosas por um lugar onde possam refazer-se; precisam de liberdade para ficar tranqüilas e recuperar a perspectiva das coisas. Temos que respeitar essas pessoas e dar-lhes condições para se refazerem. O que precisam não é de pessoas que as "encurralem num canto" e as "coloquem nos eixos". Nesses casos, os processos de integração e envolvimento também terão que esperar um pouco. O de que elas precisam (como foi o caso de Elias) é ter liberdade para relaxarem. No tempo certo, recuperarão as energias e a perspectiva certa dos fatos. Na maioria dos casos, o esgotamento não é uma doença incurável.

Problemas em Casa e Conflitos Pessoais

Quando problemas de família e conflitos pessoais nos levam a procurar abrigo, muitas vezes ao sofrimento se acrescenta um sentimento de vergonha. É difícil descrever a intensa ansiedade de um individuo que se acha acossado por conflitos domésticos, ou reveses financeiros ou erros de ordem moral. Esses tipos de problema, em menor ou maior escala, geram em nós um forte desejo de nos isolarmos, embora essa talvez não seja a solução mais adequada.

Enquanto Davi esteve sob o sentimento de culpa pelo seu envolvimento com Bate-Seba, não desempenhou suas atividades no alto padrão a que estava acostumado. Leia IISm 11-12, e Sl 32.3-5 e 51.1-17, e constate isso. Esses trechos parecem indicar que durante aqueles dias sombrios, ele não foi à guerra, não compôs hinos, e não tomou nenhuma decisão importante. Ele se achava emaranhado na teia que ele próprio criara, mantendo-se distante e preocupado. Fustigado pela culpa, sofria sozinho.

O mesmo pode acontecer com uma família, quando se vê em luta com um jovem ou um adolescente rebelde. Esse tipo de problema pode esgotar as energias da família, e roubar-lhe a alegria. Geralmente essas pessoas se isolam, e atravessam sozinhas esse vale de desalento.

E como pastor muitas vezes me vejo a braços com um dilema. Devo intervir? Devo intrometer-me e oferecer ajuda, apesar de não terem recorrido a mim? Ou devo permanecer à margem, e deixar as pessoas envolvidas solucionarem elas mesmas seus próprios problemas? Não existem regras fixas de conduta aqui. Já tomei as duas atitudes... e obtive reações negativas nas duas. Mas também já obtive resultados maravilhosos, e a solução do problema, em outras ocasiões em que assumi as duas atitudes. Ainda tenho na lembrança as palavras que ouvi, em duas situações extremas.

"Isso é da sua conta? Se o Senhor não tivesse intrometido, poderíamos ter resolvido tudo."

"Muito obrigado, pastor; obrigado mesmo. Se o senhor não tivesse interferido no caso e não tivesse se interessado por nós o suficiente para nos confortar (ou exortar, ou nos ouvir), não sei onde estaríamos hoje."

“Estamos muito gratos ao senhor por nos ter dado tempo para solucionarmos nós mesmos o problema. Somos muito agradecidos de não ter se intrometido e forçado uma solução.”

“Onde o senhor estava? Por que não nos ajudou? É claro que não se importou nem um pouco, mesmo sabendo que estávamos sofrendo.”

Essas coisas é que fazem um pastor se isolar. Não seria bom se houvesse regras fixas, que nunca falhassem, para serem aplicadas em situações delicadas? Mas na questão do rompimento de relacionamentos, essas regras fixas, sejam elas positivas ou negativas, devem ser descartadas. E quem gosta de aplicá-las para tudo, é melhor esquecer.

Atrito Entre Duas ou Mais Pessoas

Outra barreira ao desenvolvimento de relacionamentos francos e total envolvimento com outros é o conhecido problema dos atritos entre indivíduos – conflitos de personalidade, rejeição da decisão de outrem, ofensas que não foram resolvidas e perdoadas, mal-entendidos que se complicam devido a conversas e mexericos. Isso ocorre principalmente quando a pessoa se isola para “tratar dos ferimentos”, por ter sido magoada porque tentou ajudar outra, com toda sinceridade, e saiu prejudicada.
Lembro-me com muita freqüência das palavras de Salomão:

“O irmão ofendido é mais difícil de conquistar do que uma cidade forte; e as contendas são como os ferrolhos de um palácio. (Pv 18.19)

Você é capaz de imaginar o quadro? Barras de ferro grossas e enferrujadas, que parecem dar a mensagem: “Fique longe de mim. Quero ficar sozinho!”

Mas se analisarmos essa analogia até seus limites, veremos que o irmão ofendido é o que mais sofre. É ele quem se fecha a abandona o círculo social. E como uma pessoa pode tornar-se amargurada, quando se encerra por trás dessas barras invisíveis!

“Conta-se a história de duas irmãs solteiras que viviam juntas e que tiveram uma briga muito séria, e pararam de conversar uma com a outra. Não podendo, ou não querendo sair de casa, elas continuaram a utilizar os mesmos aposentos, a dormir no mesmo quarto. Fizeram um traço a giz no quarto, dividindo os espaços de uma e de outra, separando a porta e a lareira, para que cada uma pudesse se mover livremente sem passar para o espaço da outra. Durante a noite, cada uma ouvia a respiração da inimiga. E nenhuma delas se dispunha a dar o primeiro passo para a reconciliação.”

Como teria sido melhor se tivessem seguido o exemplo de duas outras irmãs, Betsy e Corrie ten Boom. No livro O Refúgio Secreto, escrito por Corrie, ela narra uma ocasião em que viu que sua irmã estava com o rosto ferido e inchado. Perguntou à outra se o guarda lhe batera, e a resposta que recebeu a deixou perplexa: “Tive muita pena daquele homem!”
Quantos de nós recordamos muitas vezes aquele espírito de perdão demonstrado por Corrie ten Boom, e que ela absorveu de sua irmã Betsy?
Paulo e Barnabé tiveram uma confrontação, segundo o relato de Atos 15.36-40. Dois homens fortes, adultos, decididos tiveram uma desavença e se separaram. Cada um, por seu lado, tinha a convicção de que estava com a razão, aponto de romper um relacionamento. E nós não sabemos

mais nada a respeito de Barnabé, depois que ele segue para Chipre, após o desenvolvimento com Paulo.
Como somos estranhos! Se nosso carro enguiça nem por isso deixamos de usar um veiculo. Se nosso telhado está co goteiras, nem por isso abandonamos a casa e nos mudamos para outro lugar. Mas a ironia de tudo isso é que, **quando duas pessoas têm um conflito, raramente se mostram suficientemente maduras para permanecer ali e resolver as coisas.** Na maioria dos casos, elas se afastam uma da outra e levam uma vida de desespero e solidão. Se uma antiguidade tem tanto valor ao ponto de se empregar tempo, energia e dinheiro para restaurá-la, muito mais um relacionamento rompido.

Rebelião Contra Deus

Eu gostaria de explorar mais profundamente esse problema, já que ele é ilustrado com muita clareza na história dos antigos hebreus, que temos estado estudando.
Simplificando, essa questão tem muito a ver com o isolamento que sobrevém a um indivíduo como conseqüência direta da desobediência. Como é fácil uma pessoa afastar-se do povo de Deus, e passar o resto da vida em reclusão, só porque uma vez cometeu um erro grave e sofreu por ele. Deus nos castiga por nossos atos de desobediência, já que somos seus filhos, não para que passemos a vida toda em isolamento, mas para que aprendamos o valor da obediência.
Vejamos um exemplo clássico disso, no caso de alguns hebreus que desobedeceram a Deus na conquista de Ai.

AI E OS HEBREUS

O livro de Josué é uma espécie de Fórmula Um, do Velho Testamento. Indo de uma batalha para outra, aqueles hebreus foram sempre estabelecendo novos recordes de velocidade a cada novo triunfo. Sem um minuto de hesitação, eles varreram Jericó, cravando uma estaca no coração da terra de Canaã, enfraquecendo muito as defesas do inimigo. Dali seguiram ao encontro de outros desafios, prontos e enfrentar quaisquer opositores que se lhes deparassem... até chegarem a Ai. O capítulo 7 de Josué é uma “parada nos boxes”. De repente o carro pára com um rangido de freios. O piloto (Josué) fica ali sentado, perplexo, pensando consigo mesmo: “O que terá acontecido? Por que este problema agora? O que está errado?” Nem mesmo sua equipe de mecânicos conseguiram atinar com o que estava acontecendo.
Precisamos compreender que, militarmente falando, Ai era uma cidade fraca. Comparada com a terrível Jericó, ela era apenas uma depressão na pista, um torrão de terra na estrada da vitória. E, no entanto, o exercito israelita foi fragorosamente derrotado, foram repelidos por um bando de caipiras de uma cidadezinha do interior.

“Enviando, pois, Josué, de Jericó, alguns homens a Ai, que está junto a Bete-Áven do lado do oriente de Betel, falou-lhes dizendo: Subi, e espiai a terra. Subiram, pois, aqueles homens, e espiaram a Ai. E voltaram a Josué, e disseram-lhe: Não suba todo o povo; subam uns dois mil, ou três mil homens, a ferir a Ai; não fatigueis ali a todo o povo, porque poucos são. Assim, subiram lá, do povo, uns três mil homens, os quais fugiram diante dos homens de Ai. E os homens de Ai feriram deles uns trinta e seis, e os perseguiram desde a porta até Sebarim, e os feriram na descida; e o coração do povo se derreteu e se tornou como água.” (Js 7.2-5)

Vamos entender bem que nosso objetivo aqui não é meramente estudar a História antiga. Nosso interesse é aprender, é ser disciplinados pelos ensinos que Deus nos transmite através desses textos do Velho Testamento. Também não estamos preocupados com os detalhes da estratégia militar. Estamos falando de relacionamentos; e neste capítulo, particularmente, estamos tratando das razões por que relacionamentos se rompem, e como se rompem. Assim sendo, o primeiro passo para se resolver o problema de um relacionamento rompido é ter consciência de que alguma coisa está errada. Na verdade, para se restaurar um relacionamento são necessárias quatro etapas.

Primeira Etapa: "Há alguma coisa errada."

Chamamos a esta primeira fase de "etapa dos sintomas". Estudando a batalha de Ai, vejo aí alguns aspectos não muito corretos. Primeiro, houve uma variação na ação normal dos hebreus – eles encontraram uma reação diferente da esperada. Em vez de uma leve escaramuça, houve uma forte resistência. Em vez de o inimigo se lhes apresentar como uma pequena guarda, tornou-se um valoroso bando de guerreiros. A costumeira facilidade modificou-se. Em segundo lugar, houve um desânimo total e a queda do moral da tropa, "e o coração do povo se derreteu e se tornou como água" (v.5).

E num relacionamento que começa a se esfacelar, a fase dos sintomas tem características semelhantes. A primeira coisa que notamos é uma modificação no comportamento. A pessoa não procura mais os amigos, e, quando procura, demonstra constrangimento – fica meio sem jeito, não olha o outro diretamente nos olhos, tem pressa de ir embora. Não há mais aquela conversa fluente, franca. Não ocorrem momentos de humor. O relacionamento fica diferente. "Tem alguma coisa errada", dizemos para nós mesmos.

Além disso, para usar um termo do versículo 5, nosso coração se "derrete". Ficamos com o coração apertado. Em nosso espírito percebemos um distanciamento, uma divisão que antes não existia. E a propósito, quanto mais sensíveis somos em relação aos outros, mais prontamente detectamos a presença desses sintomas em alguém. Assim que nos encontramos com essa pessoa, percebemos nela um quê de negativo. Isso nos leva à etapa da preocupação.

Segunda Etapa: "O que aconteceu?"

Voltemos ao relato da batalha de Ai. Leia os versículos abaixo, e coloque-se no lugar de Josué.

"Então Josué rasgou as suas vestes, e se prostrou em terra sobre o seu rosto perante a arca do SENHOR até à tarde, ele e os anciãos de Israel; e deitaram pó sobre as suas cabeças. E disse Josué: Ah! Senhor DEUS! Por que, com efeito, fizeste passar a este povo o Jordão, para nos entregares nas mãos dos amorreus para nos fazerem perecer? Antes nos tivéssemos contentado em ficar além do Jordão! Ah, SENHOR! Que direi? Pois Israel virou as costas diante dos inimigos! Ouvindo isto, os cananeus, e todos os moradores da terra, nos cercarão e desarraigarão o nosso nome da terra; e então que farás ao teu grande nome?" (Js 7.6-9)

Então há uma grande perplexidade. Obviamente, Josué fica preocupado com a reviravolta observada nos eventos. Ele se reúne com os amigos de confiança (no texto chamados de "anciãos" – v.6), e juntos buscam a Deus para procurar entender os fatos. Aqueles homens oraram com muita seriedade e se uniram num mesmo sentimento de preocupação. A perplexidade os leva a cair de joelhos.

E fazemos o mesmo, não é? Assim que sentimos um afastamento entre nós e outra pessoa, conversamos sobre o problema com alguns amigos mais chegados – e eu diria também confidentes – e oramos. E nos momentos de oração recebemos a revelação de que necessitamos. Deus nos concede a faculdade de penetrar mais fundo no problema.
Tenho alguns amigos chegados que são também meus confidentes. Essas pessoas são tão importantes para mim que o leitor deve ter notado que dediquei esse livro a elas. Esses homens têm nosso relacionamento na mais alta conta, com profundas raízes de confiança. Eles consideram de grande importância (como também eu) as nossas reuniões. Nesses encontros, conversamos; meditamos; fazemos avaliações sobre decisões tomadas; falamos de nossas lutas; oramos. Mantemos esses contatos porque sabemos que Deus usa cada um de nós para ser uma bênção para os outros. Estamos sempre à disposição uns dos outros, e sempre em contato. Nosso objetivo é nos fortalecermos e auxiliarmos mutuamente, de todas as maneiras possíveis. Sentindo-nos responsáveis perante os outros e abertos uns para com os outros, podemos tocar o ponto nevrálgico dos problemas, sem as típicas dissimulações que tantas vezes "anuviam" as amizades. Acredito que Josué mantinha um relacionamento desse tipo com aqueles homens que compartilhavam de suas preocupações.
E Deus recompensou a oração deles, e, rompendo o silêncio, revelou-lhes o mistério.

"Então disse o SENHOR a Josué: Levanta-te; por que estás prostrado assim sobre o teu rosto? Israel pecou, e transgrediram a minha aliança que lhes tinha ordenado, e tomaram do anátema, e furtaram, e mentiram, e debaixo da sua bagagem o puseram. Por isso os filhos de Israel não puderam subsistir perante os seus inimigos; viraram as costas diante dos seus inimigos; porquanto estão amaldiçoados; não serei mais convosco, se não desarraigardes o anátema do meio de vós. Levanta-te, santifica o povo, e dize: Santificai-vos para amanhã, porque assim diz o SENHOR Deus de Israel: Anátema há no meio de ti, Israel; diante dos teus inimigos não poderás suster-te, até que tireis o anátema do meio de vós. Amanhã, pois, vos chegareis, segundo as vossas tribos; e será que a tribo que o SENHOR tomar se chegará, segundo as famílias; e a família que o SENHOR tomar se chegará por casas; e a casa que o SENHOR tomar se chegará homem por homem. E será que aquele que for tomado com o anátema será queimado a fogo, ele e tudo quanto tiver; porquanto transgrediu a aliança do SENHOR, e fez uma loucura em Israel." (Js 7.10-15)

Mas Deus não lhes revelou tudo, embora deixasse claro que a desobediência campeava no exercito israelita. Alguém ali tinha cometido uma transgressão. Não se revelaram nomes, mas a enfermidade fora indicada. Talvez fosse bom voltarmos atrás e lermos a proibição que Deus tinha feito ao povo, assim que invadiram a terra de Canaã.

"Tão-somente guardai-vos do anátema, para que não toqueis nem tomeis alguma coisa dele, e assim façais maldito o arraial de Israel, e o perturbeis. Porém toda a prata, e o ouro, e os vasos de metal, e de ferro são consagrados ao SENHOR; irão ao tesouro do SENHOR." (Js 6.18-19)

Mas, agora, como alguém tinha consciente e deliberadamente transgredido a orientação de Deus, esse exército, antes vitorioso, experimenta a derrota. Estava na hora de descobrir quem era essa pessoa. Segue-se então a fase da revelação.

Terceira Etapa: "Quem são os envolvidos?"

Então Josué desencadeia um meticuloso processo de verificação, a fim de determinar a origem do problema.

"Então Josué se levantou de madrugada, e fez chegar a Israel, segundo as suas tribos; e a tribo de Judá foi tomada; E, fazendo chegar a tribo de Judá, tomou a família dos zeraítas; e fazendo chegar a família dos zeraítas homem por homem, foi tomado Zabdi; E, fazendo chegar a sua casa, homem por homem, foi tomado Acã, filho de Carmi, filho de Zabdi, filho de Zerá, da tribo de Judá. Então disse Josué a Acã: Filho meu, dá, peço-te, glória ao SENHOR Deus de Israel, e faze confissão perante ele; e declara-me agora o que fizeste, não mo ocultes. E respondeu Acã a Josué, e disse: Verdadeiramente pequei contra o SENHOR Deus de Israel, e fiz assim e assim. Quando vi entre os despojos uma boa capa babilônica, e duzentos siclos de prata, e uma cunha de ouro, do peso de cinqüenta siclos, cobicei-os e tomei-os; e eis que estão escondidos na terra, no meio da minha tenda, e a prata por baixo dela." (Js 7.16-21)

Foi preciso um grande esforço. Depois veio a confrontação. O líder não tirou conclusões apressadas nem procurou colocar as palavras na boca do culpado. Limitou-se a escutar. Estava disposto a escutar tudo que ele tinha a dizer, a deixar que ele confessasse todo o seu erro. Pediu-lhe toda a verdade. "Não me ocultes" (v.19).
Essa situação não é nada agradável. Não se processa com facilidade, e, muitas vezes, é bastante indesejada. Quando a comunhão entre duas ou mais pessoas é interrompida devido a pecado de desobediência contra Deus (como foi o caso de Acã), geralmente a confrontação é penosa e traz muitas lágrimas. Por isso, é de grande importância que tudo seja feito com a atitude certa. Eu chegaria mesmo a dizer que, se alguém aprecia esse tipo de coisa, tem uma motivação errada. Paulo tem uma advertência muito sábia.

"IRMÃOS, se algum homem chegar a ser surpreendido nalguma ofensa, vós, que sois espirituais, encaminhai o tal com espírito de mansidão; olhando por ti mesmo, para que não sejas também tentado. Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo." (Gl 6.1-2)

E Tiago também diz:

"Irmãos, se algum dentre vós se tem desviado da verdade, e alguém o converter, saiba que aquele que fizer converter do erro do seu caminho um pecador, salvará da morte uma alma, e cobrirá uma multidão de pecados." (Tg 5.19-20)

Essas situações de confronto, revelação e confissão entre os crentes não podem ocorrer, por assim dizer, num "tribunal" (I Co 6.4-8), nem devem ser forçadas diante da congregação, a não ser que já se tenham envidados todos os esforços para a reconciliação, e tenha havido resistência a eles (Mt 18.15-17). Repito, a atitude com a qual conduzimos esses dolorosos momentos de confronto tem tanta importância quanto nossos atos em si, e às vezes até mais. Invariavelmente, isso nos leva para a fase da assistência.

Quarta Etapa: "O que é necessário?"

No caso de Acã, não havia alternativa, Deus já se manifestara. A lei tinha sido transgredida. E a pena imposta pela lei mosaica nessa ocasião era a morte. Josué nem hesitou. E a pena máxima foi executada. E o povo nunca mais esqueceu aquela cena.

“Então Josué enviou mensageiros, que foram correndo à tenda; e eis que tudo estava escondido na sua tenda, e a prata por baixo. Tomaram, pois, aquelas coisas do meio da tenda, e as trouxeram a Josué e a todos os filhos de Israel; e as puseram perante o SENHOR. Então Josué, e todo o Israel com ele, tomaram a Acã filho de Zerá, e a prata, e a capa, e a cunha de ouro, e seus filhos, e suas filhas, e seus bois, e seus jumentos, e suas ovelhas, e sua tenda, e tudo quanto ele tinha; e levaram-nos ao vale de Acor. E disse Josué: Por que nos perturbaste? O SENHOR te perturbará neste dia. E todo o Israel o apedrejou; e os queimaram a fogo depois de apedrejá-los. E levantaram sobre ele um grande montão de pedras, até o dia de hoje; assim o SENHOR se apartou do ardor da sua ira; pelo que aquele lugar se chama o vale de Acor, até ao dia de hoje.” (Js 7.22-26)

Em nossos dias – uma época regida pela graça e misericórdia – vez por outra somos instrumentos de punição. Trata-se de uma função desagradável que, no entanto, é essencial. Muitas vezes, é preciso que nos disponhamos a intervir e ajudar um irmão ou irmã a encarar a verdade e reconhecer seu erro, e, se for possível, obter o perdão pleno, a fim de recuperar essa pessoa para a família de Deus.
Para Davi, o profeta Natã foi o instrumento que Deus usou. Se ele não tivesse procurado aquele rei adúltero e o encarado de frente, dizendo: “Tu és esse homem!” quem sabe quanto tempo ele ainda permaneceria no pecado? E quantas pessoas mais teriam sofrido as conseqüências do seu erro?
Em diversas ocasiões, eu tenho tido que atuar como Natã. Posso garantir que nunca gostei de exercer essa função. Muitas vezes, suplico a Deus que mande outra pessoa “lavar a roupa suja”. Mas depois, quando tudo termina com o arrependimento e confissão, sinto-me grato a Deus por ter-me dado coragem para intervir e ajudar um irmão a encarar de frente e solucionar um problema que ele se negava a reconhecer. Quer gostemos disso ou não, o fato é que **algumas vezes é preciso demolir antes de construir**.
Mas quero repetir aqui uma coisa, para que fique bem claro e ninguém me interprete mal. Nem todos os rompimentos entre crentes exigem confronto e uma intervenção direta de terceiros. Em casos de rebelião franca contra Deus, quando o nome do Senhor e de sua família são maculados (como aconteceu claramente com Acã, em Ai), então são necessárias medidas drásticas... mas, mesmo nesses casos, **o modo como o problema é solucionado é tão importante quanto a solução do mesmo.**

O EPISÓDIO DE AI, E NÓS

Ao encerrar este capítulo, vamos repassar três princípios que sobressaem aqui.

- A maior parte dos casos de rompimento de comunhão entre irmãos que resultam de desobediência contra Deus não se refaz por si mesmo. É preciso que alguém interfira.
- Quanto mais longa a duração do rompimento, maior será o impacto que causará. Comece a resolver o problema hoje mesmo.
- A princípio, a solução aplicada poderá ser dolorosa, mas no fim será muito gratificante. Não desista.

Quero fazer-lhe uma pergunta. Se você tivesse um tumor, e o medico ao examinar descobrisse que se tratava de um tumor maligno, você iria querer que ele escondesse de você a verdade? Se ele agisse como se tudo estivesse muito bem, e como se você não tivesse nada com que se preocupar, estaria sendo um bom amigo e um profissional competente? Você o recomendaria a outros doentes?

Se todos nós desejamos saber a verdade com relação à nossa saúde física, não devemos querer muito mais a verdade da boca daqueles que cuidam de nossa alma?
Embora essa tarefa de dizer aos irmãos a verdade em amor seja penosa e ingrata, é uma das mais importantes funções que temos de exercitar dentro do Corpo de Cristo. Que Deus nos dê forças para continuarmos agindo assim, para que o Corpo de Cristo se mantenha sadio. E, vez por outra, isso exigirá que encaremos a realidade de frente.

PERGUNTAS E SUGESTÕES PARA DEBATE

- Pense na família de Deus como sendo um corpo constituído de diversas partes. Encare um rompimento no Corpo como sendo uma enfermidade. Que providências podemos tomar para evitar enfermidades?
- Reveja as diversas razões por que ocorre o rompimento da comunhão. Converse sobre cada uma delas. Conhece alguém que talvez esteja se afastando por causa de um desses problemas? Sem citar o nome, pense em algumas maneiras pelas quais pode atingir essa pessoa e ser instrumento para a recuperação dela.
- Uma expressão que poderíamos empregar nesse contexto é “médico ferido”. Em muitos casos, uma pessoa que já se feriu ou adoeceu ou sofreu uma dor (“ferido”), é mais indicada para ajudar outras a se recuperarem (“médico”). Converse sobre a realidade desse fato.
- O pecado de Acã teve um tremendo impacto sobre todo o exército dos hebreus. Será que há ocasiões em que nossas transgressões também têm forte impacto sobre o Corpo de Cristo?
- Leia Gálatas 6.1-2 e Tiago 5.19-20. Medite sobre esses versos e converse sobre a importância de ser humilde.
- Leia I Coríntios 10.12. O que esse texto ensina sobre essa questão do confronto?
- Você tem um ou mais amigos bem chegados? Seu relacionamento com eles é sem máscaras, de modo que, se necessário, eles têm liberdade para o confrontar com a verdade, por mais dura que ela seja? Fale sobre como foi que essa comunhão se tornou assim profunda. Dê graças a Deus pela dádiva da amizade.

CAPÍTULO SETE
O VERDADEIRO AMOR

Burt Bacharach e Hal David são nomes conhecidos de todos aqueles que gostam de música. Eles representaram para as décadas de 60 e 70 o mesmo que Rogers e Hammerstein representaram para as de 40 e 50.
Hal David escrevia a letra das canções, e Bacharach a música, algumas das quais se tornaram muito conhecidas. Mas de todas as suas composições, a que conquistou o carinho dos Estados Unidos foi uma que penetrou o coração de nosso povo solitário e sedento de amor:

“O que o mundo precisa hoje é de amor, doce amor.
Não apenas para alguns, mas para todos.
Senhor, não precisamos de mais montanhas.
Já existem muitas montanhas e morros a serem escalados.
Existem muitos oceanos e rios para serem navegados...
O suficiente para durar até o fim dos tempos.
O que o mundo precisa hoje é de amor, do doce amor.

Não apenas para alguns, mas para todos.
É a única coisa que há em pequena quantidade."

Você acredita nisso? Talvez sim. Mas o que o mundo precisa não é do amor falso, do amor romântico, choroso, amor passageiro; nem daquele tipo de amor incondicional que impõe: "Ah, se você fizer isso ou aquilo, então posso amá-lo."
Nem é o amor tipo retribuição, que o mundo precisa: "Como você me deu isso, agora posso amá-lo."
Não. O que o mundo precisa hoje é do amor forte e rijo; o amor verdadeiro.
Ele é o cerne do relacionamento franco. É esse tipo de amor que faz com que eu me interesse por uma pessoa o suficiente para buscar um confronto, e que me torna forte o bastante para perdoar. E David e Bacharach tinham razão; essa preciosidade rara é "a única coisa que há em pequena quantidade."

UM EXEMPLO DE VERDADEIRO AMOR

Gayle Sayers era o melhor beque que o time 'Bears" de Chicago já tivera. Era negro. O outro beque era Brian Piccolo, também, um ótimo jogador. Era branco. Até aí, nada de mais; mesmo nos idos de 1967. Era muito comum haver jogadores negros e brancos num mesmo time profissional. Mas esses dois eram diferentes. Sempre que o time viajava, os dois ficavam juntos – era o primeiro caso de bom relacionamento entre um branco e um negro, no futebol profissional americano. É bom lembrar que Sayers nunca tivera um verdadeiro amigo branco, com exceção talvez do técnico do "Bears", George Halas. E Piccolo iria confessar mais tarde que até então nunca conhecera de perto uma pessoa de cor negra.
E no breve espaço de dois anos, entre 1967 e 1969, o relacionamento dos dois se aprofundou, tornando-se um dos mais notáveis exemplos de amizade na história do esporte. E aqueles dois jovens se amavam realmente, com verdadeiro amor, como mostra o filme Brian's Song (A Canção de Brian). O estreitamento da amizade deles se deveu, em parte, ao fato de que durante a temporada de 1969 Brian contraiu câncer. Embora tivesse lutado muito para chegar ao fim da temporada, ele passou mais tempo no hospital do que no estádio. E como a enfermidade se mostrasse resistente aos tratamentos, Sayers muitas vezes foi-se postar ao lado do amigo. E o cheiro da morte foi-se tornando cada vez mais intenso, embora os dois amigos, ambos muito fortes, se recusassem a se render a ela.
Os dois amigos, juntamente com as esposas, já tinham feito planos de irem juntos a uma cerimônia anual, realizada pelos críticos de futebol em Nova Iorque, na qual Gayle iria receber um prêmio como "o mais corajoso jogador de futebol profissional". Mas, no dia do evento, Piccolo estava muito doente e não pôde ir. Ficou em casa, de cama.
E naquela noite, quando o musculoso atleta negro se levantou para receber seu prêmio em meio a estrondosos aplausos, as lágrimas começaram a correr-lhe pelo rosto, lágrimas que ele não conseguiu controlar. As palavras que pronunciou são inesquecíveis.

"Vocês me honram muito, concedendo-me este prêmio, mas quero dizer, aqui e agora, que o recebo também por Brian Piccolo, Brian é o homem mais corajoso; e ele é quem deveria receber esse prêmio. Tenho uma grande afeição por Brian Piccolo e gostaria que todos vocês o amassem também. E à noite, quando se ajoelharem, por favor, peçam a Deus que o ame também."

Quantas vezes ouvimos homens dizerem palavras como essas: “Tenho grande afeição por Brian Piccolo”? Que palavras notáveis e tão pouco ouvidas! A amizade de Sayers e Piccolo fora mais que um relacionamento superficial entre homens durões. Embora fossem atletas fortes, heterossexuais, e homens com forte espírito competitivo, entre os dois brotara um sentimento de amor verdadeiro. David Smith escreveu um livro muito atual, que já deveria ter sido escrito há muito tempo, e que eu gostaria que todos os homens lessem. Intitula-se: The Friendless American Male (O Americano Sem Amigos). Nele, o autor aponta uma falha básica no relacionamento entre homens.

“Os homens têm dificuldade em compreender que precisam da companhia de outros homens. Quando um homem faz a outro o convite: “Vamos almoçar juntos?”, a resposta invariavelmente é: “Tudo bem; mas qual é o problema?”
A inferência é clara: um homem independente não precisa da companhia de outro homem. Aliás, a imagem que se tem de um homem independente é que ele não tem carências emocionais. Assim sendo, quando precisam estar juntos, eles têm que criar razões que não sejam emocionais: um almoço de negócios, um jogo, etc. Muitas vezes os homens recorrem à bebida para estarem na companhia de outros. Eles raramente planejam um encontro com o simples propósito de gozarem da companhia uns dos outros.
E mesmo quando ocorre um encontro freqüente entre homens, seu relacionamento sempre se mantém num nível superficial. Afinal, até que ponto uma conversa sobre política ou sobre esportes pode ser proveitosa para o espírito humano? Um mesmo grupo de colegas de trabalho pode almoçar junto anos a fio, e sua conversa estar sempre restrita a esportes, política, piadas imorais e comentários sobre os atrativos sexuais das mulheres que trabalham em seu escritório ou fábrica. Eles simplesmente não sabem manter uma comunhão mais profunda.”

Nosso mundo é um lugar muito estranho, onde nunca se pode agradara todos ao mesmo tempo. Nós os homens, mantemo-nos distanciados uns dos outros, só para provar que somos fortes individualistas, e no entanto, todos sabemos que a maioria não é nada disso. Mas, se quisermos ter uma amizade mais chegada com outro homem, os outros poderão pensar que somos homossexuais. Então nos escondemos por trás de uma máscara de “machão”, adotando uma falsa regra de conduta, que poderia ser denominada “Os Dez Mandamentos da Masculinidade”.

“Homem não pode chorar.
Não pode demonstrar fraqueza.
Não precisa de afeição, nem de carinho, nem de calor humano.
Pode consolar outros, mas nunca precisará de consolo.
Podem precisar dele, mas ele não precisa de ninguém.
Poderá tocar, mas nunca ser tocado.
Ser feito de aço, e não de carne.
Será inviolável em sua masculinidade.
Deverá fazer tudo sem a ajuda de outros.”

Saiba de uma coisa, aqueles que seguem essas regras nunca conhecerão o amor verdadeiro. Nunca! O que o mundo precisa hoje não é de uma falsa e barata imitação de amor, mas de amor genuíno.

A QUEM VOCÊ AMA?

Mas chega de falar em outros. Vamos aplicar essas verdades a nós mesmos. A quem você ama? A respeito de quem você poderia dizer as mesmas palavras que disse Gayle Sayers? "Tenho grande afeição por..." Mas talvez alguém agora se sinta um tanto quanto encurralado e tenda a cair na defensiva. "Bom, gosto de muita gente. Não tenho ódio de ninguém." Mas não é disso que estou falando. Aliás, para mim, o contrário de amor não é ódio; é indiferença. Quando tratamos uma pessoa com frieza, indiferença, quando damos aos outros a impressão: "Não me interessa", na verdade estamos emitindo sinais altos e claros sobre nossa maneira de ser. E é claro que não significam: "Gosto de Você!"

Então vamos fazer a pergunta de outra forma: "Quem lhe é indiferente?" O fato é que o amor verdadeiro está sempre procurando criar pontes de ligação entre indivíduos, procurando diminuir distâncias, estendendo a mão, arriscando-se, demonstrando interesse, falando sem rodeios, revelando afeto. É por isso que o verdadeiro amor tem que ser mencionado num livro sobre relacionamentos como este. Ele é o pulsar de um corpo sadio.

CUIDADO COM ARMADILHAS FALSAS!

Mas antes de passarmos às dimensões positivas do amor, vamos nos livrar primeiro do entulho negativo. Existem certos erros que precisamos conhecer e evitar nessa questão do amor. E mais uma vez tenho que agradecer a Allan McGinnis pela citação de três "armadilhas", nas quais podemos cair com muita facilidade: o esguichador, o pressurizador e o vareta de fuzil.

O Esguichador

Como o próprio nome dá a entender, o esguichador é aquele que sai esguichando toneladas de palavreado bonito sobre os outros, com um doce e xaroposo sorriso. Logo se percebe que aquilo não passa de mera bajulação, vazio de sentimento e profundidade. Há uma velha expressão que descreve muito bem a atitude do esguichador – ele "joga fumaça na gente", e nada mais.

O verdadeiro amor sempre diz a verdade. Diferentemente do esguichador, aqueles que expressam o verdadeiro amor são íntegros em suas palavras. Eles não vão derramando uma torrente de emoções artificiais no ouvido dos outros. Tenhamos cuidado para não nos deixar cair nessa armadilha sutil, mas tão apreciada.

O Pressurizador

O pressurizador é o tipo de pessoas que age assim; "Já que eu fiz isso por você, faça aquilo por mim." Ele só diz para outrem "Gosto de você", porque deseja ouvir o mesmo da parte deste. O amor nunca deve ser usado como uma alavanca, como um cordel que manipulamos para controlar os outros. Se o amor for autêntico, será espontâneo, sem segundas intenções. É um amor que liberta, não que sufoca. Lembra-se das palavras de Jesus? "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará."

Em meu relacionamento conjugal, durante muito tempo, confundi amor com sufocação. O meu "amor" por minha esposa era todo um meio de controlá-la, de pressioná-la, de encurralá-la. E embora, na verdade, fosse um pressurizador, eu pensava que a amava.

O Vareta de Fuzil

Algumas pessoas parecem tão empenhadas em impor-nos seu amor, que não têm a menor sensibilidade. Acham-se tão preocupadas em recitar suas "falas", em querer ser ouvidas, que nem percebem os sinais positivos emitidos pelo outro, e que significam: "Tudo bem, estou ouvindo. Estou de acordo. Aceito você."
As pessoas do tipo "vareta" são conhecidas pela forma como rodam por sua rua de mão única, sem se preocupar com as reações dos outros. O amor – o verdadeiro amor – é sempre sensível, e toma cuidado para não sair por aí abrindo caminho com um facão, como faz um selvagem numa mata fechada.
Mas basta do que não é amor. Vamos dedicar o restante deste capítulo a discutir o que o amor é. contudo, em vez de retomarmos a história dos hebreus no Velho Testamento, vamos deixá-la por enquanto, e voltar nossa atenção para os conhecidos versículos de I Coríntios 13, a maior página que já se escreveu sobre esse assunto.

UMA ANÁLISE DO VERDADEIRO AMOR

Vou tomar a liberdade de transcrever aqui uma versão livre dos três primeiros versos de I Coríntios 13. Trata-se de uma mistura de várias paráfrases, de minha própria tradução do original grego, e diversas versões da Bíblia.

"Se eu tiver a habilidade de me expressar numa linguagem brilhante e penetrante, ou
Se souber emitir sons que apenas os anjos compreendem, ou
Se possuir um dom de profecia tão poderoso que conheça todo o futuro, saiba tudo, sobre todas as coisas, ou
Se possuir uma fé tão forte que consiga remover montanhas,
Se tiver um espírito sacrificial que entregue todos os meus bens para serem dados aos pobres, ou mesmo
Se praticar um supremo ato de abnegação, e morrer numa câmara de gás por causa do evangelho,
mas não tiver amor, que é o elemento essencial, então
Tudo que eu falar ressoará com o som cavo de uma bacia de cobre, e
Meu conhecimento e fé não adiantarão nada, e
Minha caridade e morte não terão nenhum lucro."

Meditando sobre esses versículos, vejo aí quatro fatos básicos acerca do verdadeiro amor. E esses fatos mostram como o amor é importante para se ter um relacionamento franco. Acho que o leitor irá concordar comigo.

O amor não é opcional, **é essencial**.

Em primeiro lugar,vemos aí que o amor não é opcional; é imperativo. Paulo cita a frase "se não tiver amor" três vezes (v.1,2,3), e em seguida apresenta o ponto forte: "... o bronze que retine... nada... nada..." Se retirarmos de nossas ações o amor, que é o elemento essencial de tudo, elas se tornam semelhantes a um carro sem rodas, um trem sem máquina, um avião sem asas, uma casa sem alicerces. Removendo-se o amor, nada mais resta.

O amor não é uma inclinação, **é uma demonstração**.

Quando falamos do amor como uma demonstração, queremos dizer que ele é ação, envolvimento, movimento, expressão. “O amor é... o amor faz... o amor não é... o amor não faz isso ou aquilo.” O amor não fica sentado, cochilando. Não é apático. É sempre disposto e pronto a agir. Não é passivo nem indiferente. Ele não passa pela vida bocejando. O verdadeiro amor é demonstrativo e não estéril nem embotado.

Recordo-me claramente de um processo que ocorreu nos tribunais do Estado de Massachusetts, no final da década de 20. Certo homem estava caminhando pelas docas quando, de repente, tropeçou numa corda e caiu nas águas frias e profundas do mar. Afundou, mas logo voltou à superfície pedindo socorro, depois afundou novamente. Não estava conseguindo nadar nem manter-se à tona. Alguns amigos seus estavam por ali e ouviram seus gritos, mas estavam muito distantes e não chegaram a tempo para salvá-lo. Contudo, a poucos metros do local encontrava-se um jovem, recostado numa cadeira de praia, tomando sol. E aquele moço ouvia perfeitamente os gritos do outro:

- Socorro! Não sei nadar!

Além disso, era um exímio nadador.mas, infelizmente, não fez nada.ficou a olhar indiferente para o homem que afinal afundou e morreu.

A família desse homem ficou tão indignada com aquela demonstração de total indiferença, que processou o rapaz. Sabe o que aconteceu? Eles perderam. Com certa relutância, o tribunal concluiu que o jovem que estava nas docas não tinha nenhuma responsabilidade legal de tentar salvar o que se afogava.

Creio que podemos afirmar que essa lei se harmoniza com as palavras pronunciadas por Caim: “Acaso sou eu tutor de meu irmão?” Temos todos o direito legal de cuidar apenas de nós, de fazer-nos de surdos aos apelos dos necessitados, de continuar tomando nosso sol, enquanto outro ali perto se afoga. Não somos obrigados a agir nessas circunstâncias. A indiferença pode não ser ilegal, mas certamente é maligna. E isso traz de volta uma afirmação. O amor, o maravilhoso amor, não é uma mera inclinação; é uma demonstração.

O amor é um ímã que nos aproxima dos outros, e não uma muralha a separar-nos.

Nos versículos 4 a 7 de I Coríntios 13, aparecem quinze definições especificas do amor, e cada uma delas possui força magnética suficiente para atrair as pessoas umas para as outras. Então vejamos:

- O amor é paciente.
- O amor é benigno.
- O amor não arde em ciúmes.
- O amor não se ufana, nem é arrogante.
- O amor não se conduz inconvenientemente.
- O amor não procura seus próprios interesses.
- O amor não se exaspera.
- O amor não se ressente do mal.
- O amor não se alegra com a injustiça.
- O amor regozija-se com a verdade.
- O amor tudo sofre.
- O amor crê em tudo.
- O amor espera tudo.
- O amor suporta tudo.

- O amor **jamais acaba**.

Veja o ponto máximo do amor: "O amor jamais acaba".
Para resumir essas quinze características do amor que "jamais acaba", chegamos a cinco afirmações que dizem tudo.

"Eu aceito você exatamente como é."
"Creio que você tem muito valor."
"Se você estiver sofrendo, eu me preocupo."
"Desejo apenas o que é melhor para você."
"Cancelo todas as suas ofensas."

Essas são as leis básicas do amor. E não conheço ninguém que iria resistir a atitudes tão magnéticas e positivas quanto essas.
Alguns anos atrás, quando o sul da Califórnia estava tomado de hippies, num domingo à noite um rapaz entrou em nossa igreja. Tinha uma aparência horrível – estava sujo, camisa rasgada, calça sem bainha, cabelo despenteado, barba emaranhada, e os olhos estavam meio vidrados. Fedia a cerveja, praia e suor. Mas um dos membros da igreja conseguiu enxergar a pessoa que havia por trás daquela aparência ruim e, amavelmente, ofereceu-lhe lugar para sentar-se.
Mas tarde ficamos sabendo que aquele moço nunca estivera numa igreja. Seus pais o haviam expulsado de casa, e ele passara a dormir na garagem, num catre. De dia, passava a salgadinhos de milho e cerveja, e, à noite, com drogas. Era um indivíduo inútil para a sociedade (mas não sem valor pessoal), e várias pessoas de nossa igreja resolveram manter sempre contato com ele. Puseram em prática as leis básicas do amor, e Steve não pôde resistir. Nunca recebera tanta atenção; nunca sentira até então essa força magnética. E compreendeu que aquelas pessoas realmente o amavam.
E pouco a pouco as muralhas começaram a ruir, Steve começou a modificar-se, por si mesmo – ninguém forçou nada. Mudou primeiro interiormente. Sua atitude mudou. Seus hábitos mudaram. Mudou a linguagem. Mudou a aparência. Mudou até as roupas. A fome que demonstrava para com Deus e as coisas de Deus era quase insaciável. Resolveu voltar a trabalhar e depois a estudar. Acertou tudo com os pais. Conversei muitas vezes com ele, sobre o relacionamento com os pais e com Deus. O amor salvou aquele moço. Depois foi estudar no seminário, e se formou pastor. Atualmente, está trabalhando numa igreja da Califórnia. Aliás, meu filho mais velho e sua esposa, Curt e Debbie, freqüentam a igreja dele. Steve é o pastor deles.
O amor jamais acaba... ele atrai como ímã.

O amor não é um empréstimo de retorno imediato; é um investimento a longo prazo.

O verdadeiro amor não tem nada de superficial. Também não é uma varinha de condão que abanamos por cima de um problema, esperando que o sofrimento desapareça como que num toque de mágica. O verdadeiro amor é duradouro. O amor autêntico é forte. Não cede à tentação de procurar saídas fáceis. Ele sempre resolve trabalhar o problema até solucioná-lo. E quando o mar fica agitado e bravio, ele não abandona o navio. **É resistente, rijo**. Quantos de nós não teríamos abandonado nossos compromissos, há muito tempo, se não fosse por esse elemento em nosso interior a nos dizer incessantemente: "Abaixe essa bandeira branca. Não desista. Nem chegue a pensar nisso." Enquanto o mundo ao nosso redor nos aconselha a fazer exatamente o contrário, **o amor permanece firme**.

Para ilustrar isso, gostaria de encerra este capítulo, reproduzindo aqui trechos de uma carta que recebi. Ela foi escrita por uma mulher, que é um maravilhoso exemplo do verdadeiro amor. Após muitos anos de casados, ela e o marido repetiram os votos conjugais, uma recompensa de Deus à fidelidade dela.

"Caro Pastor Swindoll,
...Deus restaurou nosso casamento e reacendeu a chama de um amor que estava quase extinto. E Deus usou seu ministério, pastor, para me quebrantar, para me dobrar e refazer todo o meu ser, para que eu pudesse ser como Deus quer que eu seja, e para que estivesse preparada para quando ele começasse a operar na vida de meu marido.
Quando comecei a freqüentar sua igreja há alguns anos, o senhor estava iniciando uma série de estudos sobre Romanos. E sentada ali, no último banco, tive a nítida impressão de que o senhor estava pregando diretamente para mim, ao falar sobre o amor, a esperança e o perdão de Jesus para aqueles que se acham desesperados. E foi com lágrimas a rolar, que senti o terno perdão de Deus, e ganhei novas esperanças na força que vem dele. Naquele dia, ao voltar para casa com meu filho de um ano, pensava em meu marido, um homem que trabalhava excessivamente, bebia muito, e estava com problemas emocionais. Mas dessa vez Jesus estava voltando comigo. O senhor não sabe como Deus me deu forças, nos meses que se seguiram, para viver meu dia-a-dia, através de suas mensagens. Em alguns dias tinha paz; em outros, resistia pela força de vontade. Muitas vezes tive ímpeto de sair correndo e recomeçar a vida em outro lugar, mas entrava na igreja e o ouvia dizer: **"Quando você estiver em dificuldade, sentindo-se oprimido pelas circunstâncias, permaneça firme, pois Deus usará isso para amadurecê-lo, se você o permitir."** Então fiquei firme, e permiti que Deus operasse em mim sua obra de transformação.
Parei de orar a Deus pedindo que concertasse meu casamento, e passei a submeter-me conscientemente à sua vontade, pedindo-lhe que mudasse meu coração. Em meio a todo o sofrimento, ele me abrigou à sombra de suas asas, e eu cantei de alegria. Ele me tirou do abismo da destruição e firmou meus pés sobre a rocha, Deus estava operando.
Há dois anos, Deus libertou meu marido do desejo pelo álcool, e fez isso da noite para o dia. E no verão passado, resolvi tomar uma decisão e entreguei toda a minha vida a Jesus Cristo. Entreguei a ele todos os cantinhos que ainda estava reservando para mim. Disse a ele: "Ó Deus, faça comigo o que for necessário para que eu chegue mais perto de ti, seja lá o que for. Vou continuar ao lado de meu marido e permitir que realizes tua vontade em minha vida."
Pois bem. Três meses depois, na hora determinada por Deus, em sua graça, e por circunstâncias criadas pro ele, meu marido recebeu a Jesus como seu Salvador. Que resposta de oração! Hoje meu marido é um novo homem; um homem que ama a Deus e quer que nossa família viva de acordo com a vontade dele.
Pastor, o senhor disse certa vez que Deus pode reacender a chama de um amor que já morreu. Pois eu e meu marido somos a prova do amor de Deus, do seu poder e capacidade de mudar um coração, e dar nova vida a um relacionamento que já havia morrido. Amo meu marido hoje mais que nunca. Agora nossa família está vivendo segundo uma ordem de prioridades corretas: Deus em primeiro lugar. Deus é tão fiel, e operou tão maravilhosamente em nosso lar, que restaurou os anos que tinham sido "devorados pela locusta".
E hoje, pastor, nosso olhos se enchem de lágrimas quando ouvimos nosso filho, agora com seis anos orar assim: "Obrigado, Jesus, por teres entrado no coração do meu pai, fazendo com que ele fosse bonzinho comigo, e não fosse mais tão ruim com antes. Eu amo muito meu pai."

Muito obrigado, pastor, por ter-me transmitido a verdade e o amor de Deus, e por ter sido um exemplo e um incentivo para mim. Sei que Deus continuará a usá-lo, bem como a todo o corpo ministerial da Igreja Evangélica Livre para divulgar a verdade do evangelho.
Agora estamos diante da expectativa de crescer espiritualmente, como família, participando da comunhão dos outros, e, se Deus quiser, sendo para eles uma benção.
Sinceramente,
(assinatura)"

Se o verdadeiro amor pôde operar na vida dessa mulher, sabe o que mais? É; isso mesmo. Poderá operar na sua também.
Mas você só terá certeza disso, se resolver deixar o amor ter livre curso em você. Só terá certeza disso, se ele não continuar sendo apenas meras palavras nas páginas deste livro, ou apenas a letra de uma música, ou as palavras da carta de outra pessoa. É verdade; o amor verdadeiro é a única coisa do mundo que existe em quantidade insuficiente.

PERGUNTAS E SUGESTÕES PARA DEBATE

- De todos os assuntos que servem de tema para músicas e poesias, o amor, sem dúvida, é o mais popular. Neste capítulo todo, estivemos penando só sobre o amor. Qual é a característica do amor que você mais aprecia? Sabe dizer por quê?
- Releia a lista que expressa o pensamento popular de como o homem deve ser – o que ele deve e não deve fazer. O que você acha disso? Como um homem pode demonstrar amor sem dar a impressão de fraco ou afeminado?
- Complete a sentença: "Eu amo..." Por que é tão difícil dizer essas palavras?
- Converse sobre os tipos "esguichador", "pressurizador" e "vareta". Você é daqueles que têm de se esforçar muito para não cair numa dessas armadilhas? Qual delas?
- Essa pergunta agora pode ser um pouco penosa. Existe alguma pessoa para com a qual você se tenha tornado indiferente? Você seria capaz de confessar isso a outras pessoas, para que elas possam orar a fim de que essa atitude sua mude?
- Aplique a você as quatro observações feitas a respeito de I Coríntios 13.1-8. Alguma delas tem um significado especial para você? Por quê?
- Recorde as leis básicas do amor. Converse ligeiramente sobre cada uma delas. Que tal memorizar essas cinco sentenças e repassá-las no próximo encontro do grupo?
- Você tem filhos? Eles estão conscientes de que você os ama? Quando foi a última vez que você lhe disse isso? Diga-lhes isso tão logo seja possível. Mas faça isso sem pressa, numa conversa bem séria.

CAPÍTULO OITO
PRECISA-SE: ABRIGO PARA AS VÍTIMAS DA ENCHENTE

Nossas igrejas precisam parar de ser santuários nacionais e ser mais como um barzinho de bairro, parar de ser catedrais inacessíveis e ser mais como hospitais bem procurados, lugares aonde as pessoas levam seu sofrimento, e não monumentos para serem admirados; lugares onde as pessoas podem tirar a máscara e se abrir totalmente; lugares onde se possam curar feridas.
Um colega meu do corpo de fuzileiros navais, que recentemente se converteu, sentindo a falta de um local de refúgio para a alma, disse mais ou menos assim:

"... a única coisa de que sinto falta é do velho companheiro com os caras do grupo, no barzinho da esquina. A gente ficava lá sentado, ria, contava casos, bebia umas cervejas e relaxava... era maravilhoso!
Mas hoje não tenho ninguém para contar meus problemas, para falar de meus erros. Não encontro ninguém na igreja que queira passar o braço pelo ombro da gente e dizer que está tudo bem. Cara, a gente se sente muito sozinho ali!"

Ele estava procurando pessoas que demonstrassem um amor verdadeiro, como o que debatemos no capítulo 7. Fiquei me remoendo, desejando que aquilo não fosse verdade. Desejava que aquilo fosse apenas uma implicância de um novo convertido; mas não era. Pare e pense um pouco. A quem vamos procurar quando nos sentimos desarvorados? A quem nós, os crentes, recorremos quando nos envolvemos num problema constrangedor ou ligeiramente escandaloso? Quem nos ama o suficiente para ouvir nosso pranto? Quem nos conforta quando nos sentimos esfacelados? Quem é que sabe ficar de boca calada e coração aberto? Quem é que nos abraça com uma atitude de compreensão, e espera com paciência até que nos sintamos melhor, sem ficar a citar versículos da Bíblia, quando o que mais merecemos é um bom "puxão de orelha"? Quem age assim, sem nos dar logo uma fita cassete ou um sermão para ouvirmos? Sem contar nossos problemas para uma porção de crentes, para que "eles possam orar melhor"? É; precisamos de mais "abrigos para as vítimas da enchente". Não tem importância se esses abrigos por fora têm a aparência de uma igreja, desde que, lá dentro, as pessoas não fiquem a exibir "religiosidade". A maioria das pessoas que conheço, e que estão com problemas, está saturada de crentes cheios de religiosidade. O de que realmente precisam é aquele aconchego especial que as pessoas encontram no barzinho de seu bairro. Vista uma capa imaginaria à prova de choques, e veja se concorda com a comparação entre um bar e a igreja, que transcrevemos a seguir:

"O barzinho do bairro é a mais perfeita imitação da comunhão que Cristo gostaria que houvesse em sua Igreja. É uma comunidade falsa, que oferece bebidas em vez da graça de Deus; oferece a fuga, em vez da realidade; mas é liberal, acolhedora e não discrimina ninguém. É inabalável, democrática. Ali podemos contar segredos a qualquer um, e as pessoas não os passam adiante; nem querem. Os bares estão cheios, não porque a maioria das pessoas é alcoólatra, mas, sim, porque Deus colocou no coração do homem o desejo de conhecer outros, e de ser conhecido; de amar e ser amado, e muitos vão atrás de uma falsa realização assim, tendo apenas que gastar dinheiro com algumas cervejas.
Eu acredito, de todo o coração, que Cristo deseja que sua igreja seja... uma comunidade onde as pessoas possam entrar e desabafar: "Estou acabado!"; "Estou derrotado!"; "Estou farto de tudo!""

O que se faz quando a esposa é alcoólatra? Ou quando um filho acaba de revelar que é homossexual praticante? Ou digamos que seu marido a abandonou? Ou que ele agrediu sexualmente suas duas filhas? ou a você?
A quem você pode recorrer, quando acabou de ser despedido? Ou acaba de sair da cadeia? Ou se sua filha de 15 anos lhe disse, ontem à noite, que está grávida? Ou se você espancou os filhos e agora está envergonhado e apavorado? Ou se você não está mais tendo controle sobre o vício de drogas? Ou se acha à beira de um esgotamento nervoso e precisa de cuidados psiquiátricos?
Sabe do que é que precisa? Precisa de um abrigo. Um local para se refugiar. Precisa de pessoas que saibam ouvi-lo, que saibam ajudá-lo, e conduzi-lo mais uma vez ao "... Pai de misericórdia e Deus de toda consolação! É ele que nos conforta em toda a nossa tribulação." (IICo1.3,4) O cristianismo pode até ser "um exército poderosíssimo", mas o fato é que muitas vezes tratamos nossa tropa de

maneira muito estranha. Somos o único exército que conheço que fuzila seus feridos. E era isso que meu colega fuzileiro temia. Ele estava saturado desse negócio de ser fuzilado. E para falar a verdade, eu também estou.

POR QUE PRECISAMOS DE ABRIGOS

O Salmo 31 é um daqueles hinos antigos com letra muito atual. O compositor dele é Davi, mas obviamente ele recebeu inspiração de Deus. Aqui, ele já não tem mais onde se apoiar. Está com problemas sérios. Precisa de um abrigo. E como não há ninguém mais a quem possa recorrer, olha para o alto.

"EM ti, SENHOR, me refugio; nunca me deixes confundido. Livra-me pela tua justiça. Inclina para mim os teus ouvidos, livra-me depressa; sê a minha firme rocha, uma casa fortíssima que me salve." (Sl 31.1-2)

Aí está, límpido e claro: refúgio. A palavra hebraica aqui empregada é chasah, que significa "um lugar seguro, lugar de proteção e esconderijo". No tempo de Davi, muitas vezes os soldados procuravam um local na encosta de uma colina onde pudessem esconder-se do inimigo. Quando estavam feridos, ou se viam cercados pelas forças adversárias, ou precisavam de um local seguro, procuravam pedras imensas, atrás das quais pudessem refugiar-se; e, na maioria dos casos, essas pedras eram encontradas bem no alto da encosta: era um esconderijo chasah.
Mas por que Davi iria procurar um refúgio? Pelas mesmas razões que nós procuraríamos. E ele menciona várias razões no Salmo 31. Veja aqui pelo menos três: tribulação, pecado e adversários.

Quando Estamos Atribulados, a Tristeza nos Acompanha

"Tem misericórdia de mim, ó SENHOR, porque estou angustiado. Consumidos estão de tristeza os meus olhos, a minha alma e o meu ventre. Porque a minha vida está gasta de tristeza, e os meus anos de suspiros; a minha força descai por causa da minha iniqüidade, e os meus ossos se consomem." (Sl 31.9-10)

Palavras claras e sinceras – uma confissão franca. Ele diz que seus olhos se consomem pelo choro. Aí está um homem que chorava. Ele reconhece que sua vida está sendo consumida pela "tristeza". Tudo estava sombrio para ele; os dias se arrastavam pesadamente; e a esperança de que o amanhã fosse melhor, era muito tênue. Joe Bayly chama essas ocasiões de dias "cinzentos".

"'Um Salmo em um Quarto de Hotel'

Estou sozinho, Senhor,
Sozinho.
A mil quilômetros de casa.
Não há ninguém que saiba meu nome,
a não ser o recepcionista.
E ele o escreveu errado.
Não há ninguém para me fazer companhia ao jantar,
para rir de minhas piadas,
para ouvir minhas reclamações,

para se alegrar comigo pelo que aconteceu hoje,
e dizer que foi maravilhoso.
Ninguém se importa comigo.
Aqui só há esta cama horrível,
e lama lá na rua,
entre um prédio e outro.
Tenho pena de mim mesmo,
e tenho muitas razões para isso.
Talvez eu devesse dizer
que me sinto muito bem,
glória a Deus.
Está tudo maravilhoso,
Mas não está, não.
Hoje, para mim,
tudo é
Muito cinzento."

Essas ocasiões são deprimentes, horas de terrível solidão. A tristeza não acaba. E é difícil encontrar um abrigo chasah.

Quando Estamos em Pecado, Temos Sentimentos de Culpa

"Porque a minha vida está gasta de tristeza, e os meus anos de suspiros; a minha força descai por causa da minha iniqüidade, e os meus ossos se consomem." (Sl 31.10)

Percebe aí um sentimento de vergonha – constrangimento. Estas palavras de Davi parecem gotejar culpa. Ele confessa que está doente, por causa de suas iniqüidades. Já é muito ruim sentir-se assim tão mal, mas reconhecer que grande parte disso é culpa sua, e que "ele tinha feito a cama; agora teria que deitar-se nela", é pior ainda.
E quem nunca se viu numa situação dessas? Quem é que nunca teve de lutar com este repulsivo monstro do pântano da culpa? As acusações que ele nos lança são debilitantes, e seus socos sempre nos pegam na boca do estômago.
Mas além de tribulação e sentimento de culpa, Davi menciona uma terceira razão para buscarmos abrigo: adversários.

Quando Estamos Cercados de Adversários, Somos Assaltados por Incompreensões

"Fui opróbrio entre todos os meus inimigos, até entre os meus vizinhos, e horror para os meus conhecidos; os que me viam na rua fugiam de mim. Estou esquecido no coração deles, como um morto; sou como um vaso quebrado. Pois ouvi a murmuração de muitos, temor havia ao redor; enquanto juntamente consultavam contra mim, intentaram tirar-me a vida..." (Sl 31.11-13)

Observou como são tratados aqueles que estão sofrendo?

- "Tornei-me... espanto para os meus vizinhos." Ridicularizado.
- "Horror para os meus conhecidos." Criticado.
- "Os que me vêem na rua, fogem de mim... esquecido... como vaso quebrado..." Rejeitado.

- “Tenho ouvido a murmuração de muitos.” Mexericos.
- “Tramam tirar-me a vida.” Ameaças.

E ainda falamos de infelicidade! Davi era como um pequeno camundongo ferido, preso nas garras de um imenso gato faminto. Chutado, socado, agredido verbalmente, apavorado de medo, ele estava como que suspenso por um fio. Talvez você também esteja nessa situação. Já é ruim estarmos lutando com a tristeza e vivermos com sentimentos de culpa. Mas a última gota é a condenação dos outros – as línguas ferinas, os olhares acusadores. Ou o que é pior, o silêncio – um telefonema amigo que não vem, os abraços de conforto que não recebemos. Como precisamos de pessoas e lugares de refúgio.

COMO OS HEBREUS RESOLVERAM ESSA QUESTÃO

A história dos hebreus do Velho Testamento, em sua travessia da terra do Egito para Canaã, contém informações muito interessantes sobre as cidades de refúgio que eles estabeleceram. Depois que conquistaram Canaã, a terra foi toda dividida entre eles, de modo que cada tribo tivesse um território que pudesse chamar de seu. (Os capítulos 13 a 19 de Josué relatam como isso foi feito). Mas nessa nova sociedade, Deus não ignorou os necessitados. Ele instruiu a liderança para estabelecer “cidades de refúgio”, que eram locais destinados a servir de proteção.

Uma Ordenança de Deus

O texto de Josué 20.1-3 é bem claro:

“FALOU mais o SENHOR a Josué, dizendo: Fala aos filhos de Israel, dizendo: Apartai para vós as cidades de refúgio, de que vos falei pelo ministério de Moisés, para que fuja para ali o homicida, que matar alguma pessoa por engano, e não com intenção; para que vos sirvam de refúgio contra o vingador do sangue.” (Js 20.1-3)

Um teólogo especialista em Velho Testamento deu uma excelente explanação disso.

“Segundo dizem os rabinos, para facilitar a ida dos fugitivos o Sinédrio tinha a responsabilidade de manter nas melhores condições possíveis as estradas que davam acesso às cidades de refúgio. Não poderia haver morros; em todos os rios deveria haver pontes, e a própria estrada precisava ter pelo menos trinta e dois cúbitos de largura (cerca de dezesseis metros). Em todas as curvas deveria haver placas de sinalização com a palavra Refúgio. Além disso, o fugitivo deveria ser acompanhado de dois estudiosos da Lei para, se possível, apaziguarem o vingador do sangue, caso este alcançasse o fugitivo.”

O que se nota é que se faziam todos os esforços para ajudar o fugitivo, e não acossá-lo mais. E as pessoas que se viam envolvidas em problemas deviam ser protegidas dos violentos acessos de ódio dos vingadores. Esses lugares de refúgio eram bem sinalizados, e todos tinham conhecimento da sua acessibilidade. Não se tratava, então, de uma superficial demonstração de interesse; não, elas eram áreas feitas para a proteção do indivíduo, áreas bem cuidadas, conservadas com desvelo.

O Processo de Entrada

Então, quando uma pessoa se via em dificuldades corria para esse lugar de refúgio. Ali chegando, teria que relatar os detalhes do problema. Depois então lhe permitiam entrar.

"E fugindo para alguma daquelas cidades, pôr-se-á à porta dela e exporá a sua causa aos ouvidos dos anciãos da tal cidade; então o tomarão consigo na cidade; e lhe darão lugar, para que habite com eles." (Js 20.4)

Vamos esclarecer bem uma coisa. As pessoas que podiam se refugiar nesses lugares não eram assassinos frios, violentos. Também não eram refúgio para pervertidos sexuais e para libertinos. Eram para pessoas que haviam cometido erros trágicos, que tinham praticado crimes sem premeditação, atos acidentais. Sem querer me deixar levar demais pela imaginação, tenho forte suspeita de que as pessoas que procuravam esses lugares de refúgio se achavam sob forte tensão, emocionalmente alquebradas pela experiência vivida, e desejando ansiosamente voltar atrás e apagar o acontecido: pessoas confusas, apavoradas, tensas.
Não faz muito tempo, em Los Angeles, um policial recebeu um chamado para comparecer a um local onde estava havendo tumulto. Ele não tinha a menor idéia do que se passava na casa em questão, nem de quem estava lá dentro. Depois de fazer algumas perguntas aos vizinhos e outros presentes, entrou ali com o revólver em punho. Ao fundo, havia um quarto com a porta fechada. Bateu. Ninguém respondeu. Gritou mais alto e deu sua identidade. Não recebeu resposta. Entrou no quarto. Ali estava um garoto sentado na cama com uma arma apontada para o policial. O homem atirou no menino e matou-o. E a tragédia é que o pequeno estava segurando uma arma de brinquedo. A mãe o deixara sozinho em casa. Não há palavras que descrevam a aflição daquele policial – nem a reação irada dos vizinhos. Quando li esse relato, e nas semanas seguintes eu e minha família acompanhamos o desenrolar dos acontecimentos (mais tarde o policial foi considerado inocente), pensei comigo: "Um caso típico para uma cidade de refúgio." O homem precisava de proteção.
Imagine só como este homem deve ter precisado de conforto. O pai dele, que também ficara bastante abalado com o incidente, afirmou que duvidara de que o filho um dia se recuperasse inteiramente. Sem querer diminuir o sofrimento da mãe do garoto (outra que também precisava de alguém que a confortasse e consolasse), a tristeza, o sofrimento, o sentimento de culpa e os mal-entendidos que pesavam sobre o policial era algo de indescritível. E a propósito, se ele freqüentasse uma igreja, será que encontraria ali um abrigo, um círculo de amigos onde pudesse encontrar refúgio e amparo? Sinceramente espero que sim. Muitas vezes, nossas igrejas nem sabem que essas pessoas existem. E na verdade, é bem grande o número de indivíduos com esse tipo de problema.
A melhor analogia que posso encontrar são as missões espanholas do passado. Em matéria de amparo religioso, foram elas que mais se pareceram com as cidades refúgio. Eram lugares afastados de tudo, onde as pessoas aflitas poderiam passar algum tempo e recuperar seu sentimento de dignidade própria e valor pessoal; onde haveria padres compreensivos, prontos a escutar suas confissões e aconselhá-los.

Proteção Contra o Vingador de Sangue

Uma das principais razões para a existência desses ligares de refúgio era proteger o indivíduo daqueles que assumiam a tarefa de vingar a morte de um ente querido.

“E se o vingador do sangue o seguir, não entregarão na sua mão o homicida, porquanto não feriu a seu próximo com intenção, e não o odiou antes.”(Js 20.5)

Em Números 35 há uma explicação sobre a diferença entre um assassinato intencional e o não intencional, que torna isso ainda mais claro.

“Porém, se o ferir com instrumento de ferro e morrer, homicida é; certamente o homicida morrerá. Ou, se lhe ferir com uma pedrada, de que possa morrer, e morrer, homicida é; certamente o homicida morrerá. Ou, se o ferir com instrumento de pau que tiver na mão, de que possa morrer, e ele morrer, homicida é; certamente morrerá o homicida. O vingador do sangue matará o homicida; encontrando-o, matá-lo-á. Se também o empurrar com ódio, ou com mal intento lançar contra ele alguma coisa, e morrer; Ou por inimizade o ferir com a sua mão, e morrer, certamente morrerá aquele que o ferir; homicida é; o vingador do sangue, encontrando o homicida, o matará.” (Nm 35.16-21)

De acordo com os hebreus, esse tipo de assassino não tinha direito a asilo, mas a pessoa descrita abaixo tinha.

“Porém, se o empurrar subitamente, sem inimizade, ou contra ele lançar algum instrumento sem intenção; Ou, sobre ele deixar cair alguma pedra sem o ver, de que possa morrer, e ele morrer, sem que fosse seu inimigo nem procurasse o seu mal; Então a congregação julgará entre aquele que feriu e o vingador do sangue, segundo estas leis. E a congregação livrará o homicida da mão do vingador do sangue, e a congregação o fará voltar à cidade do seu refúgio, onde se tinha acolhido; e ali ficará até à morte do sumo sacerdote, a quem ungiram com o santo óleo. Porém, se de alguma maneira o homicida sair dos limites da cidade de refúgio, onde se tinha acolhido, e o vingador do sangue o achar fora dos limites da cidade de seu refúgio, e o matar, não será culpado do sangue. Pois o homicida deverá ficar na cidade do seu refúgio, até à morte do sumo sacerdote; mas, depois da morte do sumo sacerdote, o homicida voltará à terra da sua possessão.” (Nm 35.22-28)

Então esse homicida estaria seguro enquanto permanecesse dentro dos limites da cidade de refúgio. Mas, se saísse... zásss! E o mais interessante é que, se o sumo sacerdote morresse, o homicida receberia o perdão perpetuo. Aí então poderia sair da cidade sem temor algum.

O Envolvimento do Grupo

É importante que vejamos também o que se passava no interior da cidade de refúgio. Voltemos atrás alguns versos.

“Então a congregação julgará entre aquele que feriu e o vingador do sangue, segundo estas leis. E a congregação livrará o homicida da mão do vingador do sangue, e a congregação o fará voltar à cidade do seu refúgio, onde se tinha acolhido; e ali ficará até à morte do sumo sacerdote, a quem ungiram com o santo óleo.”(Nm 35.24-25)

Nesses versos, encontramos descrito o papel daqueles que constituíam a “congregação” daqueles locais de refúgio. Tinham três funções. Talvez alguém queira grifar isso em sua Bíblia.

- “A congregação julgará...”

- “E livrará...”
- “E o fará voltar...”

No original, o termo que aqui é traduzido como “julgará” sugere a idéia de tomar decisões em caso de controvérsia. Nisso estão incluídos **tempo e sabedoria, objetividade e integridade**, para refletir sobre as evidencias, e pesar bem os fatos. É o mesmo que se exige dos corpos de jurados de nossos tribunais, quando vão ouvir e julgar os acusados. Nos dias de Josué, “a congregação” – que era formada por um grupo de levitas (a liderança da igreja) – tinha essa incumbência.
Depois, eles tinham que livrar o acusado das mãos do vingador do sangue. A raiz causal do verbo hebraico que aqui é traduzido como “livrará” sugere a noção de que a congregação “faria com que fosse liberto”, ou seria a causadora da remoção (que às vezes é traduzida como “sobrevivência”) do acusado. Em outras palavras, depois de ouvir a explicação dada pelo acusado, e convencida de sua inocência, a congregação procuraria de todos os modos a sua sobrevivência e recuperação. A ação empreendida por esse grupo possui um sentido altamente afirmativo e positivo.
E por último, a congregação deveria “restaurar” plenamente o acusado. Aqui também a raiz causal sugere que eles tinham que estar diretamente empenhados nesse objetivo. Eles não tinham que providenciar apenas para que o homem fosse liberto de culpa e plenamente perdoado, mas também tinham que ampará-lo para que recuperasse o senso de dignidade própria e seu valor pessoal. E quando morresse o sumo sacerdote, aquele homem estaria livre para voltar à sua casa.

“E habitará na mesma cidade, até que compareça em juízo perante a congregação, até que morra o sumo sacerdote que houver naqueles dias; então o homicida voltará, e virá à sua cidade e à sua casa, à cidade de onde fugiu. Então designaram a Quedes na Galiléia, na montanha de Naftali, e a Siquém, na montanha de Efraim, e a Quiriate-Arba (esta é Hebrom), na montanha de Judá. E, além do Jordão, na direção de Jericó para o oriente, designaram a Bezer, no deserto, na campina da tribo de Rúben, e a Ramote, em Gileade da tribo de Gade, e a Golã, em Basã da tribo de Manassés. Estas são as cidades que foram designadas para todos os filhos de Israel, e para o estrangeiro que habitasse entre eles, para que se acolhesse a elas todo aquele que por engano, matasse alguma pessoa, para que não morresse às mãos do vingador do sangue, até se apresentar diante da congregação.” (Js 20.6-9)

DAR ABRIGO HOJE – O QUE É NECESSÁRIO?

Os nomes daquelas seis cidades são bastante estranhos e incomuns: Quedes, Siquém, Quriate-Arba, Bezer, Ramote e Golã. Nunca ouvimos falar desses lugares. Mas todos já ouvimos falar de nossas cidades maiores. Será que há nelas algum local de refúgio? Haverá na sua cidade alguma congregação que se preocupe com as pessoas que estão sofrendo, que se interesse por elas o suficiente para ouvi-las de maneira objetiva, para ajudá-las a sobreviver, para promover sua completa restauração? Sua cidade é uma “cidade refúgio”? Será? Nossas cidades menores o são? Não; a verdade é que hoje não existem mais cidades que sejam apontadas como cidades de refúgio. Nem mesmo as melhores, as menos pervertidas. Mas dentro dessas cidades há locais muito importantes, que são estratégicos portos de esperança. São as igrejas.
Não me refiro aos nossos majestosos e belos templos, feitos quase que exclusivamente para serem admirados. Estou falando de pessoas – pessoas verdadeiramente cristãs, que sabem amar. Essas pessoas constituem os portos de esperança para os desesperados, seja qual for a aparência exterior do prédio onde cultuam a Deus.

Poderíamos chamar esses lugares de abrigo para as vítimas da enchente, hospitais para os que sofrem, clínicas especializadas em corações aflitos, sonhos desfeitos, almas destroçadas. E o que é necessário? O que é preciso para se ocupar esses lugares? Veja essas palavras:

"Conhecemos o amor nisto: que ele deu a sua vida por nós, e nós devemos dar a vida pelos irmãos. Quem, pois, tiver bens do mundo, e, vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar as suas entranhas, como estará nele o amor de Deus? Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade." (I Jo 3.16-18)

Se quisermos levar a sério essas palavras, teremos que aceitar o que está implícito nelas.

- A disposição de ter trabalho com uma pessoa em dificuldades.
- Uma atitude de terna compaixão para com os necessitados.
- Estar pronto a ajudar os outros de maneiras práticas e tangíveis.
- Levar as pessoas a se sentirem importantes e valiosas para os outros, nessa nossa sociedade tão dominada pela tecnologia, que nos faz sentir tão insignificante.

É como explicou um escritor muito lúcido.

"Essa nossa era tecnológica nos torna mais conscientes de como somos pequenos. À medida que o mundo vai-se tronando cada vez mais sofisticado, sentimo-nos mais e mais insignificantes. E nossa suspeita de que não somos mais apreciados pelas nossas próprias qualidades confirma-se a cada dia que passa, pela maneira de viver do século XX, que é tão impessoal. Refletindo sobre isso, alguém concluiu que:
Para um médico – sou um paciente.
Para um advogado – um cliente.
Para um redator de jornal – um assinante.
Para um varejista – um comprador.
Para um professor – um aluno.
Para um industrial – um negociante.
Para um político – um eleitor.
Para um banqueiro – um investidor ou cliente.
Para um promotor de eventos esportivos – um torcedor.
Para as companhias de aviação – um passageiro.
Para um pastor – um membro de igreja.
Para um militar – um número ou um soldado.
Não admira que às vezes nos sintamos como sub humanos. Estamos sendo tratados mais como coisas do que como seres humanos. Não somos mais uma pessoa, mas um número; não mais um ser humano, mas simplesmente um dado estatístico."

Já chega de as pessoas necessitadas de um local de refúgio procurarem o barzinho mais próximo. Está na hora de fazermos com que a igreja de Jesus Cristo – a família de Deus – se torne um lugar de refúgio. Está na hora de ergueremos bem alto a lâmpada do perdão, a tocha da graça divina. Enquanto não estivermos dispostos a agir assim, podemos desistir de nosso intento de abaixar a guarda.
Faz alguns anos, estive em Nova Iorque, um fascinante mundo de agitação. Tinha algumas horas de folga, então resolvi fazer um passeio de balsa pela baía. A barcaça navegou em torno da ilha Liberty

(antiga ilha Bedloe), e se demorou um pouco junto à famosa Estatua da Liberdade, sem dúvida a mais famosa das Américas.
E lá estava ela, aquela altiva mulher, com seu manto que cai em pregas graciosas sobre o pedestal onde ela se acha. Com o braço esquerdo, ela sustenta uma placa com a data de nossa Declaração de Independência. Com o direito, erguido, segura uma tocha. A seus pés, uma corrente quebrada, simboliza a derrubada da tirania. E esse monumento de cem toneladas, representando compaixão e acolhimento, é uma ilustração muda da mensagem que está gravada em uma placa de bronze que fica em sua base. Trata-se de um soneto de Emma Lazarus, intitulado "O Novo Colosso". Já o conhece? Diz o seguinte:

"Diferente do gigante grego de bronze
Que, com pernas separadas, liga uma ponta de terra a outra
Aqui, em nossos portões banhados de mar, está
Uma grandiosa mulher, segurando uma tocha, cuja chama
É como um raio de esperança, e seu nome
Mãe dos exilados. Em sua mão, que é um farol,
Brilha um acolhimento universal; seus olhos mansos dominam
Toda a baía que emoldura a cidade.
"Mantenham, terras antigas, seu eterno esplendor", diz ela
Com lábios silenciosos. "Entreguem-me os cansados, os pobres,
As multidões sem rumo, desejosas de respirar livremente,
Os infelizes refugos de suas cidades superlotadas.
Mandem para mim os desterrados, os vitimados pela tormenta.
Com minha lâmpada, ilumino os portões dourados."

Será que se poderia colocar essa inscrição na fachada de sua igreja? E de sua casa? Ou de seu coração? Você está interessado nessa tarefa de acolher os refugiados?
As pessoas necessitadas de refúgio procuram lugares como essa estatua. Onde será que encontrariam um lugar assim em sua cidade?

PERGUNTAS E SUGESTÕES PARA DEBATE

- O que mais sua atenção no capítulo 8? Por que esse ponto foi o mais importante para você?
- Aqui, nas entrelinhas, estão escritas palavras como compaixão, comiseração, misericórdia e tolerância. Faça um exame sincero e realista de sua vida. Veja se há nela essas qualidades. Onde aprendemos a tratar as pessoas da maneira como as tratamos?
- As palavras de Davi no Salmo 31 são muito incisivas. Recorde as três razões por que precisamos de lugares de refúgio, de acordo com o salmo. Você se encaixa em alguma delas? Explique por quê. E quanto a alguém que você conhece de perto, algum ente querido?
- Existe algum modo pelo qual você (e talvez outras pessoas do grupo) possam aproximar-se desse amigo que necessita de um abrigo como o que descrevemos neste capítulo, e oferecê-lo a ele?
- Certo psicólogo, depois de observar um grupo de crentes durante algum tempo, afirmou que mais pareciam um bando de porco-espinhos numa noite fria. O frio faz com que nos aproximemos uns dos outros, mas assim que estamos bem perto... temos a tendência de nos espetarmos e atacarmos uns aos outros. Pelo que você sabe, isso é verdade? Você se

sente mais à vontade no meio de incrédulos, principalmente quando está lutando com um problema?

- Como hoje não existem mais "cidades de refúgio", onde é que as pessoas sofridas de sua cidade poderão encontrar alívio, apoio e a possibilidade de recuperação? Você já pensou em iniciar um trabalho para alcançar essas pessoas mais problemáticas, como alcoólatras, desquitados, as vítimas inocentes de abusos, os retardados e seus pais, os idosos da comunidade, as mães solteiras, ou casais separados da igreja? Você se disporia a orar e aceitar esse desafio?

CAPÍTULO NOVE
OS ELEMENTOS PERNICIOSOS TERÃO QUE SER ELIMINADOS

Para que se tenha um relacionamento sólido e estável é necessário que haja também uma atmosfera apropriada, na qual ele possa se desenvolver. Se quisermos ter esperanças de cultivar uma sinceridade total, uma integração verdadeira e um espírito de tolerância e compaixão, algumas coisas terão que ser eliminadas de nossa vida.

É o mesmo que ocorre com as plantas e flores. Sendo frágeis e sensíveis, as plantas precisam de cuidados especiais e de solo adequado. Outro fator importante é defendê-las dos "inimigos" que comprometem seu crescimento. Aqui na Califórnia, por exemplo, existem diversos tipos de pragas que, não sei como, descobrem nossas mudas de planta, assim que as colocamos na terra. São caramujos, larvas, aranhas e mais uma meia dúzia de outras criaturas horrendas, sempre famintas e decididas a atacar os suculentos petiscos. E uma coisa estranha é que raramente se vêem esses insetos. E, além disso, também não trazem consigo placas de advertência: "Cuidado! Somos perigosos!" Nem ao menos fazem barulho. Mas passados alguns dias, adeus jardim florido! Se quisermos ter flores, precisamos nos livrar dessas pragas. E não adianta esperar que vão embora por si mesmas, pois não vão. Ignorá-las não é a solução.

E na família de Deus também é assim; se quisermos que vidas frágeis e sensíveis se desenvolvam, temos que exterminar os inimigos de seu crescimento. Até aqui, neste livro, temos feito apenas afirmações de conteúdo positivo, dando sugestões de caráter construtivo; e isso é muito necessário. Mas agora é hora de apontarmos também o lado negativo. Se quisermos que em nosso meio floresça um relacionamento tipo século primeiro, temos que procurar nos livrar de algumas coisas que atacam e agridem os filhos de Deus, no século XX. E, acredite-me, esses elementos perniciosos não desaparecerão por si mesmos.

ELEMENTOS ESSENCIAIS À SOBREVIVÊNCIA FÍSICA

Nas páginas anteriores, mencionei várias vezes a palavra corpo como sinônimo da família de Deus, a Igreja universal. Esse termo, empregado em sentido figurado, aparece em I Co 12, onde Paulo trabalha essa idéia com grande riqueza de detalhes. Eu, pessoalmente, aprecio muitíssimo os termos de sentido figurado. Eles nos oferecem imagens que nos ajudam a entender bem a verdade que está sendo ensinada. Vez por outra, podemos aplicar a analogia em termos tão amplos que obtemos uma melhor compreensão de um texto bíblico. Isso me aconteceu recentemente quando li uma paráfrase de um trecho de I Co 12. O homem que a elaborou é médico. E ele diz o seguinte:

"O corpo é uma unidade, embora constituído de muitas células; e, embora as células sejam muitas, formam um só corpo... Se um glóbulo branco disser: "Como não sou uma célula nervosa, não sou do corpo", nem assim deixaria de ser parte do corpo. E se uma célula de um músculo disser à célula

do nervo ótico: 'Como não sou nervo ótico, não sou do corpo", nem assim deixaria de fazer parte do corpo. Se o corpo todo fosse uma célula do nervo ótico, onde estaria a capacidade de andar? Se o corpo todo fosse uma célula do aparelho auditivo, onde estaria o sentido da visão? Na verdade, Deus dispôs as células do corpo da maneira como quis. Se todas as células fossem iguais, onde estaria o corpo? Na verdade há muitas células diferentes, porém um só corpo."

O corpo humano é constituído de várias células. E para que possamos viver é preciso que elas estejam saudáveis. Isso significa que alguns elementos são necessários: nutrição, exercício, higiene, descanso. E, do mesmo modo, outros terão que ser eliminados: doenças, germes externos e desenvolvimento desordenado no interior.
Nenhum médico competente olha com leviandade para uma enfermidade. Em alguns casos, o médico irá indicar um tratamento cirúrgico; em outros, uma cirurgia radical. Normalmente, eles receitam medicamentos; vez por outra, uma determinada dieta e até um programa de exercitamento físico. Tudo isso é parte de um planejamento para se ter uma vida saudável. É uma questão muito séria (e às vezes muito cara).

OBEDIÊNCIA – O SEGREDO DA PRESERVAÇÃO NACIONAL

Agora vamos mudar um pouco, e em vez de falar do corpo físico, falemos do corpo da nação. Vejamos mais uma vez aqueles hebreus do passado. Assim como a saúde é essencial à deles.
Sob a liderança de Josué, os israelitas invadiram a terra de Canaã, e a conquistaram totalmente. Por fim, a longa guerra terminou, e agora eles estavam de posse da terra que Deus lhes tinha prometido. Após quase quinhentos anos de existência, a nação tinha agora sua própria identidade. Não mais habitavam em solo estrangeiro. Tinham sua própria terra. Era hora de refletir um pouco e dar graças a Deus pela fidelidade dele. Encontramos em Josué 23 o relato dos acontecimentos aí.

Recordando a Fidelidade de Deus

"E SUCEDEU que, muitos dias depois que o SENHOR dera repouso a Israel de todos os seus inimigos em redor, e sendo Josué já velho e entrado em dias, chamou Josué a todo o Israel, aos seus anciãos, e aos seus cabeças, e aos seus juízes, e aos seus oficiais, e disse-lhes: Eu já sou velho e entrado em dias, e vós já tendes visto tudo quanto o SENHOR vosso Deus fez a todas estas nações por causa de vós; porque o SENHOR vosso Deus é que tem pelejado por vós. Vede que vos reparti por sorte, em herança às vossas tribos, estas nações que restam, bem como as nações que tenho destruído, desde o Jordão até o grande mar para o pôr do sol." (Js 23.1-4)

Deus levara tudo a bom termo. Como ele fora bom com seu povo! Depois que as lutas terminaram, ele lhes deu descanso (v.1). Ele dividiu a terra para ser herança deles. Que maravilhosa ocasião! Devem ter ficado com lágrimas nos olhos ao contemplar todo aquele vasto território, sentindo que era todo deles, bastando apenas que dele se aproximassem. Fora tudo pela graça de Deus, nada mais e nada menos!
Mas ainda não era hora de parar e relaxar. Após uma breve recordação do que fora feito, Josué fala da necessidade de prosseguir em frente, e completar a tarefa de desalojar da terra os cananitas que ainda restavam.

Uma Ordem Para o Povo de Deus

E para que eles não ficassem com a impressão de que era para voltarem ao mesmo "negócio de sempre", o líder declarou:

"E o SENHOR vosso Deus as impelirá, e as expelirá de diante de vós; e vós possuireis a sua terra, como o SENHOR vosso Deus vos tem prometido. Esforçai-vos, pois, muito para guardardes e para fazerdes tudo quanto está escrito no livro da lei de Moisés; para que dele não vos aparteis, nem para a direita nem para a esquerda; Para que não entreis no meio destas nações que ainda ficam convosco; e dos nomes de seus deuses não façais menção, nem por eles façais jurar, nem os sirvais, nem a eles vos inclineis, mas ao SENHOR vosso Deus vos apegareis, como fizestes até o dia de hoje; Pois o SENHOR expulsou de diante de vós grandes e fortes nações; e, quanto a vós, ninguém vos tem podido resistir, até o dia de hoje. Um só homem dentre vós perseguirá a mil; pois é o SENHOR vosso Deus que peleja por vós, como já vos tem falado**. Portanto, guardai diligentemente as vossas almas, para amardes ao SENHOR vosso Deus**."(Js 23.5-11)

Entendeu a mensagem? "**Não fiquem por aí à toa**! Ainda há muito trabalho a ser feito... há coisas que precisam ser eliminadas." A grande preocupação de Josué é que os hebreus viessem a cair na rotina, e adotar a mentalidade vigente por ali.
Primeiramente, ele fala de sua atitude. "Esforçai-vos" (v.6), principia ele. Ele os adverte para não se desviarem nem para a direita nem para a esquerda – para não se afastarem do caminho reto da obediência absoluta, seguindo pelo **tortuoso caminho da racionalização**.
Em segundo lugar, ele menciona as ações. A questão toda gira em torno de pequenos núcleos de pagãos, povos tribais que ainda não tinham sido desalojados de Canaã. Falando em termos atuais, a erradicação ainda não estava completa. Esses cananitas representavam para eles uma ameaça que não poderiam ignorar.
Mas será que Deus era tão rigoroso assim? Veja por si mesmo, lendo novamente as palavras de advertência que encontramos em Josué 23.7.

- Não vos mistureis com eles.
- Não façais menção dos nomes de seus deuses.
- Nem por eles façais jurar.
- Nem os sirvais.
- Nem os adoreis.

Acho isso muito sério; você não? Isso explica por que Josué empregou termos tão fortes como "afastará", "expulsará". Eles tinham que remover toda a influência dos cananitas dali, para que não fossem contaminados por eles.
Em terceiro lugar, ele menciona a única opção deles. Teriam que amar o Senhor seu Deus. Teriam que continuar sendo uma nação exclusivamente dele, refletindo as características dele, divulgando sua mensagem, continuando a ser puros e peculiares, sem fazer quaisquer concessões.

Uma Advertência Vinda do Coração de Deus

Se você acha que as advertências dadas até aqui têm sido muito sérias, veja o resto.

"Porque, se de algum modo vos desviardes, e vos apegardes ao restante destas nações que ainda ficou entre vós, e com elas vos aparentardes, e vós a elas entrardes, e elas a vós, sabei certamente que o SENHOR vosso Deus não continuará a expulsar estas nações de diante de vós, mas elas vos

serão por laço e rede, e açoite às vossas ilhargas, e espinhos aos vossos olhos; até que pereçais desta boa terra que **vos deu** o SENHOR vosso Deus." (Js 23.12-13)

"Se deles vos desviardes..." Isso é que é técnica para prender a atenção. Mas não vejamos isso apenas como uma tática amedrontadora, uma ameaça manipuladora. É uma advertência divina, com conseqüências sérias apostas a elas. Ele está-lhes dizendo quem, se se ligarem a esses povos, através de laços matrimoniais, identificando-se com eles, e dessa forma perdendo sua singularidade de povo de Deus, poderiam contar certo com duas conseqüências muito sérias:

1. Jeová não continuaria a ser seu escudo de proteção.
2. Eles iriam sofrer impiedosamente nas mãos dos cananitas.

Vamos dar uma olhada nessas palavras do verso 13.

- "Vos serão por laço e rede."
- "E açoites às vossas ilhargas."
- "E espinhos aos vossos olhos."

Ai! Josué usa de muitos termos figurados para retratar a intensa opressão e miséria que sofreriam se errassem. Mas ainda voltaremos a esses termos de sentido figurado antes de encerrarmos este capítulo. São eles a razão por que alguns elementos têm que ser eliminados.

O Adeus Final

Após entregar esta inquietante palavra de advertência, o velho líder se despede do povo.

"E eis que vou hoje pelo caminho de toda a terra; e vós bem sabeis, com todo o vosso coração, e com toda a vossa alma, que **nem uma só palavra falhou de todas as boas coisas que falou de vós o SENHOR vosso Deus; todas vos sobrevieram, nenhuma delas falhou**. E será que, assim como sobre vós vieram todas estas boas coisas, que o SENHOR vosso Deus vos disse, assim trará o SENHOR sobre vós todas aquelas más coisas, até vos destruir de sobre a boa terra que vos deu o SENHOR vosso Deus. Quando transgredirdes a aliança do SENHOR vosso Deus, que vos tem ordenado, e fordes e servirdes a outros deuses, e a eles vos inclinardes, então a ira do SENHOR sobre vós se acenderá, e logo perecereis de sobre a boa terra que vos deu." (Js 23.14-16)

E o que aconteceu então? Vamos analisar as ações dos hebreus registrada para sempre na sua História. Eles fizeram o que Josué ordenara? Obedeceram?

RELATO D UMA FRACASSO

Vamos pesquisar os primeiros capítulos do livro de Juízes, que se segue ao de Josué. Eles narram os eventos que ocorreram logo após a morte de Josué. Em suma, eis o que sabemos:

- Juízes 1.19: "Não expulsou os moradores do vale, porquanto tinham carros de ferro."
- Juízes 1.27: "Os cananeus lograram permanecer na mesma terra."
- Juízes 1.28: "Quando, porém, Israel se tornou mais forte, sujeitou os cananeus a trabalhos forçados; e não os expulsou de todo.

- Juízes 1.29: a mesma coisa fez Efraim: “Efraim não expulsou os cananeus... antes continuaram com eles...” (Dá para acreditar?)
- Juízes 1.30: a mesma coisa fez Zebulom.
- Juízes 1.31,32: a mesma coisa fez Aser: “... os aseritas continuaram no meio dos cananeus.” (Observe que a situação aqui mudou. Há claramente uma inversão de papéis.)
- Juízes 1.33: o mesmo se dá com Naftali, que “continuou no meio dos cananeus”.

E agora, está preparado para ver o cúmulo do absurdo?

- Juízes 1.34: “Os amorreus (uma tribo cananita) arredaram os filhos de Dã (uma tribo israelita) até as montanhas, e não os deixaram descer ao vale.”

Como se inverteram as posições” Em vez de os hebreus manterem uma posição superior, eles afrouxaram na obediência total a Deus, eles mesmos se convenceram a não observar o plano de guerra traçado por Josué, condescenderam com o erro... e acabaram-se tornando os vencidos, em vez de vencedores.

Fazer concessões nunca dá certo. Sempre acabamos nos queimando. Embora racionalizemos, sempre dando um jeito de explicar nossas decisões erradas, dizendo a nós mesmos que nos ligarmos a ímpios não irá prejudicar-nos (“Vamos exercer uma influência positiva sobre eles, e eles vão melhorar; nossa virtude vai passar para eles”), sempre nos sujamos nesse processo.

Se alguém calçar um par de luvas brancas num dia chuvoso, e sair para ir mexer no canteiro, acredite-me, a lama não vai ficar branca. Pelo contrario, as luvas é que vão fiar enlameadas. É sempre assim. Nos meus quarenta e nove anos de vida, nunca vi uma lama ficar branca em contato com luvas brancas. Nem uma só vez. Em suma, é exatamente isso que Paulo diz em I Co 15.33:

“Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes.”

Mas continue a ler:

“Faleceu, porém, Josué, filho de Num, servo do SENHOR, com a idade de cento e dez anos; E sepultaram-no no termo da sua herança, em Timnate-Heres, no monte de Efraim, para o norte do monte de Gaás. E foi também congregada toda aquela geração a seus pais, e outra geração após ela se levantou, que não conhecia ao SENHOR, nem tampouco a obra que ele fizera a Israel. Então fizeram os filhos de Israel o que era mau aos olhos do SENHOR; e serviram aos baalins. E deixaram ao SENHOR Deus de seus pais, que os tirara da terra do Egito, e foram-se após outros deuses, dentre os deuses dos povos, que havia ao redor deles, e adoraram a eles; e provocaram o SENHOR à ira. Porquanto deixaram ao SENHOR, e serviram a Baal e a Astarote. Por isso a ira do SENHOR se acendeu contra Israel, e os entregou na mão dos espoliadores que os despojaram; e os entregou na mão dos seus inimigos ao redor; e não puderam mais resistir diante dos seus inimigos. Por onde quer que saíam, a mão do SENHOR era contra eles para mal, como o SENHOR tinha falado, e como o SENHOR lhes tinha jurado; e estavam em grande aflição.” (Jz 2.8-15)

Que trágicas conseqüências: se ao menos tivessem obedecido!

Momentos atrás, pedi-lhes que guardassem na mente os termos laço e rede, açoite e espinhos, mencionados em Josué 23.13. e a razão é a seguinte: se relermos o relato dos hebreus em Juízes 1, veremos que eles experimentaram exatamente o que Josué havia predito.

"Laço e rede." Eles não apenas permitiram que os cananeus permanecessem na terra, mas também habitaram no meio deles. Isso se tornou um "laço e rede" para eles. Vivendo no meio deles, os hebreus logo assumiram sua maneira de ser, toleraram seus deuses e adotaram seu estilo de vida.

"Açoite às vossas ilhargas." Essas palavras são muito duras. Lemos em Juízes 1.34 que os amorreus expulsaram os danitas, uma tribo de Israel, para os morros, e não permitiram que eles voltassem a viver no vale. Isso é um exemplo clássico do que significa ser chicoteado nas ilhargas pelo açoite dos amorreus.

"Espinhos aos vossos olhos." Os versos de Juízes 3.5,6 descrevem como hebreus se tornaram cegos depois que adotaram a maneira de viver dos cananeus, permitindo que eles os intimidassem e praticamente os chicoteassem.

"Habitando, pois, os filhos de Israel no meio dos cananeus, dos heteus, e amorreus, e perizeus, e heveus, e jebuseus, tomaram de suas filhas para si por mulheres, e deram as suas filhas aos filhos deles; e serviram aos seus deuses." (Jz 3.5,6)

Isso resultou em conseqüências inevitáveis. E o restante do livro de Juízes é uma sucessão de relatos de fraquezas, contemporizações, tiranias, e por fim a derrota.

RESISTÊNCIA – A ESPERANÇA DE RELACIONAMENTOS SEM MÁSCARAS

Quem conseguiu me acompanhar até aqui merece aplausos! A História antiga às vezes é um pouco maçante, mas quando se trata de história bíblica, o estudo é gratificante, como se verá. Acredito que será muito proveitoso fazermos a aplicação desses fatos à questão do relacionamento sme máscaras.
Mas vamos recordar um pouco o que já vimos. Assim como o corpo humano não pode se desenvolver e subsistir sem que se removam as enfermidades, e assim como o corpo da nação de Israel não poderia permanecer saudável se não eliminasse de seu maio o estilo de vida dos cananeus, assim também ocorre com o Corpo de Cristo. Se nossa resistência orgânica abaixar, os germes nocivos podem causar a perda da saúde, e reduzir nossa capacidade de atuação.

Coisas que podem tornar-se laço e rede têm que ser eliminados.

Muitas vezes, são as coisas mais sutis que acabam-se tornando laço e rede para nós. Geralmente são atitudes que comunicamos através de gestos e olhares, e que "falam" bem alto, perante pessoas jovens, sensíveis e frágeis, que estão lutando para sobreviver.
Vejamos algumas dessas redes e laços:

Espírito de crítica	Observações descariosas, negativas
Intolerância	Sofisticação
Suspeitas	Cinismo
Preconceitos	Reações rancorosas
Orgulho	Olhares de condenação
Atitude de rejeição	Atitude fechada, inacessível

Talvez não cheguemos a dizer às pessoas para "manter distância", mas é tão fácil fazer isso com atitudes. E nunca será possível gozarmos de relacionamentos francos e abertos com nossos irmãos se nos cercarmos de uma atmosfera de laços e redes. Portanto, algumas coisas terão que ser eliminadas. E o melhor meio de livrar-nos desses laços e redes é começar com a lista acima.

Coisas que podem tornar-se açoites têm que ser eliminadas.

As pessoas nos procuram ou vêm às nossas igrejas por sentirem uma profunda necessidade de segurança; estão à procura de um amor verdadeiro, de compaixão, de doses maciças de auto-estima, de esperança e perdão – de todas essas coisas deque temos falado nos oito capítulos anteriores. Elas estão precisando libertar-se da prisão do sentimento de culpa, que a si mesmas se impõem, e da síndrome de "eu não presto; sou um verme".
E talvez procurem socorro de muitas maneiras, mas se a prática do "chicote" estiver ali para agredi-la, as conseqüências poderão ser desastrosas. Eis exemplos de alguns açoites que você mesmo já pode ter sofrido, ou infligido a outros.

- Tentativas de pressionar a se tornarem a se "corrigirem" ou a "pararem com isso", antes que estejam preparadas para tal.
- Forçar as pessoas a se tornarem mais iguais a nós – "Se é que você deseja realmente ser um crente maduro".
- Esperar que as pessoas aceitem exigências altamente estruturadas e rígidas, e regulamentos muito rigorosos.
- Aplicar o torniquete das exigências legalistas, isto é, apertar demasiadamente os parafusos nos outros, para que abandonem certos hábitos e se ajustem às nossas preferências e convicções; é o velho apontar de dedo, que brada: "Concerte-se, ou caia fora!"

Podemos sucumbir a essas chicotadas, senti-las como açoites em nossas ilhargas. Elas não nos dão espaço para aprender, para descobrir as verdades, nem o direito de errar, de ser nós mesmos.

Coisas que podem tornar-se espinhos têm que ser eliminadas.

OS "espinhos" são tormentos exteriores. São coisas que permitimos entrar em nosso corpo, e que causam males e doenças a outros membros – germes nocivos que penetram em áreas enfraquecidas, feridas ou enfermas. E lembremos sempre que os espinhos podem cegar-nos.
Vejamos exemplos de alguns espinhos.

- A persistência voluntária no pecado, não confessado, sem mostras de arrependimento.
- Agir **deliberadamente** sob o domínio da carne; viver em vergonhosa carnalidade, de maneira contrária à vontade de Deus.
- Justificar atos errados com acusações a terceiros ou com autopiedade, ou outro tipo de racionalização, recusando-se a encarar a verdade.
- Agir hipocritamente, aproveitando-se de crentes novos, sensíveis, que são impressionáveis e ingênuos.
- Desempenhar uma liderança espiritual hipócrita, sem levar em conta o fato de que algum dia todos saberão a verdade, e muitos irão desiludir-se.

Mas creio que já dissemos o bastante sobre isso. Essas coisas têm que ser eliminadas.

Quero encerrar com uma nota positiva, citando palavras sábias – que não são minhas, e que descrevem o inestimável valor de uma palavra de conforto e edificação. Gostaria que, de alguma forma, pudéssemos convencer-nos dessas verdades, a ponto de memorizarmos essas palavras.

"Se nossa vida fica arrasada, não é tanto pelos eventos terríveis que nos ocorrem, mas porque as coisas boas são muito poucas. Encontramos, ao longo do caminho, muito poucas pessoas dispostas a ser como galhos aos quais possamos nos agarrar, em nossa subida morro acima. O trilho é íngreme, mas isso não tem importância. Poderíamos escalá-lo se, de tempos em tempos, ao longo da subida, alguém nos comunicasse o fato de que nos ama, e, portanto, somos importantes."

PERGUNTAS E SUGESTÕES PARA DEBATE

- Volte ao início do capítulo 9 e releia a paráfrase de alguns versículos de I Co 12, feita por um médico.
- Converse sobre as maneiras como isso se aplica ao Corpo de Cristo. Em que condições se encontram as "células" com as quais você se relaciona – os crentes que você conhece? Eles estão fortalecendo você?
- Quando estudamos Josué 23, vimos fortes advertências contra o erro de fazermos concessões e termos um relacionamento muito chegado com pessoas que vão nos prejudicar. Como você age para manter amizades apenas com indivíduos que possam proporcionar-lhe um convívio bom e saudável? E se você está lutando com esse problema, fale sobre isso. Se for o caso, peça orações.
- E quanto aos laços e redes, açoites e espinhos? Talvez seja bom recordar e repassar essa parte do capítulo. Defina esses três tipos de perigo, com suas próprias palavras.
- Pense a respeito de seu lar, e veja se há ali algum laço e rede, açoites ou espinhos que precisam ser removidos. Talvez isso exija muita coragem, mas cite alguns deles.
- Com uma atitude positiva, sabe de algum crente que pode estar precisando de um gesto ou palavra de edificação? Talvez alguém tenha sofrido um ataque de uma língua ferina ou de uma atitude depreciativa. Que tal dar um telefonema para essa pessoa? Ou escrever-lhe uma breve cartinha demonstrando interesse? Ponha-se à disposição dos irmãos como um mensageiro de consolo. Isso pode ser muito gratificante!

CAPÍTULO DEZ
DECIDA POR SI MESMO!

Às vezes é muito fácil ficarmos tão irritados e incomodados com as coisas insignificantes, que nos esquecermos das importantes. Preocupamo-nos demais com detalhes mesquinhos, e perdemos de vista o quadro geral.

Lembrei-me disso quando li o relato da queda de um jato da Eastern Airlines, na Flórida. O avião era o do conhecido vôo 401, de Nova Iorque para Miami, que levava um grande número de passageiros, que ali iriam passar um feriado. Quando o avião fazia a aproximação do aeroporto de Miami para aterrissar, a luzinha que indicava o funcionamento do trem de aterrissagem não se acendeu. Então o piloto fez o avião dar um circulo amplo, sobrevoando os pântanos da região, enquanto a tripulação examinava o problema. A pergunta deles era a seguinte: o trem de aterrissagem não descera, ou fora a lâmpada que se queimara?

Primeiro o engenheiro de vôo remexeu com a lâmpada. Tentou retirá-la, mas ela não saía. Outro membro da tripulação ficou muito curioso com aquilo e resolveu ajudá-lo; depois outro fez o

mesmo. Daí a ouço estavam todos com os olhos voltados para a pequenina lâmpada que não se soltava, acredite ou não. Ninguém percebeu que o avião estava perdendo altitude. Afinal ele caiu direto no pântano. Muitas pessoas morreram no acidente. Enquanto uma experiente tripulação de pilotos peritos, de salários altos, mexiam com uma lampadazinha barata que não se soltava, um avião caía, fazendo perecer muitos de seus passageiros. Naqueles breves instantes, esses homens se esqueceram de uma regra básica da aeronáutica: "Não se esqueça de manter o avião em vôo."

A mesma coisa pode acontecer a uma igreja. O pastor pode ficar tão preocupado, querendo apagar pequenos incêndios, fixando sua atenção em questões insignificantes, que perde de vista **a finalidade da existência da igreja**. Às vezes, uma igreja pode ter tantas atividades, programações, clubes, projetos, reuniões de comissões, banquetes, envolvimentos na comunidade – tantas engrenagens girando, **sem na verdade realizar nada de importância para a eternidade**, que a congregação se esquece de seu objetivo básico. Muitas igrejas hoje são como aquela impressionante máquina que possui muitas rodas, molas, engrenagens, roldanas, correias, sinos, luzes que se acendiam e apagavam enquanto as rodas e engrenagens se punham em movimento, ao toque de um botão. Quando perguntaram ao seu inventor qual era a função daquela estranha máquina, ele replicou:

- O que ela faz? Ah, não faz nada. Mas não funciona maravilhosamente?

UM OBJETIVO BÁSICO

Faça uma pesquisa. Pergunte às pessoas da sua igreja se elas sabem por que ela existe. Mas prepare-se para ter uma grande surpresa. E não se assuste se a maioria der de ombros e disser:

- Ah, sei lá! Para termos as pregações, acho... estamos aqui para nos alimentarmos espiritualmente.

Não é exagero dizer que a opinião geral em muitas das igrejas evangélicas é simplesmente esta: "Estamos aqui para ser instruídos." Mas embora a pregação seja uma boa coisa (e acho que as pregações devem realmente ser as melhores possíveis), ela é apenas uma parte de um plano mais amplo. A igreja é um corpo constituído de pessoas chamadas pelo Senhor. E não nos reunimos apenas para nos alimentarmos; há outras razões.

Pensemos numa família. Duvido que alguém diga: "Somos uma família porque almoçamos e jantamos juntos. É por isso que existimos. Fazemos muitas refeições, e comemos muito. O alimento que ingerimos é muito nutritivo, muito bem preparado, e é sempre servido na hora certa. Gostamos muito de comer! E por causa disso, somos uma família." Não. Além de reunir-se na sala de jantar, em torno de uma mesa cheia de alimentos, um grupo de pessoas constitui uma família por muitos outros motivos. Por exemplo:

- Pela maneira como atende aos que sofrem.
- Pela maneira como ouve quando uma pessoa da família fala.
- Pela maneira como se interessa por aqueles que são fracos, e como lhes dá apoio.
- Pela maneira como expressa palavras de ânimo, e como permanece sempre ao lado da pessoa aflita em meio às adversidades; e ri junto com outros nos momentos alegres.
- Pela base em que estabelece responsabilidades e critérios de avaliação.
- Pelo fato de permitir a seus membros expressarem com sinceridade os seus sentimentos – alegria, tristeza, raiva, entusiasmo, dúvida, divergência, expectativa, perda, desilusão, decepções, prazer, sofrimentos, toda a gama de emoções.

É fácil ver que não é apenas o fato de tomarem as refeições juntas, que faz com que um grupo de pessoas se torne uma família. O mesmo se aplica à igreja. A igreja é como um quartel de instruções, e nunca devemos nos esquecer disso. É um lugar onde os membros da família de Deus recebem

estimulo para se desenvolverem espiritualmente, para aprenderem mais verdades, para se exercitarem, um lugar onde podem encontrar repouso, alimento e a estabilidade de que precisam para enfrentar as realidades da vida; é um grupo de indivíduos empenhados numa mesma luta, que se reúnem, que se relacionam entre si com franqueza, sinceridade e liberdade. É um lugar de oração e de tranqüilo retiro pessoal; é uma bigorna onde se trabalham as idéias, onde as convicções são forjadas; é um hospital para aqueles que precisam de tempo e lugar para se restabelecer; é um lugar onde se dispensam compaixão, perdão e graça, com a mesma prontidão e regularidade com que se distribui informação. Esse deve ser o quadro geral. Se perdermos isso de vista, cairemos direto num pântano.
Mas voltemos ao exemplo da Estátua da Liberdade. Mais atrás fiz referencias às comoventes palavras de Emma Lazarus: "Entregue-me os cansados, os pobres, as multidões sem rumo, os infelizes, os desterrados, os vitimados pela tormenta." Sinceramente penso que a igreja de hoje reescreveu estes versos da seguinte maneira:

"Entregue-me os ignorantes, que os instruirei (mas não espere que nos envolvamos demais)."
Ou então:
"Entregue-me os ricos , e eu comprarei e investirei (mas não me peça que desenvolva relacionamentos)."
Ou então:
"Entregue-me os fortes e dispostos, e os manterei ocupados (mas não espere muita compaixão)."

Em outras palavras. "Se você é uma pessoa que está de bem com a vida, se sua crença doutrinária é certinha, se está disposto a contribuir e não precisa mais do que alguns sermões, alguns hinos e conversas superficiais, então venha às nossas reuniões." Mas isso não lembra nem de longe a mensagem que Jesus delineou. Ele tinha muito contato com as pessoas; ele se dispunha a ter relacionamentos com outros. Ele ensinava, mas nunca com o único objetivo de encher a cabeça das pessoas. Para ele, a verdade estava intimamente ligada ao amor; a compaixão seguia de perto o mandamento. E o equilíbrio que ele próprio demonstrou fala bem alto, não fala?
Se você não aprender nada deste livro, procure entender pelo menos o seguinte: no Corpo de Cristo ter relacionamentos sinceros e francos é tão importante quanto divulgar, de forma acurada, as verdades bíblicas, o alimento espiritual. Precisamos das duas coisas. É preciso haver comunhão real entre as pessoas, e não apenas erudição. Se houver uma sem a outra, o resultado será uma igreja fora de esquadro, doente. Contudo, ninguém pode obrigar uma congregação a crer nisso. **Tem que haver uma decisão consciente**.

DECISÕES QUE FAVORECEM UM BOM RELACIONAMENTO

Mas voltemos à história bíblica que estamos acompanhando neste livro. Analisamos o Êxodo e atravessamos o Mar Vermelho com Moisés e os hebreus. Chegamos a Canaã, invadimos a terra, ocupamos o país e ouvimos as advertências com respeito aos laços e redes, açoites e espinhos. Aprendemos a admirar muito a Josué, esse corajoso líder que diz toda a verdade ao povo, independente de agradar ou não. Mas o problema é que agora ele está para morrer, e sabe isso. E ao contemplar o rosto daquelas pessoas que conduziu até a terra prometida, tem sentimentos contraditórios. Está satisfeito por tudo que já conseguiram, mas ao mesmo tempo sente-se preocupado com a tendência deles caírem na passividade. Como um pai muito sábio lidando com um filho meio irresponsável, ele sabe que, se o povo não atender às advertências divinas sofrerá

sérias conseqüências. Então, resolve expor tudo com grande clareza. Eles precisam saber a verdade, antes que ele saia de cena.

O Fator Principal

Quem sabe quantas vezes Josué não terá repetido seus conselhos e orientações? “Não se esqueçam de concluir a tarefa toda. Vocês têm que expulsar os cananeus. Continuem sempre amando e obedecendo a Jeová. Agora que vocês estão morando em casas que não edificaram e colhendo frutos de árvores que não plantaram, não percam as marcas distintivas de povo de Deus. Sejam fortes!” Essas palavras são muito conhecidas.

“E, passando vós o Jordão, e vindo a Jericó, os habitantes de Jericó pelejaram contra vós, os amorreus, e os perizeus, e os cananeus, e os heteus, e os girgaseus, e os heveus, e os jebuseus; porém os entreguei nas vossas mãos. E enviei vespões adiante de vós, que os expulsaram de diante de vós, como a ambos os reis dos amorreus; não com a tua espada nem com o teu arco. E eu vos dei a terra em que não trabalhastes, e cidades que não edificastes, e habitais nelas e comeis das vinhas e dos olivais que não plantastes.” (Js 24.11-13)

Deus já tinha feito tudo. Mas havia ainda uma coisa, o fator principal, que ele deixou aos cuidados deles, uma coisa que consolidaria ou arrasaria o futuro deles. Sabe o que é? Eles **tinham liberdade de decidir por si mesmos.** Josué afirma isso.

“Agora, pois, temei ao SENHOR, e servi-o com sinceridade e com verdade; e deitai fora os deuses aos quais serviram vossos pais além do rio e no Egito, e servi ao SENHOR. Porém, se vos parece mal aos vossos olhos servir ao SENHOR, **escolhei** hoje a quem sirvais; se aos deuses a quem serviram vossos pais, que estavam além do rio, ou aos deuses dos amorreus, em cuja terra habitais; porém eu e a minha casa serviremos ao SENHOR.” (Js 24.14-15)

Ninguém adquire retidão pessoal só porque outro o exigiu e ordenou. Não podemos ser obedientes por lei. Ninguém pode obrigar outrem a ser espiritual. Ninguém leva uma vida santa atendendo a advertência e ameaças. **Essas coisas brotam de nosso coração**, resultando diretamente de uma **decisão pessoal** de cada um de nós.

Você é um desses irmãos supertensos, que defendem veementemente regulamentos firmes e rígidos, que gostam de ordenar e tanger? Deixe-me confessar-lhe uma coisa. Vou retirar a máscara e dizer que passei muitos anos de minha vida marchando nesse compasso; muita carranca e exigência, longas e elaboradas exigências que eram ótimas para provocar sentimento de culpa, mas não levavam as pessoas a desejarem ser diferentes. As pessoas entendiam o que se exigia delas, mas não mudavam muito. Queimei muita energia, mas, em última análise, a maioria deu em nada. Esse método é tão eficiente quanto desferir golpes no ar.

As pessoas reagem melhor a exemplos pessoais, do que a exigências verbais. Elas se sentem muito mais incentivadas por exemplos, como o método de liderança de Josué (“Eu e minha casa serviremos ao Senhor; mas vocês terão que decidir por si mesmos”), do que pelos gritos e ameaças de fogo e enxofre empregados por certos líderes. Nos últimos anos tenho observado (e aprendi isso já tão tarde) que a maioria dos crentes deseja viver uma vida mais santa, mas também não quer ser tangida como gado. As pessoas reagem mais como ovelhas do que como bois.

Não faz muito tempo recebi a seguinte carta:

“Prezado Pastor,
Fiquei muito comovido com a sua pregação sobre Martinho Lutero. Aliás, no final até tentei cantar o hino, mas só conseguia chorar. Eu me sinto tão pequeno. Nossos heróis da Igreja são tão grandiosos, profundos e tão melhores do que eu. Eu sou tão acomodado, medíocre.
Eu gostaria de saber uma coisa. Quando o senhor tinha 27 anos já era como é agora? Já tinha lido todos esses livros bons? Já conhecia todos os hinos? Já tinha a mesma profundidade espiritual que tem agora? Cristo já era assim tão real para o senhor que suas palavras penetravam no coração das pessoas? Pergunto isso porque quero saber se ainda posso ter esperanças. Não tenho profundidade espiritual. Não fui criado na igreja. Não conheço os hinos. Ainda tenho que acompanhá-los no hinário. Também nunca fui muito de ler. Gostaria de ler bons livros, mas sempre que vou à livraria evangélica saio de lá frustrado. Quem precisa de livros com títulos assim: “Ore para ganhar muito dinheiro”, “Se você está doente, não é um bom crente”, “Pensamento positivo – nunca diga a palavra ‘pecado’”, ou um livro cheio de uns poeminhas horríveis para substituir nossa comunhão pessoal com Deus?
Também já ouvi o senhor dizer que as pessoas se tornam semelhantes àquelas com quem convivem mais. Estou cercado de pessoas medíocres. Quanto mais cresço espiritualmente, menor é o número de pessoas que posso imitar. Mas ainda não cheguei ao ponto de maturidade em que Deus é o único modelo para mim. O senhor é um exemplo para mim. Gostaria de perguntar-lhe uma coisa: o senhor é igual aos outros “modelos” de crentes? O senhor critica sua esposa impiedosamente na presença de outros casais? É desses que falam grosso mas na hora de agir se mostram fracos? Será que vale a pena imitá-lo?
Como posso melhorar? **O que me interessa não é fazer boa figura perante os outros. Só não quero ser medíocre.”**

Sabe o que esse moço quer? Quer exemplos que possa seguir. Entretanto, antes quer ter certeza de que o modelo é autêntico. Gosto do questionamento dele. Está procurando maneiras de sair da mediocridade rumo à maturidade, mas não está com muita pressa de saltar no primeiro carro que passar. Ele está resolvendo algumas questões básicas. Não está precisando de um pregador como eu que lhe fique gritando ao ouvido para consertar ou cair fora. Ele precisa de espaço para crescer e chegar a certas decisões, a fim de que sua vida revele uma genuína espiritualidade. E o ponto decisivo nisso é: ele tem que decidir por si mesmo. Ninguém pode torná-lo santo.
O mesmo se dava nos dias de Josué. O líder já tinha tomado sua decisão. Não havia mais dúvida para ele: ele e sua casa serviriam ao Senhor. Mas no que dizia respeito aos outros: “Escolham por si mesmos a quem vocês irão servir...” Ah, como eu gostaria de ter exercido uma liderança assim no início de meu ministério. Eu teria me poupado muitas dores de cabeça, e minhas ovelhas teriam se sentido mais estimuladas com meu exemplo, em vez de pressionadas com minhas exigências.

Três Pontos Essenciais

E com toda a liberdade de optar, os hebreus fizeram então sua declaração de intenções. Estimulados pelo exemplo pessoal de Josué em sua confissão de consagração, eles decidiram alinhar-se com a causa dele. Por decisão própria, a opção feita por Josué tornou-se a deles também. Por decisão própria, fizeram a mesma consagração pessoal que ele havia feito. Examinando detidamente essa parte da narrativa, encontramos três pontos essenciais nessa decisão.

1. Eles decidiram “temer ao Senhor” (v.14). em outras palavras, resolveram ter respeito por ele, reverenciá-lo, deixar que ele estabelecesse o padrão de vida que iriam levar, e não ser influenciados pela cultura cananéia.

2. Decidiram também “servir ao Senhor” (v.14). Fizeram uma opção voluntária de servi-lo com sinceridade. E mais adiante eles repetem, três vezes, sua decisão clara de segui-lo: “Serviremos ao Senhor” (v.18,21,24)

3. Decidiram “obedecer à sua voz” (v.24). Resolveram dar ouvidos às determinações e atender aos seus conselhos. E voluntariamente declararam sua decisão de obedecer.

Josué deve ter dado um sorriso. E lhes respondeu com as seguintes palavras: “Sois testemunhas contra vós mesmos de que escolhestes ao Senhor, para o servir.” E eles disseram: “Nós o somos.” (Js 24.22).
Aí está de novo: “escolhestes ao Senhor”. Não existe nada mais edificante para a liderança de uma igreja do que uma atitude dessas, quando o grupo, voluntariamente, resolve obedecer ao Senhor, independente de qualquer coisa. Por quê? Porque a decisão tem uma influência direta sobre a conduta.

“... O controle que conseguimos exercer diretamente sobre nossas emoções é bastante fraco, mas controlamos perfeitamente a nossa conduta. Em outras palavras, exercitando a força de vontade podemos modificar nossos sentimentos somente até certo ponto; ao passo que, usando igualmente o exercício da vontade, podemos ter controle total de nossa conduta.”

Assim os pastores devem compreender que **as mensagens que despertam muitas emoções nos ouvintes não são tão decisivas como a que são dirigidas diretamente à vontade**. **As emoções ativadas se desativam em muito pouco tempo; mas quando uma verdade causa um impacto sobre a vontade, aí vidas começam a se transformar.**

O Benefício Supremo

O que acontece quando relacionamos nossas decisões com as orientações de Deus?(Isso é o melhor de tudo!) Ele nos oferece um verdadeiro e perene apoio. Ele aceita nossa palavra, e integra seu poder à nossa vida. Onde há conflito, ele coloca paz. No lugar de nossa fraqueza e instabilidade, ele introduz força e estabilidade.
Você está começando a pensar seriamente nessa questão de remover as máscaras? Está disposto a reconhecer que a igreja não é apenas púlpito e bancos, mas é mais que isso? O relacionamento com outros é tão importante para você que valha a pena o esforço o risco de se aproximar mais de outras pessoas? Você está tomando essas decisões? Se for, tenho uma notícia muito boa para lhe dar. Deus vai abençoar e apoiar essas decisões. E ele o capacitará com seu poder, correspondendo ao seu desejo de agir assim. E muitas vezes você não terá consciência disso, mas ele estará realizando muitos dos seus anseios, operando por trás do pano.
Quando atuamos com base em verdades das Escrituras, o Senhor nos oferece sua assistência. O segredo de tudo isso, porém, é que tomemos as decisões acertadas e não apenas fiquemos a considerar as alternativas.
Uma das mais conhecidas parábolas de Jesus é a que está registrada em Mateus 7.24-27. Assim que começar a lê-la você irá lembrar-se dela.

“Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras, e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha; E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha. E aquele que ouve estas minhas palavras, e não as cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia; E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda. E aconteceu que, concluindo Jesus este discurso, a multidão se admirou da sua doutrina; Porquanto os ensinava como tendo autoridade; e não como os escribas.” (Mt 7.24-27)

Que diferença espantosa! Fazendo um exame detido, veremos por que uma das casas resistiu às intempéries e a outra ruiu. A primeira era habitada por uma pessoa que “ouve estas minhas palavras e as pratica”, e a outra por uma pessoa que “ouve estas minhas palavras e não as pratica”. Tudo se resumia numa decisão, não era? Jesus não está preocupado aqui com casas de verdade, nem com rochas ou areia. Essas coisas são apenas símbolos de decisões que tomamos e que irão resultar em nossa condição final, isto é, se ficaremos de pé ou cairemos. Se tomarmos as decisões certas, estaremos construindo nossa vida sobre a rocha, e ela resistirá ao teste dos anos.

O QUE VOCÊ DECIDIRÁ

Talvez esteja na hora de fazermos aqui algumas perguntas meio delicadas. Você é daqueles que ouvem a Palavra de Deus e depois agem de acordo com ela? Ou é daqueles que ouvem, mas, deixam abertas todas as alternativas possíveis? É muito fácil ficar remexendo com detalhes insignificantes e perder de vista o quadro geral. Lembra-se do vôo 401? Todos nós conhecemos muitas pessoas que ficaram presas a incidentes desnecessários, e acabaram afundando num pântano.

Jesus nos ajuda a dissipar a cortina de fumaça. Ele é muito hábil em fazer-nos confrontar com as questões que realmente importam. Não apenas nos oferece sua capacidade de visão, para que possamos enxergar o quadro geral, mas também nos oferece sua própria pessoa. Mas talvez você seja um daqueles que se acham tão atarefados no trabalho da igreja, mantendo as rodas e engrenagens girando, que não tenha enxergado o ponto mais importante: enquanto não tivermos um relacionamento certo com Deus, não teremos um relacionamento certo com os outros. O que muda as bases de nossa vida, de areia movediça para rocha sólida, é conhecer a Deus, pela fé. Será que você já viveu até aqui sem fazer a decisão mais importante que existe? Nenhum de nós foi programado para praticar o bem e levar uma vida justa. Isso vai depender de uma decisão de nossa parte. E essa decisão de deixar Cristo entrar em nossa vida não é insignificante. Só Ele pode dar-nos a sabedoria de que necessitamos para suportar as tempestades, inundações e as ventanias que nos sobrevirão. Pense seriamente nessa decisão de entregar a vida a Jesus. Creia-me, trata-se de uma decisão muito importante.

Na verdade, comparada à decisão de seguir a Cristo, todas as outras são insignificantes.

PERGUNTAS E SUGESTÕES PARA DEBATE

- Neste capítulo, analisamos o valor das decisões acertadas. Em vários pontos dele consideramos a importância dessas decisões. Por que são importantes? Você poderia citar uma decisão importante que resultou em mudanças na sua vida? Fale sobre isso.

- Pensamos sobre o objetivo básico para a existência da igreja, responda, resumida e objetivamente, com suas próprias palavras, a seguinte pergunta: qual a razão da existência da Igreja?
- Você ocupa seus dias com pequenos detalhes sem importância em vez de se preocupar com os fatores essenciais que compõem o quadro geral? Converse sobre as frustrações que geralmente acompanham esse tipo de luta.
- Josué constitui um admirável modelo de liderança. Ele dava o exemplo da mensagem que proclamava. Ele não exigiu que o povo dotasse suas convicções, nem os forçou a isso, mas anunciou claramente sua posição. Você acha isso estimulante? Está convencido a usar o mesmo método dele, ou prefere uma postura mais exigente? Se você é líder, que tipo de liderança exerce?
- Quando o povo se posicionou voluntariamente ao lado de Josué e sua família, resolveu temer, servir e obedecer ao Senhor. O que isso implica? Em que condições seria mais difícil realizar esse propósito?
- Leia novamente a parábola de Jesus narrada em Mateus 7.24-27. Converse um pouco obre o que seria edificar uma vida sobre a areia. O que a "areia" representa? Será que uma vida edificada sobre a areia pode ser transferida para um fundamento de pedra? Como? Cite situações específicas?
- Volte ao final do capítulo 10. Releia a parte intitulada: "O que você decidirá?" Você já tomou essa decisão? Em poucas sentenças, conte como e quando você resolveu deixar Cristo entrar em sua vida.

CAPÍTULO ONZE
A NECESSIDADE DE RESPONDERMOS PERANTE ALGUÉM

Meu carro é um Volks branco, 1979, conversível e todo equipado. É um carrinho muito bom, e eu o trato com todo o carinho e com intenso cuidado que só os que gostam de carros antigos saberiam compreender. Eu espero que ele ainda rode por muito tempo. Existem poucas coisas que se comparam com o prazer de rodar por aí, com a capota arriada, numa tarde de brisa e muito sol. Ajuda-me a relaxar os nervos, e impede que fique muito preocupado com meus problemas. Isso só tem um inconveniente: sou muito notado. Meu brilhante "besouro branco" (com rodas Porsche e pneus Michelin) tem a desvantagem de chamar muita atenção, mesmo quando não o percebo, o que é exemplificado pela seguinte carta, que recebi faz alguns meses.

"Caro Pastor,
Olá! Isso é apenas um bilhete para dizer-lhe que estamos apreciando muito sua série de estudos sobre relacionamentos. A mensagem do domingo passado, "Decida por si mesmo", foi de grande inspiração para nós, pois estávamos bastante inclinados a fazer uma decisão definida e consciente ao lado de Jesus Cristo, para segui-lo e confiar nele.
Alguns homens de nossa classe de escola dominical estão-se reunindo todas as quartas-feiras às sete da manhã na igreja para debater e orar a respeito das muitas decisões que como crentes nós temos de fazer, em nosso papel de maridos, amigos, empregados. E, aliás, hoje mesmo vimos uma pessoa fazer uma decisão clara e consciente. Estávamos rodando de La Habra para a igreja, a caminho de nossa reunião semanal. Mas deixe-me descrever a cena toda.
Apesar de ter acertado o despertador para uma hora que julgava dar-nos tempo suficiente para tomar banho, barbear, colocar o lixo no portão, vimos que estávamos atrasados. Depois de passar pela casa de meu amigo para pegar uma carona, seguimos em direção à Avenida Harbor, para ir a

Fullerton. Estávamos atrasados e provavelmente correndo um pouco. E fomos apanhados pela "lei de Murphy". É aquele sujeito que afirma: "Se existe a possibilidade de um sinal fechar quando você está atrasado, ele fechará." Então, lá estávamos nós, às 7:10 da manhã, no cruzamento das avenidas Harbor e Brea, atrasados para nossa reunião das sete horas, e pensando que teríamos de esperar até que todos os sinais terminassem o ciclo.
Aproveitando o tempo para arrumar melhor a camisa e pentear um pouco o cabelo, de repente avistamos um carrinho branco, de capota arriada, que subia a Av. Brea, procedente de Harbor, e com o mesmo problema – parado no sinal vermelho. Aquele rosto tão conhecido dentro do carro tinha uma expressão de pressa, mas parecia disposto a esperar. Súbito, a cabeça daquele motorista virou-se furtivamente (como se tivesse sido movida por uma força externa), olhou para a esquerda e para a direita no retrovisor, e daí a pouco zássss! Avançou o sinal.
- Rapaz, aquele que avançou o sinal vermelho era quem eu penso que era?
- Se você pensou que era quem eu pensei, então quem você pensou que era, era exatamente quem eu pensei que era.
- O que vamos fazer?
- Vamos escrever um belo artigo para publicar em diversas revistas evangélicas. E o título será: "Vamos lá, filho; hoje é sábado. Podemos avançar alguns sinais vermelhos!"
Mas antes de escrever e mandar nossa versão pessoal de "Decida por si mesmo", ocorreu-nos uma outra alternativa que, se aplicada, poderá reduzir bastante a agitação do noticiário da televisão. Acontece que nós dois, que testemunhamos o incidente, tomamos café todas as quartas-feiras, às 8:00 após a reunião do grupo, na lanchonete Randy's Coffee Shop, em Fullerton. Agora, se esse tal indivíduo, dono do carrinho branco de capota arriada, aparecer nessa lanchonete para tomar café conosco, no dia 25 de novembro ou 2 de dezembro, poderíamos evitar que a bela notícia estourasse. Caso ele não apareça, o artigo poderá ser colocado no correio às 9:00 da manhã da quarta-feira, dia 2. Se vier, nós nos identificaremos e até pagaremos os eu desjejum... se assim o decidirmos... decida por si mesmo!"

Obviamente a carta não estava assinada. Bom, eu fora apanhado em erro por aqueles bandidos. Então resolvi aparecer na lanchonete bem cedinho, no dia 25 de novembro. Fiz um cartaz e preguei no peito: "Culpado conforme acusação." E às 7:45 dirigi-me a uma garçonete que me olhou espantada, e pedi que me arranjasse uma mesa para várias pessoas. Disse-lhe que iria me reunir com alguns fariseus naquela manhã. Ela colocou alguns menus sobre a mesa e saiu abanando a cabeça. Às oito horas em ponto eles chegaram. Depois que todos rimos muito com meu cartaz, virei-o. Na outra face estava escrito: "Quem não tem pecado, atire a primeira pedra." Eles pagaram a refeição.
Mesmo que eu chegue aos 100 anos de idade, nunca mais esquecerei esse episódio. E todas as vezes que me sinto tentado a avançar um sinal vermelho, lembro-me daquela carta... um dos muitos benefícios do fato de termos de prestar contas uns aos outros.

O QUE É E O QUE NÃO É SER RESPONSÁVEL DIANTE DE OUTROS

Foi de propósito que deixei para abordar essa questão já no final. A principal razão para isso é que queria que todos compreendessem bem o quadro geral, um relacionamento sem máscaras, significativo, um relacionamento profundo e com amor, antes de tratarmos desses assuntos. Sem essa compreensão básica, o estudo da responsabilidade pessoal poderia ter uma conotação áspera, causticante.

O termo sozinho tem uma conotação jurídica, não é? E realmente é assim, pois é empregado muitas vezes nesse contexto. Se formos a um banco e retirarmos um empréstimo, somos legalmente responsáveis pelo pagamento dele. Isso é responsabilidade financeira. Quando arranjamos um emprego, concordamos em trabalhar de acordo com certos termos e regulamentos. Isso é responsabilidade trabalhista. Quando nos matriculamos numa universidade e decidimos fazer um curso que exige que estejamos presentes às aulas, estudando sob orientação de diversos professores, temos que nos submeter aos regulamentos do curso, o que inclui também efetuar trabalhos em casa e fazer exames, para recebermos o diploma. Isso é responsabilidade acadêmica.
Geralmente não temos o menor problema com esse tipo de responsabilidade; encaramos tudo como condição para bons negócios ou para uma formação acadêmica adequada. Mas quando alguém sugere que temos de prestar contas de nossos atos uns aos outros, em situações que não sejam essas, aí nos retraímos. Não gostamos de associar a idéia de prestar contas, que é tão legalista, com a da nossa vida espiritual, que é cheia de amor e inspiração. Ter responsabilidade perante um patrão não somente é compreensível, mas também é necessário. Aliás, quem resiste a isso e não trabalha segundo as determinações dele termina sendo despedido. E por que não estamos dispostos a prestar contas de nossos atos a pessoas que nos amam e querem o que é melhor para nós? O que há de errado em nos sentirmos responsáveis perante amigos, principalmente se isso vai implicar em melhorar e ampliar nosso relacionamento com Deus? É possível que essa nossa resistência seja mais uma prova de que, na verdade, somos isolacionistas.

Uma Definição Pessoal

Em vez de tentar dar aqui uma definição tirada de um dicionário, vamos apresentar uma explicação prática do termo. Quando falo em responsabilidade perante outros tenho em mente diversos aspectos desse termo e de como se relaciona com o assunto desse livro. Ter responsabilidade perante outros significa:

- Estar disposto a dar explicação de seus atos.
- Ter uma atitude aberta, sem máscaras e não defensiva com relação às suas intenções.
- Ser responsável pelos próprios atos.
- Explicar a razão de tudo.

Quero reafirmar que, se retirarmos esses aspectos de responsabilidade pessoal do contexto do amor e da edificação uns aos outros, eles vão parecer fortemente ofensivos. E se removermos o importante fator amizade, é possível até que acabemos dizendo: “Isso não é da sua conta.” Então, tenhamos cuidado para não fazer isso. Compreendamos bem que, quando falo de sermos responsáveis perante outros, refiro-me a uma situação em que há **envolvimento pessoal**, e nesse **caso ela é fruto de um relacionamento franco e significativo** com um ou dois ou mais amigos íntimos. Portanto, neste sentido, estou falando de um senso de responsabilidade voluntário.
Quanto mais penso nessa questão de sermos responsáveis perante outros, mais entendo por que é uma coisa tão rara. Ela exige da pessoa pelo menos quatro traços de caráter que normalmente não são encontrados naqueles que se acham satisfeitos com uma vida espiritual medíocre – e há muita gente assim! Os traços de caráter são os seguintes:

- Vulnerabilidade. A capacidade de se deixar agredir, de ser franco, sem máscaras. Uma atitude não defensiva.

- Maleabilidade. Um desejo enorme de aprender. Ser humilde, disposto a ouvir, a modificar-se; disposto a receber conselhos.
- Sinceridade. Um compromisso com a verdade. Detestando tudo que é falso, imitação ou hipocrisia. Exemplo de sinceridade.
- Disposição de se dar a outros. A capacidade de ser acessível, acolhedor. Não se importar de ser importunado. Estar disposto a reunir-se com outros regularmente.

Está vendo por que isso é tão raro? Vejamos, quantas pessoas você conhece que possuem essas características tão valiosas?
É verdade que esse senso de responsabilidade para com outros num nível pessoal não é tão raro. Ou talvez eu devesse dizer que não deveria ser tão raro. Quando duas pessoas resolvem abandonar sua condição de solteiros independentes e se casarem, estão optando por uma situação de responsabilidade mútua. Na maioria dos relacionamentos de casais que conheço (e isso se aplica a mim também), quando um dos dois fica fora de casa muito tempo, e demora a chegar, o outro espera uma explicação para o fato, e o primeiro a dá de bom grado. Se o marido chega em casa e encontra ali um objeto caríssimo, digamos uma lancha a motor, espera uma boa explicação, e não apenas um exuberante comentário: "Ela não é espetacular?"

Textos Bíblicos Relacionados com o Assunto

E essa verdade que se aplica a cônjuges aplica-se também aos membros do Corpo de Cristo. Vejamos um trecho de Hebreus 13:

"E não vos esqueçais da beneficência e comunicação, porque com tais sacrifícios Deus se agrada. Obedecei a vossos pastores, e sujeitai-vos a eles; porque velam por vossas almas, como aqueles que hão de dar conta delas; para que o façam com alegria e não gemendo, porque isso não vos seria útil." (Hb 13.16-17)

Eu diria que está muito claro, não está? Os pastores, presbíteros, bispos e outros líderes que Deus coloca em posições de responsabilidade (embora eles próprios sejam humanos e imperfeitos) "velam por vossas almas". E quanto aos líderes? Não têm que prestar contas? Claro que têm! Eles também precisam estar rodeados de pessoas que tenham toda a liberdade de lhes perguntar a razão de seus atos, para conversar com eles sobre qualquer assunto.
Salomão nos dá um bom ensinamento sobre esse ponto: "Leais são as feridas feitas pelo que ama, porém, os beijos de quem odeia são enganosos." (Pv 27.6). Voltaremos a esse verso um pouco mais adiante, mas agora vamos examinar melhor essas palavras. Algum tempo atrás, fiz um estudo detalhado desse texto, pesquisando o sentido original da palavra e do papel da sintática da língua hebraica. E afinal cheguei à seguinte paráfrase:

"Dignos de confiança são os ferimentos causados por uma pessoa que nos ama; mas enganosos são os beijos (de bajulação) daqueles que nos odeiam."

Quando uma pessoa nos conhece bem e nos ama o suficiente para nos "ferir" com a verdade, os ferimentos que resultam disso (e são feridas mesmo) são dignos de crédito, são confiáveis. Isso se aplica tanto à liderança como aos liderados. Observemos, porém, que nem todo mundo constitui um alvo válido de nossas críticas. Existem crentes que parecem acreditar que possuem "o dom da crítica" (em toda igreja há alguns), e pensam que têm o direito de chamar às falas a quem bem

entenderem. Mas o provérbio diz que as feridas feitas por "um amigo" (uma pessoa que nos conhece e nos ama muito) são benéficas. Desconhecidos ou meros conhecidos não têm liberdade de sair por aí criticando os outros. Isso não tem nada a ver com prestar contas; é agressão. Salomão não está pregando uma atitude de cão de guarda entre pessoas que se conhecem apenas de vista. Ele está querendo convencer-nos do valor de termos alguns amigos queridos e chegados, que possuam liberdade de "ferir-nos" com a verdade. Esses amigos merecem toda a nossa confiança.

O Perigo dos Extremos

Mas, nesse ponto, é necessário acrescentarmos algumas advertências para que alguns leitores não se tornem verdadeiros abutres, com mentalidade própria da Gestapo. Na verdade, existem dois extremos para os quais devemos estar atentos a fim de que não caiamos neles – ser excessivamente severos ou excessivamente brandos.

1. Não podemos ser excessivamente severos. Quando penso nessa atitude extrema, lembro-me de um homem que viveu no final do século I. Seu nome era Diótrefes. João faz menção dele em sua terceira carta.

"Tenho escrito à igreja; mas Diótrefes, que procura ter entre eles o primado, não nos recebe. Por isso, se eu for, trarei à memória as obras que ele faz, proferindo contra nós palavras maliciosas; e, não contente com isto, não recebe os irmãos, e impede os que querem recebê-los, e os lança fora da igreja. Amado, não sigas o mal, mas o bem. Quem faz o bem é de Deus; mas quem faz o mal não tem visto a Deus." (III Jo 9-11)

Que homem agressivo! Tenho a nítida impressão de que esse Diótrefes seria uma espécie de Hitler do século I, ou um tipo de Átila, o rei dos hunos. Quero dizer, quando esse homem assumiu a liderança daquela igreja, assumiu totalmente. E João condena essas medidas opressoras, aliás corretamente.
Toda a postura da Bíblia é contrária a esse senso de responsabilidade legalista, militante, rígida. Trata-se de uma atitude farisaica e crítica, que infelizmente não condiz com a condição de servo. Essa posição extrema faz uso do prestar contas com a finalidade de manipular e controlar as pessoas, uma ação nunca justificada pelas Escrituras.

2. Não podemos ser excessivamente brandos. Os crentes de Corinto caíram nesse erro. Eles seguiam o clássico preceito: "Viva e deixe os outros viverem"; não tinham um padrão de pureza e nem tampouco queriam se preocupar com isso.

"GERALMENTE se ouve que há entre vós fornicação, e fornicação tal, que nem ainda entre os gentios se nomeia, como é haver quem abuse da mulher de seu pai. Estais ensoberbecidos, e nem ao menos vos entristecestes por não ter sido dentre vós tirado quem cometeu tal ação. Eu, na verdade, ainda que ausente no corpo, mas presente no espírito, já determinei, como se estivesse presente, que o que tal ato praticou..." (I Co 5.1-3)

Esses crentes aí se parecem com os hebreus descritos no livro de Juízes, que relata que cada um acabou fazendo aquilo que julgava certo aos seus próprios olhos. Mas o mais triste no caso da igreja de Corinto é que eles não apenas se eximiam de considerar responsável aquele homem e

repreender seus atos pecaminosos, vergonhosos e escandalosos, mas também justificavam essa atitude, tomando por base a graça.
Os dois extremos são perigosos e maléficos. Não estou defendendo aqui que devamos ser severos e rígidos, com uma mentalidade de cão de guarda semelhante à de Diótrefes. Mas também não podemos assumir uma atitude e indiferença – "Que me importa isso?" – como fizeram os coríntios. É evidente que o mundo prefere esse segundo extremo, e isso traz conseqüências trágicas. A sociedade secular não apenas "vive e deixa viver" mas também "morre e deixa morrer".
Lembrei-me disso quando li o relato da morte do ator de cinema William Holden:

"William Holden era um homem solitário, e teve uma morte muito solitária. Estava sozinho em seu apartamento, em Santa Mônica, Califórnia, quando faleceu devido a uma hemorragia em conseqüência de uma queda sofrida em casa, pois estava fortemente embriagado. Seu corpo foi encontrado quatro ou cinco dias depois. Tinha 63 anos."

Você também acha isso incrível? Ali estava um homem famoso, de mais de sessenta anos, cujo nome era conhecidíssimo na indústria cinematográfica, e muito popular entre os amigos do cinema no mundo todo. Trabalhava em filmes havia quatro décadas e, no entanto, já estava morto "havia quatro ou cinco dias", quando foi encontrado, ou quando se deu pela sua falta. Como pode acontecer uma coisa dessas? O último parágrafo da noticia dá uma indicação: "Holden defendia sua privacidade co um vigilância cada vez maior."
A privacidade é algo de que todos nós precisamos; ninguém pode negar isso. Mas ficar totalmente desligado dos outros, sem ter que prestar contas a outros? Isso ninguém poderia justificar. Há ocasiões em que é essencial que alguém nos diga alguma coisa. Haverá situações em que o fato de alguém nos dizer uma palavra será uma questão de vida ou morte.
Vejamos o caso de Martin Niemoller, por exemplo, um pastor luterano da Alemanha, da década de trinta. Transcrevemos aqui uma confissão sincera que ele fez e que é muitas vezes citada.

"Na Alemanha, eles vieram prender primeiro os comunistas, e eu não falei nada, porque não era comunista. Depois vieram atrás dos judeus; não falei nada, porque não era judeu. Depois vieram atrás dos sindicalistas; não falei nada, porque não era sindicalista. Em seguida vieram atrás dos católicos; e eu não falei nada, porque era protestante. Aí vieram me buscar, mas a essa altura não havia mais ninguém para protestar."

EXEMPLOS DAS ESCRITURAS

Não existe nada mais alentador do que a comprovação das Escrituras. As nossas experiências são ótimas, e as ilustrações que podemos obter na vida real ajudam a elucidar bem as questões; mas quando encontramos a comprovação em trechos e passagens das Escrituras, temos o caso resolvido. Essa questão de prestar contas é bíblica? Existe base bíblica para o que estamos analisando neste capítulo? Existe sim.

Prestar Contas – Horizontal e Verticalmente

O Novo Testamento ensina claramente que os membros do Corpo de Cristo têm que prestar contas ao Cabeça. Quem ainda não entendeu as implicações das seguintes palavras de Cristo?

“O homem bom tira boas coisas do bom tesouro do seu coração, e o homem mau do mau tesouro tira coisas más. Mas eu vos digo que de toda a palavra ociosa que os homens disserem hão de dar conta no dia do juízo.” (Mt 12.35-36)

E Paulo, em termos claros e concisos, acrescenta que “cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus” (Rm 14.12).
Deus não atira seu povo num mesmo balaio esperando que de alguma forma todos cheguem ao céu. Não; ele cuida de nós. E na verdade, ele nos responsabiliza pela maneira como vivemos. Não há a menor dúvida: teremos que responder perante Deus pela nossa vida. Teremos que prestar contas verticalmente. E nosso galardão celestial estará baseado nisso (II Co 5.10)
Mas nossa responsabilidade não termina aí; ela se aplica horizontalmente também.

“O amor seja não fingido. Aborrecei o mal e apegai-vos ao bem. Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros. Não sejais vagarosos no cuidado; sede fervorosos no espírito, servindo ao Senhor; Alegrai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, perseverai na oração; Comunicai com os santos nas suas necessidades, segui a hospitalidade; Abençoai aos que vos perseguem, abençoai, e não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que se alegram; e chorai com os que choram; Sede unânimes entre vós; não ambicioneis coisas altas, mas acomodai-vos às humildes; não sejais sábios em vós mesmos;” (Rm 12.9-16)

“MAS nós, que somos fortes, devemos suportar as fraquezas dos fracos, e não agradar a nós mesmos. Portanto cada um de nós agrade ao seu próximo no que é bom para edificação. Eu próprio, meus irmãos, certo estou, a respeito de vós, que vós mesmos estais cheios de bondade, cheios de todo o conhecimento, podendo admoestar-vos uns aos outros.”(Rm 15.1,2,14)

Não vivemos como ilhas, totalmente independentes e livres uns dos outros. Fomos criados de forma a nos relacionarmos uns com os outros, a nos misturarmos, tocarmo-nos, a respondermos uns perante os outros.
Anne Ortlund, em seu excelente livrete sobre adoração Up with Worship apresenta uma excelente metáfora para transmitir exatamente essa idéia.

“Toda igreja tem a opção de ser uma entre duas coisas. Ela pode decidir ser um saquinho de bolinhas de gude, cada uma constituindo uma unidade em si, que não afeta a nenhuma das outras, a não ser quando se colidem. E no domingo cada um pode resolver ir à igreja ou ficar em casa dormindo, ninguém se importa em saber se há ali 192 ou 193 bolinhas.
Ou ela pode ser um cacho de uvas. O suco de cada uva se mistura ao das outras, e não há a menor possibilidade de se separarem, mesmo que o tentassem de todas as formas. Cada uma é parte de todas as outras. Parte do aroma. Parte da matéria.”

Há momentos em que nós, as “uvas”, ficamos feridos e sangramos. E a instrução de Deus para momentos como esse não é que apertemos o cinto e sigamos em frente, estóicos. Lembra-se da passagem de I Co 12.26,27?

“De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele. Ora, vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular.”

E o que fazer quando um membro sofre um declínio espiritual e passa a viver na carne, conduzindo sua vida de acordo com a carne e não de acordo com o Espírito? Será que vamos ignorá-lo também, e dar de ombros, pensando: "Bem, isso não é da minha conta"? Não; a Bíblia contém uma orientação bem especifica nesse sentido.

"Se vivemos em Espírito, andemos também em Espírito. Não sejamos cobiçosos de vanglórias, irritando-nos uns aos outros, invejando-nos uns aos outros." (Gl 5.25-26)

"IRMÃOS, se algum homem chegar a ser surpreendido nalguma ofensa, vós, que sois espirituais, encaminhai o tal com espírito de mansidão; olhando por ti mesmo, para que não sejas também tentado. Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo." (Gl 6.1-2)

Bom ao contrário dos cartazes que geralmente vemos nas lojas de objetos delicados, como de porcelana, a orientação que Deus nos dá é: "Favor tocar nos objetos". É claro que temos de tocar muito de leve, mas a pior coisa que podemos fazer é passar de largo pela carnalidade de um irmão, como se aquilo não nos importasse.
Quantos daqueles que apostataram não poderiam ter sido salvos e recuperados, se alguém fosse suficientemente sincero para se aproximar deles e ajudá-los a voltar a uma vida descente e pura? O ideal seria esperar que eles pedissem socorro, mas nem todos pedem. Aqueles que resolvem ser responsáveis perante os outros possuem maior capacidade de se transformarem.
Um escritor e conselheiro muito experiente escreveu o seguinte:

"... Nos últimos anos as ciências behavioristas estão divulgando uma verdade muito simples: 'a conduta que é observada, modifica-se'. As pessoas que, por opção própria, prestam contas de seus atos a um grupo de amigos ou de terapia, a um psiquiatra ou a um pastor-conselheiro, a um grupo de estudo bíblico ou de oração, são indivíduos que realmente querem mudar sua conduta, e estão certos de que podem modificar-se.
Estudos feitos em indústrias mostram que tanto a qualidade como a quantidade do trabalho melhora quando os empregados sabem que estão sendo observados. Quando tenho consciência de que só Deus sabe o que estou fazendo, e como sei que ele não irá contar a ninguém, minha tendência é arranjar uma porção de desculpas para meus erros. Mas se eu tiver que responder perante uma pessoa ou um grupo, começo a direcionar melhor minha conduta. Se houver alguém de olho em mim, minha conduta melhora sensivelmente."

E quando passamos por dificuldades, as mesmas pessoas a quem sentimos a responsabilidade de prestar contas de nossos atos, se aproximam de nós e nos dão seu apoio. E quando começamos a nos desviar e sair um pouco do curso, são elas também que vêm nos restaurar. As igrejas que aplicam esses princípios em sua congregação não vêem muitos indivíduos de seu rebanho se afastarem e se perderem de vista, sem que outros os notem.
Não conheço uma só pessoa que, passando por um problema sério, limite-se apenas a pedir uma fita cassete emprestada para ouvir. Ela quer um contato pessoal, com gente de carne e osso. Vejamos, por exemplo, o caso de um jovem casal que começou a freqüentar nossa igreja faz alguns meses. Seguindo a orientação que dou do púlpito de que todos procurem aproximar-se uns dos outros, não se limitando aos contatos dos cultos, resolveram ir a uma reunião de uma das classes de adultos.

Na primeira vez que assistiram a reunião do grupo, uma das pessoas ali chamou-os de lado para falar-lhes do trabalho de integração que realizavam – como se auxiliavam mutuamente, de maneira prática, sempre que a situação o exigia.
Naquela mesma semana, o homem sofreu um acidente sério no trabalho. Ele caiu de um andaime, e sofreu uma lesão na coluna. Após o choque inicial, a esposa ficou a pensar a quem poderia recorrer, a quem solicitar ajuda. Lembrou-se da classe que haviam visitado no domingo, e encontrou em sua bolsa um cartão com o nome e número de telefone de uma das senhoras que a havia convidado para uma reunião de mulheres que faziam parte da classe. Ligou para ela.
Assim que essa mulher recebeu o telefonema, entrou em contato com um dos dirigentes do grupo, o qual logo acionou uma corrente de oração de cerca de oitenta pessoas. Algumas pessoas ofereceram-se para levar alimento para a família e tomar conta dos filhos, a fim de que a esposa pudesse ficar com o marido no hospital. Uma hora após o primeiro telefonema, um movimento de apoio e solidariedade já fora iniciado.
O homem ficou hospitalizado durante muito tempo. Já recuperou parcialmente a sensibilidade nas pernas, e há esperanças de que volte a andar. Mas durante todo esse tempo, ele e sua família estão sendo cercados por um grupo de crentes que estão manifestando o amor de Deus de maneiras as mais diversas.
Pelo contato que mantiveram e pelo senso de união consciente, esse casal encontrou um grupo de pessoas prontas a ajudá-lo.

Positivo e Negativo

Mas existe ainda um outro aspecto dessa questão toda, e que poderíamos chamar de experiências negativas e positivas relacionadas com a responsabilidade perante outros. Tendo isso em mente, vamos ver alguns textos do livro de Provérbios.

1. Tendo que prestar contas, existe menos probabilidade de cairmos em laços.

“Da soberba só provém a contenda, mas com os que se aconselham se acha a sabedoria.” (Pv 13.10)

“A doutrina do sábio é uma fonte de vida para se desviar dos laços da morte.” (Pv 13.14)

“Pobreza e afronta virão ao que rejeita a instrução, mas o que guarda a repreensão será honrado.” (PV 13.18)

“O que anda com os sábios ficará sábio, mas o companheiro dos tolos será destruído.” (Pv 13.20)

“Os ouvidos que atendem à repreensão da vida farão a sua morada no meio dos sábios.” (Pv 15.31)

“O que rejeita a instrução menospreza a própria alma, mas o que escuta a repreensão adquire entendimento.” (Pv 15.32)

“O óleo e o perfume alegram o coração; assim o faz a doçura do amigo pelo conselho cordial.” (Pv 27.9)

“Como o ferro com ferro se afia, assim o homem ao seu amigo.” (Pv 27.17)

“Como na água o rosto corresponde ao rosto, assim o coração do homem ao homem.” (Pv 27.19)

Abaixo da superfície de nossa percepção independente existem muitos laços e recifes submersos. Todos nós temos pontos cegos. Isso inclui você também. Sábio é aquele que se coloca dentro da esfera segura e objetiva da observação de outros.

2. Tendo que prestar contas, não iremos camuflar nossos atos errados ou pecaminosos, sem receber nenhum tipo de punição.

“Leais são as feridas feitas pelo amigo, mas os beijos do inimigo são enganosos.” (Pv 27.6)

“Os vergões das feridas são a purificação dos maus, como também as pancadas que penetram até o mais íntimo do ventre.” (Pv 20.30)

Nem mesmo os chamados superespirituais têm o privilégio de uma impecável. Eles também (e principalmente?) são falíveis e sujeitos a erros de orgulho ou de não aplicar a si mesmos as determinações que dão a outros.
Paulo reprovou Pedro por sua hipocrisia.

“E, chegando Pedro à Antioquia, lhe resisti na cara, porque era repreensível. Porque, antes que alguns tivessem chegado da parte de Tiago, comia com os gentios; mas, depois que chegaram, se foi retirando, e se apartou deles, temendo os que eram da circuncisão.” (Gl 2.11-12)

Samuel teve a triste tarefa de fazer uma confrontação com Saul.

“Então disse Samuel a Saul: Espera, e te declararei o que o SENHOR me disse esta noite. E ele disse-lhe: Fala. E disse Samuel: Porventura, sendo tu pequeno aos teus olhos, não foste por cabeça das tribos de Israel? E o SENHOR te ungiu rei sobre Israel. E enviou-te o SENHOR a este caminho, e disse: Vai, e destrói totalmente a estes pecadores, os amalequitas, e peleja contra eles, até que os aniquiles. Por que, pois, não deste ouvidos à voz do SENHOR, antes te lançaste ao despojo, e fizeste o que parecia mau aos olhos do SENHOR? Então disse Saul a Samuel: Antes dei ouvidos à voz do SENHOR, e caminhei no caminho pelo qual o SENHOR me enviou; e trouxe a Agague, rei de Amaleque, e os amalequitas destruí totalmente; Mas o povo tomou do despojo ovelhas e vacas, o melhor do interdito, para oferecer ao SENHOR teu Deus em Gilgal. Porém Samuel disse: Tem porventura o SENHOR tanto prazer em holocaustos e sacrifícios, como em que se obedeça à palavra do SENHOR? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros. Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria, e o porfiar é como iniqüidade e idolatria. Porquanto tu rejeitaste a palavra do SENHOR, ele também te rejeitou a ti, para que não sejas rei.” (I Sm 15.16-23)

E Davi confessa que os momentos de aflição e de sofrimento interior são benéficos.

“Antes de ser afligido andava errado; mas agora tenho guardado a tua palavra. Foi-me bom ter sido afligido, para que aprendesse os teus estatutos. Bem sei eu, ó SENHOR, que os teus juízos são justos, e que segundo a tua fidelidade me afligiste.” (Sl 119.67,71,75)

No início deste capítulo, eu disse que todas as vezes que sou tentado a avançar um sinal vermelho, aquela carta me vem à mente. É exatamente disso que Davi está falando.

QUATRO SUGESTÕES PRÁTICAS

Agora que chegamos a um entendimento sobre o que é e o que não é ser responsável perante outros, e que já obtivemos a comprovação da Bíblia, vendo que isso não somente é válido, mas também de importância vital, vamos concluir o estudo desse assunto analisando algumas sugestões práticas para a aplicação do que aprendemos.

1. Parar e pensar no valor de se prestar contas. Aplique a si mesmo esta sugestão, ressaltando "eu", "me", "meu".

- Como todo mundo, tenho meus pontos cegos. Tendo que prestar contas a outros, terei uma visão de mim mesmo que normalmente não possuo.
- Preciso de pessoas perto de mim, já que não tenho energia e sabedoria suficientes para resistir sozinho às pressões, tentações e orgulho.
- O mundo em que vivo apresenta muitas armadilhas e laços sutis que não consigo enfrentar sozinho (principalmente quando viajo, ou quando estou a sós). Preciso da força de outras pessoas.

2. Faça a si mesmo duas perguntas. Perguntar é fácil; responder é que pode ser penoso.

- Por que procuro me manter isolado, sem responsabilidade perante os outros?
- O que acontecerá se eu insistir em continuar assim?

Se você se acha na categoria de um líder muito conhecido, um pastor muito respeitado, um cantor evangélico, um pregador que está sempre indo e vindo de lugar para outro, um atleta crente, quero suplicar-lhe uma coisa. Você se acha sob a mira do adversário. Seus dardos estão apontados em sua direção. Sua única esperança de vencer, o único meio de você não cair nas armadilhas dele é acercar-se de um círculo de amigos, além da sua família. Faça isso o mais breve possível.

3. Combine com uma pessoa (o melhor seria umas duas ou três) para se reunirem regularmente. Essas pessoas devem ser escolhidas com muito cuidado. Algumas das características que elas devem possuir são:

- Capacidade de guarda segredos (se for casada, o cônjuge também deve ter essa qualidade).
- Sinceridade (uma pessoa que não tenha uma admiração excessiva por você).
- Autenticidade (que não age com hipocrisia).
- Objetividade (não se sente obrigada a concordar sempre com você e dizer-lhe sempre o que você quer ouvir).
- Espiritualidade (uma pessoa cuja espiritualidade você admira; crente, sem a menor sombra de dúvida).
- Acessível (está sempre à disposição, podendo reunir-se com você a qualquer momento).
- Lealdade (é fiel,constante e coerente).

4. Cultive amizade com pessoas que o ajudem a fortalecer seu apego às coisas de Deus.

Não estou falando aqui de consultores econômicos nem de assessores financeiros, embora esse tipo de auxílio seja muito vantajoso. Também não me refiro a um analista ou profissional semelhante que o ajude em suas lutas emocionais. Essa pessoa com quem você deve ter uma amizade mais profunda deve ser alguém que lhe fortaleça "a confiança em Deus" (I Sm 23.16), como Jônatas fez a Davi. Aqui, o que precisa de um direcionamento e uma avaliação é sua sensibilidade espiritual.

Não vou me alongar mais (este capítulo quase acabou-se tornando um livro), mas não posso encerrar sem mencionar uma vez mais que, uma das melhores decisões que já fiz, tomada há alguns anos, foi a de procurar pessoas que respeitava, para pedir-lhes que se reunissem comigo para orar, conversar, fazer avaliações, aconselhar-me, examinar decisões; enfim, ajudar-me a manter a cabeça no lugar e o coração reto diante de Deus. Eles são sinceros comigo, são francos me reanimam, mas não são ingênuos; agem com tato, mas ainda assim me fazem enxergar a verdade; são bons ouvintes, mas ainda assim conselheiros sábios.

Deus tem usado esses homens para me fazer ver armadilhas que eu sozinho não teria percebido, e para levar-me a alterar meu curso, quando me achava seguindo na direção errada. Não tenho palavras para descrever os benefícios que tenho recebido pela presença dessas pessoas à minha volta – aliás, nós todos os temos colhido.

Ah, se eles pudessem ajudar-me a corrigir meu modo de dirigir! Mas o fato é que são humanos. E algumas coisas só podem ser resolvidas mesmo é com jejum e oração.

PERGUNTAS E SUGESTÕES PARA DEBATE

- Dê sua própria definição de ter que responder perante outros, citando exemplos de atos ou atitudes que você crê se acham incluídos nessa questão.
- Lembra-se dos dois extremos perigosos? Converse sobre eles. Você já presenciou algum caso de um dos dois extremos ou pelo menos foi alvo dele? Conte essa experiência.
- Debata a diferença entre a **privacidade normal e necessária, e um isolamento insensato**. Como uma pessoa pode perceber que sua privacidade está-se tornando isolamento?
- Durante uma boa parte do capítulo onze, apresentamos as bases bíblicas dessa tese de que devemos prestar contas uns aos outros. Algumas dessas passagens serviram para esclarecer bem um aspecto dela para você, ou para animá-lo mais? Fale sobre elas e os efeitos.
- Leia Provérbios 27.6. Analise bem esse texto com outras pessoas do grupo. Experimente fazer uma paráfrase dele. Cite uma situação especifica em que esse verso o inspira.
- O capítulo se encerra com quatro sugestões práticas. Recorde-as. Converse sobre elas. Você está disposto a aplicá-las à sua vida?
- Pense numa pessoa a quem você admira profundamente, talvez algum líder influente, que Deus tem usado para inspirá-lo. Ore por essa pessoa. Ao orar, lembre-se das quatro sugestões e peça a Deus que proteja aquela pessoa dessas sutis ciladas do inimigo, o diabo.

CAPÍTULO DOZE
UM TRANSPLANTE DE ESPERANÇA – A OPERAÇÃO MAIS NECESSÁRIA

As igrejas, como as crianças, apresentam-se em tamanhos e formas diversos, e em diversas personalidades e estilos. Não existem duas que sejam exatamente iguais.

Em meu ministério de pregação, que já dura mais de duas décadas, tenho tido a oportunidade de estar em igrejas de todos os tipos. Essa diversidade chega a ser espantosa. No ano passado, durante

uma de minhas viagens, resolvi sentar-me e fazer uma lista dos diversos tipos de igreja que conheço, uma espécie de mostruário das igrejas que visitei e onde preguei.

- Igrejas excessivamente conservadoras e teologicamente rígidas.
- Igrejas ligeiramente liberais, ou o que chamo de teologicamente “soltas”.
- Igrejas extremamente informais, de reações emocionais fortes.
- Igrejas totalmente silenciosas, rígidas, estóicas.
- Igrejas analfabetas em Bíblia; não se via uma Bíblia.
- Igrejas bem doutrinadas; ambiente quase que de sala de aula.
- Algumas igrejas bem grandes; umas poucas imensas, com diversos andares de galerias.
- Outras pequeninas; apenas um punhado de fiéis reunidos na casa de um deles.
- Igrejas antigas, com mais de cem anos de existência.
- Igrejas novas, com menos de um mês de existência.
- Em algumas falava-se inglês; em outras havia necessidade de um intérprete.

Preguei em igrejas de negros, onde pensei que os cultos não iriam acabar nunca. Eram três chamadas para entrega de ofertas, mais de uma hora de louvor, longos períodos de oração, e dois longos sermões – um pregado por mim e ouro pelo pastor da igreja. Ao término eu estava molhado de suor e rouco. Há muito tempo não me sentia tão à vontade. Mas também já preguei em igrejas onde um sermão e vinte minutos era considerado uma maratona. E, a propósito, essas igrejas têm um púlpito muito esquisito.

Algumas das igrejas em que já estive gostavam muito de música. Tinham uma orquestra completa, um coro de mais de cem vozes, um maravilhoso órgão de tubos, e a música emprestava um belíssimo efeito ao culto. Mas houve ouras que nem gostavam de utilizar instrumentos musicais. Tudo era cantado à capela. Algumas eram verdadeiros “clubes”altamente sofisticados e cultos, onde a senha era elegância e erudição, enquanto outras eram incrivelmente pobres. Lembro-me de que em um lugar onde preguei eles exigiram que eu estivesse de bermuda e camiseta de malha (era na Califórnia, lógico). Mas depois que viram meus joelhos e minhas pernas, arrependeram-se de terem feito tal pedido.

Já preguei em igrejas que estavam sendo retalhadas por disputas (com diversos fraccionamentos nos seus poucos anos de vida), e em outras que se mantêm unidas há várias décadas, coesas e ainda vibrando com o Senhor Jesus. Uma das igrejas estava com o mesmo pastor havia mais de quarenta anos. E se levarmos em conta que a média dos pastores fica cerca de três a cinco anos numa igreja, e depois parte para outra, um homem que permanece numa igreja um período longo assim, hoje em dia, é um fenômeno. Algumas igrejas pareciam mais lugares de diversão do que casas de adoração a Deus; enquanto outras eram tão sem graça e vazias de criatividade como um pavilhão de tábuas. Havia uma igreja que mais parecia uma fortaleza de concreto – estrutura quadrada, sem janelas, bancos duros, um piano antigo, piso de cimento, e a iluminação de lâmpadas simples que pendiam do teto por longos fios, e telhado plano. Eu nem gostaria de ser sentenciado a passar algum tempo ali. E ainda havia um forte eco, favorecendo a que todos ouvissem a mensagem duas vezes. Ninguém precisaria sair dali sentido-se lesado.

E não estou exagerando. Algumas eram tão cálidas e cativantes que tive vontade de nunca ir embora. Outras eram tão repulsivas que ainda custo a acreditar que tais igrejas existam. Quem pensa que Deus não tem senso de humor é porque não viu muitas das igrejas onde já estive.

AS IGREJAS MAIS TRÁGICAS DA TERRA

Mas dentre essas igrejas há duas que se sobressaem como as mais trágicas de todas. Ambas são igrejas urbanas, com um passado rico e ilustre. Uma delas está localizada num bairro muito perigoso de um setor revoltado e turbulento. As janelas são protegidas com barras de ferro e as portas com ferrolhos duplos (e quando o povo se reúne para realizar o culto, fica trancado dentro do salão). Quando o culto termina, as mulheres são acompanhadas até o carro, seja de noite ou de dia. A outra tem uma aparência exterior totalmente diferente. As pessoas aqui não são temerosas; são orgulhosas. Elas têm orgulho de seus erros. Olhando de fora, tem-se a impressão de que tudo está bem. Mas quando entramos e ficamos ali a observar e a escutar por uns momentos, percebemos que está faltando um fator extremamente importante, que também está ausente na outra igreja. E é por isso que as duas são trágicas.

Mas, coisa interessante, ambas falam muito de seu passado. Aqui já pregaram grandes homens e mulheres de Deus. Antes eles desenvolviam um ativo programa de evangelização; possuíam uma visão ampla com relação ao programa missionário de Deus, muitos e interessantes trabalhos com jovens, pregações maravilhosas e inspirativas, um programa de escola dominical para pessoas de todas as idades; a igreja estava sempre lotada; havia trabalho de discipulado, pessoas que se dedicavam à oração. Era sempre assim. Mas agora não é mais. A única coisa que ainda resta para lembrar a glória passada dessas duas igrejas é uma fileira de fotografias no corredor, e as lembranças que ainda existem na mente de alguns.

Mas o problema não é tanto o modo como as igrejas são, mas sim o que está faltando. É isso que as torna tão trágicas. Falta-lhes vitalidade e poder. Aquelas pessoas não estão voltadas para o futuro, querendo saber a vontade de Deus para sua vida. Elas pensam apenas no passado. São igrejas que perderam a esperança. Parece que o Espírito de Deus não tem mais liberdade para se mover no meio delas. Com uma tal atmosfera de "desesperança" é quase como se ele tivesse se afastado desses lugares. Dá-nos vontade de chorar. É possível que o autor das palavras abaixo, Samuel Stevenson, estivesse chorando ao escrevê-las.

"Uma cidade cheia de igrejas
Grandes pregadores, homens cultos,
Com músicas, coros e órgãos.
Se essas coisas falharem, o que será?
Excelentes obreiros, ardorosos, sinceros,
Que trabalham incessantemente.
Mas onde, meu irmão, onde
Está o poder de Deus?
Refinamento, cultura!
Eles querem o melhor,
Seus planos e programas são perfeitos.
São incansáveis.
Conseguem os melhores talentos,
E se esforçam ao Maximo,
Mas o de que eles precisam, irmão,
É do Espírito Santo de Deus."

O que o coração representa para o nosso corpo, o que o moral representa pra uma tropa militar, o que o espírito de luta representa para um time de futebol, a esperança representa para igreja. Se não houver esperança, aquele local de culto não passa de um necrotério com uma torre. Uma casca vazia. É apenas um prédio, talvez com um exterior muito bonito, mas ali dentro estão criaturas que

mais parecem autômatos, praticando atos religiosos, sem nenhuma vitalidade. Os cultos de domingo são como doses de narcótico, com o objetivo de amortecer a dor de uma vida vazia. A esperança, que é a rainha e a força da motivação, desvaneceu-se.

Talvez essa descrição se harmonize com a igreja que você freqüenta. Pode ser que a situação ali não chegue a esses extremos, mas sente-se que há alguma coisa faltando. Agora que você leu os capítulos precedentes talvez tenha sentido um entusiasmo maior e um desafio pessoal diante da história dos hebreus e da sua saída do Egito em demanda de Canaã. Viu o mar Vermelho abrir-se, viu a nuvem de dia e a coluna de fogo à noite. Presenciou a queda das muralhas de Jericó. Entrou em Canaã e escutou Josué dando suas advertências. Sentiu-se animado (como eu me senti) ao perceber que uma aproximação maior com outros crentes, um relacionamento sem máscaras, sem ficar na defensiva, e a responsabilidade perante outros são metas maravilhosas e perfeitamente atingíveis. Você deseja isso, mas quando pensa em aplicar esses ideais em sua igreja, fica desanimado. Talvez esteja pensando: "Isso pode dar certo para os outros, mas na minha igreja não." Pode ser que aquela desesperança de que falei esteja contaminando sua maneira de penar e você já esteja prestes a fechar este livro com um suspiro: "É puro idealismo." Talvez você seja pastor de uma igreja que aparentemente é um caso perdido. Você se pergunta se vale a pena se dar ao trabalho de tentar alguma coisa. É possível que a desesperança já tenha começado a afetar até suas pregações e sua atuação na liderança.

Antes de continuar, deixe-me dizer-lhe umas palavras de ânimo. Nunca é tarde para se começar a fazer o que é certo. Pode ser que algumas situações pareçam caso perdido, mas isso é hoje. Isso agora é passado. O que dissemos aqui sobre relacionamentos sem máscaras, amizades mais profundas, mais chegadas e mais fortes, e mais amor para com os outros pode ser de muito valor. Uma coisa é fato, prejudicar não vai. Isso pode ser o elemento catalisador que Deus empregará para instilar um novo sopro do Espírito em sua igreja e sua congregação. Ânimo, meu amigo. Você pode estar vivendo no limiar de um avivamento operado por Deus, que terá o efeito de virar seu ministério de cabeça para cima. À luz dessas idéias, eu gostaria agora de transplantar um pouco de esperança das páginas das Escrituras para o seu coração, e, em última instância, para a sua igreja. No primeiro capítulo, descrevi como essa mensagem de esperança reviveu em minha igreja. Agora vamos analisar, neste capítulo final, como isso pode ser aplicado à sua. Já passamos um bom tempo falando sobre indivíduos; pensemos agora nas igrejas, igrejas que venham a ter esperança. Como podemos devolver-lhes a esperança?

UMA RÁPIDA ANÁLISE DA ESPERANÇA

Estamos sempre falando palavras como fé e amor. E todos sabemos definir essas coisas sem muita dificuldade. Mas e a esperança? O que vem a ser isso? Será que Lea é realmente essencial?

Definição

Um dicionário define esperança nos seguintes termos: "desejar alguma coisa com expectativa de realização". Esperar é antever alguma coisa; contudo, não é apenas sonhar com algo, é mais que isso. É possuir em nós mesmos a expectativa de que algum dia aquilo que desejamos se realizará; aquilo se tornará realidade. A esperança sempre olha para o futuro; está sempre erguendo-se nas pontas dos pés. E ela nos mantém atuando. Ela torna suportável uma situação que hoje é desanimadora, porque nos promete um amanhã melhor. Se não tivermos esperança, alguma coisa dentro de nós está morta.

O termo grego que é traduzido como esperança tem um significado bem semelhante ao da nossa língua: "uma expectativa favorável e confiante". Nosso organismo pode passar algumas semanas sem alimento e alguns dias sem água; podemos ficar alguns minutos sem oxigênio, mas sem esperança, nunca.

"Se tirarmos a riqueza de um homem, nós o frustramos. Se retirarmos o objetivo, diminuímos seu ímpeto. Mas se tirarmos dele a esperança, nós o imobilizamos. Sem dinheiro e sem objetivo ele ainda pode prosseguir por algum tempo. Mas sem esperança não prosseguirá."

A versão bíblica Good News Bible transcreve assim o texto de Provérbios 13.12: "Quando se esmaga a esperança, o coração fica esmagado; mas um desejo que se realiza nos enche de alegria."
E a versão The New American Standart Bible diz assim: "Uma esperança adiada adoece o coração, mas um desejo que se realiza,é uma árvore de vida." A perda da esperança adoece o coração. O termo hebraico cha-lah (que é traduzido como "adoece") sugere a idéia de "fazer adoecer". Quando o substantivo doença é aplicado a uma nação, apresenta a idéia de calamidade, tristeza ou aflição. Ele é empregado muitas vezes com um sentido bastante grave, portanto a figura do coração ser "esmagado" é uma descrição bastante adequada.
Já foram muitos estudos e pesquisas que comprovam sem sombra de dúvida que a esperança está estreitamente ligada à sobrevivência humana.
Douglas Colligan escreveu um artigo na revista New York onde fala sobre um estudo feito a respeito do "mal do coração". Esse estudo fez uma pesquisa sobre o índice de mortalidade de 4500 viúvos, que morreram num espaço de seis meses após a morte da esposa. A pesquisa concluiu que o índice de mortalidade dessas pessoas é 40% mais elevado do que de outros homens na mesma idade.
No mesmo artigo, Colligan relata o caso de Major F. J. Harold Kushner, que tinha sido prisioneiro dos vietcongues durante cinco anos e meio.

"Dentre os prisioneiros que estavam no mesmo campo que Kushner, havia um fuzileiro de vinte quatro anos, um rapaz forte, que já havia resistido dois anos num campo de prisioneiros, com saúde relativamente boa. Isso se devia em parte ao fato de que o comandante do campo havia prometido ao soldado que o libertaria, se ele colaborasse com eles. Como isso já acontecera antes com outros fuzileiros, ele se tornou um prisioneiro modelo, líder do grupo de recuperação mental do campo. Mas, à medida que o tempo passava, ele ia percebendo que seus captores haviam mentido para ele. E quando afinal teve a certeza disso, ele se tornou um autômato. Recusou-se a trabalhar, rejeitou alimento e palavras de estímulo dos outros, e simplesmente ficava deitado em seu catre chupando o polegar. Poucas semanas depois morria."

Em seu livro Were is God When It Hurts? (Onde está Deus quando sofro?), Philip Yancey diz o seguinte: "A experiência de Kushner é um trágico e negativo exemplo de que temos necessidade de um pouco de esperança para vivermos."
Já está comprovado que é preciso ter esperança, senão a doença impera. Já vi isso no relacionamento de muitos casais, você não? A noiva faz os eu enxoval, e ali, além dos objetos concretos, ela coloca também seus sonhos, que são imateriais. E cada vez que ela olha, seu coração bate acelerado, pois pensa nas alegrias futuras. Então ela se casa com o homem de seus sonhos. E enquanto ele luta para se firmar na vida, a esperança os sustém. E é a esperança também que os sustém também na compra da primeira casa, no nascimento dos primeiros filhos; depois numa segunda casa maior, para comportar a família agora aumentada e alguns animaizinhos de estimação, mas depois, a meia idade toma as rédeas, e de alguma forma coloca um garrote em sua

esperança. Ela perde aquele interesse inicial; ele pára de trazer flores para ela; começam a circular em órbitas separadas. A esperança se desvanece. Meio desanimados, eles tentam consertar as coisas... mas a doença já cobrou seu tributo. É como me disse certa vez uma senhora:

"Só desisti depois que perdi a esperança de remediar as coisas. E quando minha esperança acabou, acabaram-se também minhas energias. Acabou tudo – nossa intimidade, alegria, o interesse, os sonhos; morreu tudo que dava sentido à nossa união."

Uma Pergunta

Isso pode acontecer numa igreja? Pode. Não acontece da noite para o dia, é claro. E às vezes acontece de modo tão imperceptível que ninguém o nota. Se o percebêssemos, tentaríamos deter o processo. Mas é como uma erosão: silenciosa, lenta, mas constante. A vantagem é que esse mal não é incurável.
Mas a grande questão é: o que é preciso para que uma igreja se mantenha cheia de esperanças? Ou em outras palavras, o que fazer para evitar a doença da desesperança? Ou talvez, seja melhor dizermos: o que podemos fazer para restaurar a esperança?
Tenho pensado muito sobre essa questão. Se ainda se lembra do que eu disse no primeiro capítulo, em nosso caso fiquei receoso de que o crescimento da igreja e a **rotina do templo novo** viessem a matar "nosso entusiasmo", que seria o mesmo que "retirar nossa esperança". A "saúde" de uma igreja está intimamente relacionada com a esperança.

ALGUMAS FORMAS DE MANTER FORTE A ESPERANÇA

Quando pensava sobre como faria para "abanar o fogo" da esperança em uma igreja, estava lendo também a primeira carta de Pedro. E como ele estava muito envolvido na vida da igreja de Jerusalém no primeiro século, devia ter algumas orientações e idéias boas para nós hoje. Assim que cheguei ao quinto capítulo, as coisas começaram a encaixar-se. Encontrei nele cinco sugestões bem realistas. E cada uma delas está presente em igrejas que estão conseguindo sucesso; cada um desses elementos é um alimentador da esperança.

Uma Boa Liderança

"AOS presbíteros, que estão entre vós, admoesto eu, que sou também presbítero com eles, e testemunha das aflições de Cristo, e participante da glória que se há de revelar: Apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto; Nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho. E, quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis a incorruptível coroa da glória." (I Pe 5.1-4)

Aqueles amados irmãos estavam vivendo numa época difícil, em que a perseguição, a incompreensão e até a morte eram a triste realidade. Portanto, não nos surpreendemos ao ver que Pedro se dirige primeiramente à liderança. Se os líderes perderem a esperança, não demorará muito e toda a congregação a perderá também. É claro que eles precisam desse conselho inicial.
Vamos fazer uma análise detalhada dos versículos que acabamos de ler. Está vendo os contrastes? Eles vêm logo depois do forte imperativo "pastoreai o rebanho". Mas como? Que deve caracterizar as pessoas que atuam como pastores do rebanho de Deus? Vejamos um diagrama disso:

Não (negativamente)	Mas (positivamente)
... constrangidos	... espontaneamente
... por sórdida ganância	... de boa vontade
... como dominadores	... modelos do rebanho

São as mesmas fraquezas que assolam todos os que trabalham em igrejas, de qualquer local e época – **dinheiro, ego e indolência**. Aqueles que quiseram ter uma igreja consagrada, coesa, sem máscaras, devem resolver logo o problema dessas três tentações. Tenho ouvido casos – alguns deles horríveis demais, pareciam inacreditáveis – de pastores que só estão no ministério por causa do dinheiro, que já perderam há muito tempo as alegrias do trabalho de Deus (e elas são muitas), e que se sentem tão inseguros, que precisam dominar e agredir a congregação. Esses líderes não devem admirar-se se a esperança começar a falhar em suas igrejas.

Para que um trabalho se desenvolva, precisa de aceitação, liberdade, amor, muita inspiração, alimentação espiritual, espaço para errar, uma atmosfera de expectativa e entusiasmo verdadeiro. Isso se aplica a jovens e velhos, casados e solteiros, homens e mulheres; é para os cultos e refinados bem como para os de recursos intelectuais mais limitados; para os executivos e os operários, etc. seja qual for a raça ou cor, ricos ou pobres, todos são parte do rebanho de Deus e não pertencem ao pastor. Pertencem a Deus, não ao pregador nem à liderança da igreja. Querem ser levados a pensar. Precisam saber que podem perfeitamente questionar, ter idéias diferentes, ter opiniões diversas. É, e que podem até reclamar (a maioria já sabe disso). Eles precisam ter liberdade de rir, de ter suas reações, de chorar, de servir uns aos outros, liberdade de ser como são, e é o líder quem lhes dá as "deixas" nesse sentido.

Uma liderança tensa, preocupada, superdefensiva, vulnerável, não era na congregação um relacionamento profundo, afetuoso, descontraído, acolhedor, completamente humano e verdadeiro. Quando o gripo percebe que o líder é um "modelo"para o rebanho em todos esses aspectos e em outros semelhantes, sente que tem "sinal verde" para seguir em frente e agir da mesma forma. Mas se percebe que a coisa mais importante para ele é a doutrinação bíblica, a ponto de quase excluir tudo o mais, eles também passam a ser doutrinadores. Se ele for uma pessoa áspera e rígida, eles também o serão. Se for o tipo de individuo que está sempre com a razão, os seguidores começarão a apontar com muita ênfase quem está certo e quem está errado. Se ele gosta de "exortar" e repreender, eles farão o mesmo. O estilo e o modo de ser peculiares de cada congregação são determinados pelos homens que a dirigem. Uma coisa é verdade: uma boa liderança sempre resulta em um máximo de benefícios.

A Verdadeira Humildade uns Para com os Outros

E Pedro continua:

"Semelhantemente vós jovens, sede sujeitos aos anciãos; e sede todos sujeitos uns aos outros, e revesti-vos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes. Humilhai-vos, pois, debaixo da potente mão de Deus, para que a seu tempo vos exalte;" (I Pe 5.5-6)

Isso mostra um maravilhoso equilíbrio, não é? Ele aconselha os jovens a atender sempre à geração mais velha. Isso se aplica em respeito mútuo entre as gerações, e total liberdade de comunicação. Mas será que isso quer dizer que os mais velhos são "donos" da verdade? Será isso uma autoridade tipo "rei e senhor"? Acho que não. Pedro diz mais adiante que todos eles (mais velhos, adultos,

adolescentes, jovens, solteiros, adultos solteiros, crianças, pais, pastores, diáconos, porteiros, sejam quer for) deviam vestir a mesma "vestimenta". Que vestimenta é essa? Seria ortodoxia bíblica? Embora isso seja de grande valia, não é esse a roupagem que todos na congregação devem vestir. Também não é cultura. Nem riqueza. Nem pobreza. É um daqueles ingredientes essenciais para que tenhamos certeza de que não é arriscado sair da defensiva: é a humildade. O orgulho sufoca a sinceridade. Olhando por esse lado, podemos afirmar que existem mais "assassinos" em nossas igrejas do que em qualquer outro lugar do mundo.

Como Deus reage ao orgulho? O verso 5 dia que ele resiste ao soberbo. O termo que Pedro emprega aqui é um vocábulo militar muito forte. O orgulho mobiliza os exércitos de Deus. Ele põe em ação sua artilharia pesada. Há diversos textos das Escrituras que ensinam que Deus abomina o orgulho. Por quê? Por que isso é tão importante?

- O orgulho promove nas igrejas os "grupos exclusivos".
- O orgulho resiste à idéia de repartir, de dar lugar aos mais capazes, àqueles que podem ser diferentes da maioria.
- O orgulho resiste a inovação e mudanças.
- O orgulho tem a resposta certa para tudo. O artigo definido é extremamente importante para o orgulho.
- O orgulho é dogmático, tem mente fechada, não aceita ser instruído.

É por isso que Deus o detesta. É por isso que as igrejas que possuem esperança são constituídas de pessoas que se vestem de humildade. Se nos cingirmos da roupagem certa – um espírito humilde, vulnerável, e formos acessíveis uns aos outros – Deus, em tempo oportuno, nos exaltará.

Libertar-se da Ansiedade

O melhor conselho a esse respeito é o de I Pe 5.7: Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós."

A preocupação rouba-nos a esperança. Ela imobiliza o Corpo de Cristo trazendo-nos constantemente à mente coisas certas e erradas, e as ameaças naturais da vida. A preocupação nos sufoca, colocando nossa cabeça bem no centro do turbilhão de problemas e provações.

Uma igreja preocupada não se arrisca a nada. Mas sempre reage a tudo. Em vez de estar sempre na linha de frente, ela faz retiradas, e adota a mentalidade do contra-ataque. Ela **passa mais tempo se defendendo do que planejando.** Uma igreja preocupada está sempre mais voltada para o que está errado no mundo, do que para o que está certo em Deus.

Você tem ouvido muito com esses tais "preocupados" das fileiras evangélicas? Parece que foram batizados em suco de limão. As pessoas tensas estão constantemente carregando fardos; nunca se livram deles. E quanto mais tempo permanecem carregando, mais "estranhos" se tornam; ficam meio paranóicos, têm menos alegria. Alguns tentam se passar por profetas, fazendo declarações fanáticas, pessimistas; já notou? E essas pessoas parecem medrar bem em igrejas vibrantes que estão em franco desenvolvimento. São atraídas por congregações que estão ativas. Não posso deixar de concordar com o sujeito que constatou essa verdade: **"Onde há luz, também há mosquitos."**

Toda igreja já possui uma porção de problemas que podem levar qualquer pastor a perder o juízo. Problemas de estacionamento. Vandalismo. Mexericos. Crentes carnais e crentes inconstantes. Queixas dos vizinhos. Enfermidade. Casamentos problemáticos. Questões financeiras. Divergências

na liderança. Localização ruim. Barulho do tráfego lá fora. Rancores e bate papos cujo tema é ver o pastor pelas costas. Todo tipo de problema. Algumas igrejas os têm aos montes.
E, a propósito, acabo de ouvir acerca de um excelente método para se livrar do pastor. Ora vamos, já está na hora de rir um pouco. É uma dessas "correntes". Não lhe custará nada. Você escreve uma carta, tira seis copias dela e manda para mais seis igrejas que estejam cansadas de seus pastores. Depois você embrulha os eu pastor, e o remete para a última igreja da lista. Uma semana depois, você receberá 16.436 pastores... pelo menos um deles deve ser perfeito para sua igreja. Mas cuidado, uma igreja interrompeu a corrente, e recebeu seu antigo pastor de volta.
Sabe, existem muitas formas de se romper a síndrome da ansiedade. Mas a melhor ainda é "lançar sobre ele toda a vossa ansiedade".

Uma Sensível e Sensata Consciência da Presença do Inimigo

Para uma igreja permanecer forte e cheia de esperança, de entusiasmo e visão espiritual, precisa ter plena **consciência da presença do inimigo**. Veja como Pedro aborda essa questão:

"Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar; Ao qual resisti firmes na fé, sabendo que as mesmas aflições se cumprem entre os vossos irmãos no mundo." (I Pe 5.8-9)

Ser "sóbrio" significa ser forte, estável, ter autocontrole.
Ser "vigilante" é estar sempre cauteloso, ciente das coisas.
Irmão, essas ordens foram dadas a nós. São ordens que emanam do nosso quartel general. **Não estamos empenhados numa brincadeirinha, nem numa obra leviana. Temos um inimigo solto, à nossa frente**. E quer estejamos ou não conscientes dele (e deveríamos estar), o fato é que Le está bem ciente da nossa existência. Ele nos conhece muito bem. É ardiloso, inteligente, experiente e muito resistente na luta. E odeia tudo que diz respeito a Deus e a todos que estão realizando a obra de Deus. E sabendo que ele está rondando ao nosso redor, empenhado em nos derrotar, temos que estar sempre cientes disso, e não nos enganarmos pensando que "ele não está nem aí" para nós. A verdade é que Le está aí, e pra valer!
Vejamos de novo qual é o objetivo dele: devorar. Eu diria que isso é uma estratégia de ataque. Nada o detém. E se uma estratégia de ataque exterior não der certo, ele utilizará uma manobra interna: outras pessoas, pensamentos estranhos, imaginação desenfreada, um comentário maldoso, um período de depressão emocional, uma inexplicável série de problemas, e eu acrescentaria ainda apatia. É, a velha e conhecida indiferença, o desinteresse, a passividade.
E o que uma igreja deve fazer quando sofre esses ataques? Resistir! Resistir! Resistir! Permanecer firme na fé! Outra tática que tenho achado muito boa é confessar a presença dele para outro crente. Se há uma coisa que ele não suporta é ver-se descoberto.
Faz alguns meses, estávamos passando por alguns problemas na igreja. Muitos crentes não estavam conscientes da situação, nem seria correto que eu a mencionasse. Eu estava passando por uma grande luta, e não conseguia superá-la. Por mais que tentasse, não conseguia desanuviar a situação e chegar a uma conclusão satisfatória. Eu próprio estava irritado com minha falta de firmeza, e ainda havia outros problemas que eram conseqüências do episódio. Fiquei seriamente preocupado. Minha liderança estava enfraquecida. Comecei a ficar retraído, mais calado, mais despercebido. Mas como não sou muito do tipo de passar despercebido, não consegui manter essa atitude por muito tempo. Certo dia, em conversa com um homem a quem admiro muito, ele fez um

comentário que **me fez ver a situação toda pela perspectiva certa**. Depois de me ouvir uns dez ou quinze minutos, ele disse:

- Chuck, isso está parecendo um ataque demoníaco. Sabe, quando ele consegue colocar um pé numa porta entreaberta, deixando-nos intimidados, cheios de dúvida, e já esperando que ele coloque o outro, ele obteve uma grande vitória. imagine só quantas pessoas serão afetadas se você começar a vacilar na liderança da igreja.

Então compreendi tudo. Fiquei espantado ao perceber que não entendera que não estava lutando contra carne e sangue apenas. De modo algum! O adversário que nos espreita tinha encontrado um ponto vulnerável e estava agindo entre nós. Mas que diferença, depois que tomamos consciência de suas estratégias traiçoeiras e enganosas!
Até aqui vimos quatro maneiras de reviver a esperança em nossa vida e na igreja, e de como mantê-la viva. Pedro menciona mais uma:

Uma Reação Positiva Diante das Adversidades

"E o Deus de toda a graça, que em Cristo Jesus vos chamou à sua eterna glória, depois de haverdes padecido um pouco, ele mesmo vos aperfeiçoará, confirmará, fortificará e fortalecerá. A ele seja a glória e o poderio para todo o sempre. Amém." (I Pe 5.10-11)

Como é fácil nos deixarmos prender nas malhas da autopiedade! É a maneira mais natural e comum de reagirmos ao sofrimento. Aliás, as pessoas até nos levam a agir assim. Mas Pedro tem uma posição diferente. Ele tem consciência de que seus leitores são pessoas que já estão nas trincheiras. A questão aqui não é se vão sofrer, mas como vão encarar o sofrimento.
Um ponto interessante é que ele não dá muita atenção à adversidade ou problema por que estão passando. Ele passa imediatamente para os benefícios: "... depois de terdes sofrido por um pouco, ele mesmo (Deus) vos há de aperfeiçoar..." Que perspectiva grandiosa! Ele se recusa a ficar atolado no problema do sofrimento em si. Ele volta sua atenção (e a nossa também) para os resultados finais.
Quando as coisas se tornam difíceis para uma igreja que possui esperança, ela toma alento. Em vez de cair, fica de pé. Compreende que essa provação temporária lhe trará benefícios permanentes. Para usar um termo de atletismo, ela "se apóia no vento", em vez de deixar-se derrubar por ele, e desistir de tudo.
Vejamos esses benefícios. Deus irá:

- Aperfeiçoar – esse termo possui a idéia de consertar peças fracas ou quebradas.
- Firmar – tornar firme, sólido como granito, rijo como fibras, forte como aço temperado.
- Fortificar – remover a flacidez, trocar a fragilidade pela estabilidade.
- Fundamentar – é a idéia de lançar um alicerce. O sofrimento nos leva de volta à pedra fundamental de nossa fé.

Já está na hora de um maior número de pessoas começarem a falar sério sobre como encararmos a dor e os problemas. Já li e ouvi o suficiente para saber que estamos encarando tudo isso de maneira errada. Entendo que é uma generalização bem ampla, mas estou convencido de que é verdade. Essa nossa geração é a geração dos mestres das explicações. Hoje tudo tem o seu rótulo, e sempre que alguma coisa acontece, principalmente se for algo que incomoda, procuramos logo o

rótulo. Em vez de prever resultados positivos para um problema, assumimos uma atitude de mártir, passamos a desejar a piedade dos outros, e se não a recebemos ficamos bastante ressentidos. Em vez de adotar uma atitude de vitória ("Isto vai me beneficiar, isso não é apenas uma justificativa da vida, ou, a mão de Deus está nisso"), recorremos às patéticas lamentações de uma vítima (Por quê? Coitado de mim! Ah, se as pessoas entendessem o sofrimento que estou passando! Será que isso algum dia terá fim?).

A questão é que, quando se tem esse tipo de atitude, a esperança morre. Ela fica esmagada debaixo do peso da infelicidade que assumimos. Os problemas nunca deixarão de existir. Ou aprendemos a aceitá-los, ou eles se tornam uma barreira constante ao crescimento e desenvolvimento de nosso espírito. E o fato é que transmitimos esse tipo de atitude para os nossos filhos. Como seria melhor se ensinássemos a eles (e déssemos o exemplo) uma atitude de determinação, que se recusa a desistir de tudo, quando encontra sofrimentos que nos saio afligidos pelos contratempos da vida. Carl Jung estava certo quando afirmava: "A neurose é apenas a substituta do sofrimento verdadeiro."

Em The Road Less Travaled (A Estrada menos transitada), um excelente livro, que trata desse assunto em profundidade, o autor afirma ousadamente o seguinte:

"... e é em todo o decorrer desse processo de enfrentar problemas e solucioná-los que a vida adquire significado. Os problemas são o fator básico que irá determinar nosso sucesso ou fracasso. Na verdade, são eles que fazem brotar em nós coragem e sabedoria. Só crescemos espiritual e mentalmente quando temos problemas. Quando desejamos estimular o crescimento do espírito humano, desafiamos e incentivamos a capacidade que o homem tem de resolver problemas, assim como, na escola, damos problemas às crianças para que solucionem. Aprendemos nossas lições através do sofrido processo de enfrentar e resolver problemas. É como disse Benjamim Franklin: 'As coisas que nos ferem, nos instruem.' É por isso que as pessoas mais sábias aprendem a não temer os problemas; chegam até a recebê-los bem, inclusive o sofrimento que eles causam.

Mas a maioria das pessoas não tem essa sabedoria. Com medo do sofrimento, quase todos nós, em maior ou menor escala, procuramos evitá-los. Ficamos a adiar a solução, com esperança de que ele desapareça. Nós o ignoramos, esquecemos,fingimos que não existem. Chegamos até a tomar drogas que nos ajudem a ignorá-los, de modo que tornando-nos insensíveis à dor, esqueçamo-nos dos problemas que causam essa dor. Sempre procuramos contornar os problemas, em vez de encará-los de frente. Preferimos nos livrar deles, para não ter de sofrer com eles.

Pois é essa tendência de evitar os problemas e o sofrimento emocional que eles trazem, a principal causa das doenças mentais."

UMA OBSERVAÇÃO FINAL

Se você estiver pensando seriamente em aplicar algumas idéias práticas em sua vida ou em sua igreja acerca dessa questão de fortalecer a esperança, sugiro que tire uns momentos para repassar as cinco orientações contidas em I Pedro 5. Já aprendi que as coisas não mudam exteriormente de maneira automática, só porque queremos. Elas se modificam primeiro em nossa mente, onde viramos e reviramos algumas idéias, e onde plantamos as sementes que depois irão germinar e se transformar em atos.

Se você acha que vale a pena ter todo esse trabalho para desenvolver relacionamentos sem máscaras na igreja e particularmente na sua vida, então prepare-se para um grande desafio. Em minha opinião, essa é a melhor maneira de sobreviver nesse nosso planeta agitado e solitário; e

vale a pena, seja qual for o risco que exigir de nós. Para mim, a outra alternativa não é mais uma opção.

PERGUNTAS E SUGESTÕES PARA DEBATE

- Passe algum tempo conversando sobre sua igreja. Faça algumas avaliações sobre ela. O que você mais aprecia? Quais os trabalhos que mais agradam à sua família? Se levar um visitante à igreja no próximo domingo, o que acha que o impressionará mais?
- Em que área você pode dar maior contribuições? Dos diversos trabalhos da igreja, qual lhe interessaria mais? Explique por quê?
- Na sua igreja, a esperança está forte ou debilitada? Releia a definição de esperança que aparece no capítulo 12. Acha que pode ajudar a fortalecer a esperança em sua igreja? Como?
- Leia I Pedro 5.1-11, cada pessoa presente lendo um versículo. Agora, converse sobre as cinco sugestões que ele dá para se fortalecer na igreja à luz do sentimento de esperança. Analise a sua igreja À luz do que Pedro diz, com toda sinceridade, citando situações bem especificas.
- O sofrimento é uma realidade inevitável da vida. Como vimos no final do capítulo, é duro suportar adversidades e aflições, mas essas coisas nos trazem benefícios maravilhosos, bem como o fortalecimento de caráter. Fale de algumas lições que aprendeu no cadinho das provações.
- Antes de encerrar, agradeçam a Deus as lições aprendidas na fornalha da aflição.

CONCLUSÃO

Em 1981, resolvi escrever um livro sobre “servir”. E o resultado foi “Eu, um Servo?”, um estudo sobre uma vida de autonegação. Depois de algum tempo, os editores me comunicaram que o livro tinha obtido sucesso, e me senti estimulado a escrever outro, de conteúdo totalmente diferente. E assim, em 1982 publicamos “Firme Seus Valores”. Se você j ao leu, sabe que se trata de uma análise de certos valores essenciais aos quais precisamos nos apegar, neste mundo perdido em que vivemos. Achei que esses dois livros seriam suficientes para o nosso público, uma espécie de direcionamento para aqueles que estão tentando manter-se firmes nesta nossa geração desnorteada.

Mas antes mesmo de entrar o ano de 1983, meus amigos da Editora Word Books já me procuravam para o terceiro assalto (não, isso não vai ser uma luta de quinze assaltos), dizendo-me que “apreciariam muito uma trilogia”, já que o primeiro e o segundo livro tinham tido uma boa aceitação do público evangélico e não evangélico. E foi assim que “Vivendo Sem Máscaras” chegou ás suas mãos. Como o leitor já deve ter percebido, este livro é totalmente diferente dos outros dois. O conteúdo do primeiro era dirigido principalmente àqueles que gostariam de ajudar às pessoas da família de Deus. O segundo trazia mais uma preocupação com o mundo, e abordava assuntos atuais, bem ligados a essa nossa sociedade apressada. Este faz um exame interior. Este livro focaliza o mais íntimo do nosso ser. Aqui exploramos e revelamos nossa tendência de resguardarmo-nos, embora às vezes não percebamos que agimos assim.

“A maioria das pessoas não entende que estamos tentando nos resguardar. Preferimos nos ver como indivíduos ternos e sinceros, abertos para os outros. E muitos ficarão chocados ao saber que

os outros, principalmente aqueles que se acham mais próximos de nós, talvez nos vejam como pessoas duras, críticas e muito fechadas...
Parafraseando uma famosa poetisa, gostaria de dizer: 'Como me protejo? Deixe-me contar as maneiras.'"
Nosso propósito neste livro é incentivar os crentes a removerem todo tipo de máscara com que têm se protegido. Desejamos mostrar o valor de relacionamentos sem máscaras. Na verdade, o que estamos dizendo aqui é "Seja você mesmo; revele a verdade a seu respeito. Vamos lá, abra-se. Não simulemos mais a verdade."
Dos três livros, este é o de cunho mais pessoal. Embora ninguém me tenha convidado para penetrar em seu interior e examiná-lo, tomei a liberdade de fazer isso, para ajudá-lo a procurar e encontrar algumas indicações sobre a razão de você ter optado pelo isolamento, em vez de optar pela franqueza.
Agora vamos passar à ação. Quando colocarmos o ponto final nesta conclusão, encerraremos a teoria e começaremos com a prática. A medida da eficiência deste livro não será determinada pelo número de frases que você sublinhou, nem pelo fato de você citá-lo para outros, mas pela proporção em que você o aplicar.
Sabe o que é? Se alguém realmente acreditar que essas idéias são valiosas, se estiver convencido de que uma vida sem máscaras, sem resguardos morais é melhor do que estar sempre na defensiva, começará a se abrir. Mas terá que correr o risco. E tenho uma coisa para lhe dizer: chegará um momento em que você sentirá que não sabe mais viver de oura maneira. Viver sem máscara é uma prática que cria dependência e é altamente contagiante.
Tenho vontade de sorrir quando penso nas bênçãos que você começará a gozar assim que tomar as verdades dessas páginas e as aplicar em sua vida diária. Pense em como será diferente em sua casa, no seu trabalho, na sua igreja, no relacionamento com os amigos. Pense só no alívio que terá quando for removendo todas as densas máscaras de hipocrisias que o atormentaram durante vários anos.
Isso, meu amigo, ponha este livro de lado agora. Você já leu o suficiente. Não precisa mais de informações teóricas. Agora o que você é desmascarar-se na prática, e de tempo e espaço para agir da maneira como crê.
Então, o que está esperando? Saia e tenha coragem de **ser autêntico, íntegro, de ser você mesmo**. Você estará assim embarcando na viagem mais maravilhosa de sua vida!